

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Aislan Camargo Maciera

(organizador)



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor

Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora

Maria Arminda do Nascimento Arruda



**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS
E CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor

Paulo Martins

Vice-Diretora

Ana Paula Torres Megiani

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA,
LITERATURA E CULTURA ITALIANAS**

Coordenadora

Profa. Dra. Fernanda Landucci Ortale

Vice-coordenadora

Profa. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi



**GEPLIT - GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM
LITERATURA ITALIANA E TRADUÇÃO**

Coordenação

Profa. Dra. Lucia Wataghin

Vice-coordenação

Dayana Loverro



CENTRO INTERNAZIONALE DI STUDI PRIMO LEVI

Diretor

Prof. Dr. Fabio Levi

**Responsável pelas iniciativas e projetos
voltados à escola**

Prof. Dra. Roberta Mori

DOI 10.11606/9788575064221

Aislan Camargo Maciera

(organizador)

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas



fflch

FACULDADE DE FILOSOFIA,
LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

São Paulo, 2022

P953 Primo Levi e a educação [recurso eletrônico] : experiências e reflexões didáticas / Organização: Aislan Camargo Maciera. -- São Paulo : FFLCH/USP, 2022.
6.023 Kb ; PDF.

Vários autores.

ISBN 978-85-7506-422-1

DOI 10.11606/9788575064221

1. Intelectuais – Itália (Século XX). 2. Educação. 3. Literatura italiana. I. Levi, Primo (1919-1987). II. Maciera, Aislan Camargo.

CDD 853

Diagramação: Mota Produções

Capa: Julia Krauss Stabel

Esta publicação recebeu o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

SUMÁRIO

Apresentação	6
---------------------------	----------

Aislan Camargo Maciera

Primo Levi, os jovens e a escola	10
---	-----------

Aislan Camargo Maciera

A deontologia da testemunha.....	28
---	-----------

Roberta Mori

A literatura de Primo Levi para a formação omnilateral no estágio de licenciandos em Química.....	39
--	-----------

Carlos Sérgio Leonardo Júnior

Luciana Massi

Rafaela Valero da Silva

Luciane Jatobá Palmieri

Uma proposta de mediação para a exposição “Um quimiscritor no museu: Ciência, Literatura e Direitos Humanos com Primo Levi	53
---	-----------

Elliston Mazela da Cruz

Luciane Jatobá Palmieri

Luciana Massi

Primo Levi e a desumanização: porque esse é um assunto atual e necessário.....	73
---	-----------

Rafaela Valero da Silva

Carlos Sérgio Leonardo Júnior

Luciana Massi

Grãos de sal e de mostarda. Uma experiência didática e algumas reflexões.....	81
--	-----------

Giovanna Lombardo

Cinco verbetes da Wikipedia para aprofundar as obras de Primo Levi	89
---	-----------

Centro Internazionale di Studi Primo Levi

Dicionário Leviano ilustrado da pandemia.....	93
<i>Roberta De Luca e estudantes do Liceu Leonardo Da Vinci</i>	
Primo Levi é um autor necessário.....	114
<i>Roberta De Luca</i>	
Sobre os autores.....	117

APRESENTAÇÃO

Primo Levi (1919-1987) é um autor para sempre e para todos. É a partir dessa afirmação que pensamos no papel que o escritor italiano, uma das grandes testemunhas do “breve século XX” – para usar a conhecidíssima expressão cunhada pelo historiador Eric Hobsbawm – assume com uma literatura fundada no testemunho, mas que caminha por tantas outras e múltiplas direções. Químico de formação, Levi foi preso no final de 1943 junto com companheiros de um recém-formado bando *partigiano*, que pretendia lutar contra os fascistas e os nazistas que, naquele momento, ocupavam a porção norte da Itália. Em fevereiro de 1944, entregue aos alemães, foi deportado como judeu para Monowitz, um dos campos do complexo de Auschwitz, na Polônia. Ali viveu os seguintes onze meses de sua ainda jovem vida até ser libertado pelo Exército Vermelho, em 27 de janeiro de 1945. É dessa experiência que nasce a literatura de um dos mais importantes escritores e pensadores do século XX.

Pensar na obra de Levi a partir do testemunho não significa reduzi-la a isso. Mas não é possível captar a complexidade e, sobretudo, as potencialidades de sua obra se não observando-a a partir da experiência no *Lager*. Sem se desprender da figura da testemunha, todo aquele que se debruça sobre os escritos do autor italiano deve considerar duas premissas fundamentais: uma é o seu caráter poliédrico, pautado por uma variedade de gêneros que vão da autobiografia à ficção, do ensaio à poesia, da realidade à quase total fantasia; a outra é a capacidade que seus livros têm, a partir das narrativas e reflexões, de suscitar discussões sobre questões atuais e, muitas vezes, atemporais.

Porém, até mesmo na Itália, como veremos, é grande o esforço de críticos e estudiosos para trazer à tona um quadro no qual Primo Levi seja exposto, com fortes contornos e cores fortes, como um escritor *a pieno titolo*. Quando observamos a sua trajetória, percebemos que o reconhecimento como escritor foi lento e gradual. Primeiramente visto como um químico que sobreviveu ao massacre nazista, foi se inserindo no ambiente intelectual e literário italiano aos poucos, conforme lançava suas obras, participava de eventos destinados à memória da *Shoah* e concedia entrevistas. Porém, ainda hoje, conclui-se que esse reconhecimento leva em consideração, quando observamos a maneira como o autor é abordado nas escolas italianas, ainda que prioritariamente e, em alguns casos, exclusivamente, o seu papel de testemunha e seus escritos testemunhais.

Dessa forma, nossa intenção ao organizar esta coletânea é a de trazer ao leitor, mesmo que de maneira preliminar, alguns indícios da potencialidade presente na

literatura de Primo Levi, considerando os contextos escolares. Da formação docente ao processo de ensino e aprendizagem, a ideia é trazer reflexões e experiências concretas de docentes e estudiosos que se debruçaram sobre os escritos do autor, e a partir deles geraram interessantes trabalhos.

Na primeira parte, a coletânea traz dois textos que analisam o papel de Primo Levi como testemunha, e como esse papel, convictamente assumido pelo escritor, contribui para que sua obra esteja presente entre os jovens leitores. O primeiro, intitulado “Primo Levi e seu terceiro ofício: os jovens e a escola”, de minha autoria, expõe como o escritor, desde o início, coloca-se como alguém que quer, até por necessidade, narrar a sua experiência, transformando-se assim, quase que por antonomásia, na testemunha do *Lager* e da *Shoah*. Além disso, expõe a fértil e sempre presente relação de Levi com os jovens estudantes do ensino básico italiano – pré-adolescentes e adolescentes, de 11 a 18 anos – e a sua constante preocupação com a manutenção da memória dos sobreviventes, fator extremamente importante para a construção do discurso histórico que será levado às futuras gerações. O artigo também traz trechos traduzidos – inéditos – de entrevistas concedidas pelo autor a jovens estudantes, bem como referências às edições escolares por ele organizadas. O segundo artigo, “A deontologia da testemunha”, texto de Roberta Mori, responsável pelo setor didático do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, instituição com sede em Turim que é referência para estudiosos do mundo todo, traz também a atenção do autor voltada aos jovens leitores, especialmente aos estudantes, destacando o elevado grau de consciência que ele tinha sobre o seu papel educativo e civil. O artigo propõe, a quem se dedica a utilizar a obra do autor em sala de aula, um rápido reconhecimento do patrimônio de ideias, dos problemas e das possíveis soluções que o trabalho da testemunha Primo Levi deixa ao mundo escolar hoje.

A segunda parte é formada pelos trabalhos acadêmicos do grupo de estudos de Educação em Ciências, liderado pela Professora Luciana Massi, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. O primeiro deles, de autoria de Carlos Sérgio Leonardo Junior, Luciana Massi, Rafaela Valero da Silva e Luciane Jatobá Palmieri é uma contribuição para a formação de docentes. Em “A literatura de Primo Levi para a formação omnilateral no estágio de licenciandos em Química”, os autores trazem reflexões e contribuições da área de Educação em Ciências, bem como da Pedagogia Histórico-Crítica, e relatam experiências vivenciadas no ambiente escolar, nas quais a literatura foi pensada como uma ferramenta extremamente funcional no processo de ensino de ciências. O segundo artigo dessa seção, “Uma proposta de mediação para a exposição ‘Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi’”, de autoria de Elliston Mazela da Cruz, Luciane Jatobá Palmieri e Luciana Massi, a partir da

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

importantíssima iniciativa de construção da mostra dedicada ao autor, localizada no Centro de Ciências de Araraquara/SP, expõe como foi pensada e montada a exposição, e as propostas de mediação capazes de cumprir a finalidade do projeto, que é a de apresentar Primo Levi, considerando toda a sua complexidade e destacando o caráter “científico” de sua obra. Por fim, o breve artigo “Primo Levi e a desumanização: porque esse é um assunto atual e necessário”, de Rafaela Valero, Carlos Sérgio Leonardo Junior e Luciana Massi, coloca em pauta o tema da desumanização, destacando que a obra de Primo Levi oferece meios para a discussão dessa temática, a partir de um viés de denúncia combativa.

Na terceira e última seção desta coletânea, trazemos alguns relatos de experiências concretas, interessantes e atuais, e reflexões surgidas a partir de trabalhos desenvolvidos no âmbito escolar italiano, com alunos da escola secundária de primeiro e segundo graus. Todas as autoras são professoras que propuseram aos alunos leituras aprofundadas das obras de Primo Levi, em contextos diferentes e abordagens distintas. Giovanna Lombardo, em “Grãos de sal e de mostarda. Uma experiência didática e algumas reflexões”, traz a experiência vivenciada junto a seus alunos, entre 13 e 15 anos, a partir da leitura de *A tabela periódica*, livro que também aparece em outros trabalhos deste volume. No contexto da pandemia da Covid-19, do distanciamento social e das aulas remotas, a tecnologia foi grande aliada do processo de aprendizagem dos alunos. Assim como na iniciativa do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, relatada em “Cinco verbetes da Wikipedia para aprofundar as obras de Primo Levi”: professores de história deviam propor a seus alunos a composição, na *Wikipedia*, de um ou mais verbetes de história contemporânea relacionados a personagens presentes na obra de Primo Levi. O resultado é um interessante trabalho coletivo de reconstrução das biografias das personagens envolvidas, por meio da recuperação e validação das fontes históricas. Por fim, temos o trabalho desenvolvido pela professora Roberta De Luca, que propôs aos alunos a construção de um “Dicionário Leviano ilustrado da pandemia”, a partir da palavra “contágio”, presente em vários escritos de Levi. O resultado é muito interessante, pois além da visão dos alunos sobre o termo e os trechos retirados das obras do autor, temos alguns desenhos que se relacionam com o contexto de confinamento e distanciamento imposto pela pandemia, ainda no ano de 2020. A reflexão da professora, “Primo Levi é um autor necessário”, encerra este volume.

A intenção, evidentemente, não é esgotar o assunto. Muito longe disso. Pretende-se aqui, através das experiências relatadas e das reflexões apresentadas, suscitar novas reflexões e experiências, que possam ir até além da literatura de Primo Levi, mas que a tomem como um mote para a discussão de questões históricas como o nazifascismo, a Segunda Guerra, a Shoah, a Guerra Fria; ou de

questões atuais, que se relacionam com as históricas, e que cada vez mais parecem estar presentes, como por exemplo, as constantes ameaças trazidas pelo autoritarismo crescente da extrema-direita pelo mundo ou os muitos negacionismos e revisionismos surgidos aqui e ali. Por isso tudo, a obra de Levi é poliédrica, multifacetada, interdisciplinar, e até indispensável para uma formação omnilateral do estudante.

Para encerrar, gostaria de agradecer imensamente à Dra. Roberta Mori e todo o *staff* do Centro Internazionale di Studi Primo Levi de Turim, que sempre tornam possíveis as iniciativas que envolvem o nome de Primo Levi no Brasil. O agradecimento estende-se às professoras das escolas italianas, Giovanna Lombardo e Roberta De Luca, que desenvolveram seus trabalhos e possibilitaram que trouxéssemos essas experiências ao leitor brasileiro. Não poderia deixar de citar especialmente os alunos do Liceu “Leonardo Da Vinci” de Terracina que, com sensibilidade, foram capazes de captar as mensagens de Primo Levi durante um momento tão difícil causado pela pandemia de Covid-19. Agradeço, ainda, a Profa. Luciana Massi e todo o seu grupo: Carlos Sérgio Leonardo Junior, Rafaela Valero, Luciane Palmieri e Elliston Mazela da Cruz.

Por último, direciono os meus agradecimentos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que através do financiamento concedido, tornou possível esta iniciativa.

O organizador.

PRIMO LEVI, OS JOVENS E A ESCOLA

Aislan Camargo Maciera

Esquecer significa eliminar. O esquecimento de um fato, de um evento ou de uma história, assim como o esquecimento de alguém, é a sua eliminação. A manutenção da memória é a sobrevivência do que já foi, do que já ocorreu, do indivíduo e de sua própria vida. Por isso, é inquestionável o valor histórico e humano da memória, do passado evocado por meio do testemunho e da experiência. Primo Levi, testemunha da *Shoah*, é nesse caso um dos grandes, fundamentais e incontornáveis exemplos: o jovem químico, de origem judaica, preso como *partigiano* e deportado como judeu, viveu quase um ano de sua vida como prisioneiro dos nazistas em um dos campos da morte e, a partir de uma característica curiosidade, de uma mente lúcida e observadora, e de um comportamento pacato e igualmente lúcido, traz a sua experiência para as presentes e futuras gerações, para quem, felizmente, não havia conhecido aquele universo a partir da perspectiva de quem esteve lá dentro. A experiência de Levi, apesar de traumática, indizível e, muitas vezes devastadora, é o testemunho que enriquece e que nos leva a refletir sobre passado, presente e futuro; é o testemunho que não se apaga, que se perpetua na história, e que, por que não, serve de alerta àqueles que viverão pelas próximas gerações, bem como àqueles que são responsáveis pela formação desses indivíduos.

Desde a libertação do campo de Monowitz, um dos campos de concentração e extermínio do complexo de Auschwitz, no final de janeiro de 1945, e a volta para casa, ocorrida em outubro de 1945, Levi assumiu convictamente o papel de testemunha. A experiência como deportado e a consequente necessidade de narrar foram fatores determinantes (DIAS; MACIERA, 2019) para o surgimento de um autor que se coloca como um dos grandes pilares da literatura do século XX. Dizer que Primo Levi é uma testemunha plena da *Shoah* não é nenhuma novidade. Há muito tempo sua obra literária é lida e estudada também como um documento histórico que, a partir de uma micro história – os relatos de um jovem químico italiano que sobreviveu extermínio nazista – nos leva para dentro de um dos eventos mais significativos e traumáticos da história humana. Assim, a literatura de Levi, sobretudo na chamada “trilogia de Auschwitz” – *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes* –, mas não somente nela, é parada obrigatória para quem deseja conhecer profundamente, e a partir de dentro, os eventos da Segunda Guerra, e mais especificamente os campos de concentração e extermínio.

Ressalte-se que Levi não é somente uma testemunha da *Shoah* e dos campos da morte. Seu testemunho vai além. Ele é testemunha da história da segunda metade do século XX: é testemunha dos regimes autoritários e totalitários que perseguiram grupos étnicos e adversários políticos; do avanço científico e tecnológico, que prometia o progresso e o bem-estar da humanidade, levando-a às viagens espaciais e às descobertas de novos medicamentos e tratamentos, mas que também tinha potência de levá-la à autodestruição; da tensão causada pela Guerra Fria e dos genocídios espalhados pelo mundo; da constante ameaça nuclear e de outra ameaça, ainda mais viva em sua mente e em sua realidade, proporcionada pela sobrevivência das ideias e métodos do nazifascismo.

Dessa forma, sua obra literária é peça fundamental da memória do século XX, um farol que ilumina a memória dos sobreviventes do massacre nazifascista e, ainda mais, a de todos aqueles que, de alguma forma, tiveram sua liberdade e sua vida ameaçada; constitui-se como uma história exemplar que faz refletir sobre os vários aspectos da condição humana. Uma história que se construiu ao longo de quase quarenta anos de militância, não ideológica, mas humanista, dentro de uma complexidade poliédrica que nos obriga a observá-la a partir de várias perspectivas, e não somente como autor da literatura de testemunho.

Pode-se dizer que, durante toda a sua vida pós-Auschwitz, a imagem de Levi foi construída pelos dois ofícios que, basicamente, formavam a sua identidade. Como químico e escritor, assumia para si uma identidade híbrida, já reivindicada em entrevista de 1966, concedida por ocasião do lançamento de seu primeiro livro de narrativas de ficção, *Histórias naturais*:

Eu sou um anfíbio, um centauro [...]. Estou dividido em duas metades. Uma é a da fábrica, sou um técnico, um químico. Uma outra está totalmente destacada da primeira, e é aquela a partir da qual escrevo, respondendo as entrevistas, trabalho nas minhas experiências passadas e presentes. São exatamente dois meios cérebros (LEVI, 2018, p. 17, tradução minha).

Levi trabalhou como químico antes, durante e após a deportação. Um dos capítulos mais significativos de seu livro de estreia – *É isto um homem?* –, intitulado “Exame de química”, narra a experiência como técnico no laboratório químico no campo de Monowitz, um dos fatores, inclusive, aos quais ele atribui a sua sobrevivência. Ao ser escolhido para trabalhar no laboratório químico da Buna, a indústria que geria o campo onde era prisioneiro, Levi teve alguns “privilégios” que outros prisioneiros não tinham. Dentre eles estava a possibilidade de trabalhar em um lugar aquecido

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

durante o inverno polonês, ou ainda a possibilidade de se apoderar de alguns objetos que serviriam como moeda na obtenção de uma porção extra de pão ou sopa. A química volta a ser assunto central em seu quinto livro, *A tabela periódica*, lançado em 1975, o mesmo ano no qual o autor se aposentou. De 1946 a 1975, Levi trabalhou na SIVA, uma indústria de vernizes na qual foi técnico e diretor.

Podemos considerar que Primo Levi é o escritor que é, exatamente por ser químico. Além disso, é o escritor que é, exatamente por ter sido deportado e por ter sobrevivido. A necessidade de narrar que, segundo ele, o acometia ainda dentro do *Lager*, o leva a traçar as linhas que depois seriam reconhecidas, merecidamente, como uma das obras mais importantes da literatura do pós-Segunda Guerra. Porém, é importante ressaltar que, nas primeiras declarações sobre a própria literatura, Levi fazia questão de destacar que era um químico que escrevia, e que só escrevia porque era um sobrevivente: essa foi a imagem que se formou diante do público e da crítica até, pelo menos, meados dos anos 1960, quando publicou sua segunda obra, *A trégua* (1963), e o volume de contos de ficção científica, *Histórias naturais*. Levi era, enfim, testemunha, papel assumido definitiva e convictamente já nos primeiros contatos que teve após a liberação. O ser testemunha é uma característica indelével da sua personalidade e, conseqüentemente, da sua literatura.

Como testemunha, Levi não se limitou aos relatos escritos de sua experiência, exposta direta ou indiretamente em seus livros. Sempre fazia questão de contar a sua história, mesmo a desconhecidos e, quando se transformou em um escritor conhecido, raramente negava um pedido de entrevista. As entrevistas de Levi constituem um instrumento extremamente eficaz na análise da complexidade e das várias facetas de sua obra: indicam a sua posição enquanto sobrevivente, testemunha e cidadão; confirmam sua lucidez, intimamente ligada a seu pensamento humanista e laico; expõem um intelectual engajado nas questões de seu tempo, relacionadas diretamente ou não com o tema que foi a gênese de sua literatura; apresentam, enfim, a imagem de um dos grandes pensadores e escritores do século XX. Além disso, as entrevistas são uma grande e importante fonte da biografia do autor, através das quais os estudiosos podem reconstruir percursos biográficos e editoriais.

Foram, ao longo de sua vida, mais de trezentas entrevistas, concedidas a jornalistas, estudiosos, críticos literários, escritores e até mesmo para jovens estudantes do Ensino Médio italiano. Até a metade dos anos 1970, devido principalmente ao sucesso de *É isto um homem?* e *A trégua*, em um contexto de revisitação da memória da Segunda Guerra e da *Shoah*, o autor era constantemente convidado para falar de sua experiência como deportado e sobrevivente, visto como uma testemunha plena daqueles eventos. Gradativamente, a sua fisionomia e identidade diante do público e

da crítica foi se modificando e, ao lado das situações nas quais era visto como testemunha, intensificadas a partir dos cada vez mais frequentes encontros com estudantes, entram em cena outros temas, tais como a ciência e seus avanços, ou a literatura e seu trabalho como escritor.

Entre 1961, ano da primeira entrevista publicada, e 1987, ano de sua morte, Levi foi uma voz a ser ouvida. E suas entrevistas são fundamentais, tanto para se conhecer a figura moral e intelectual que foi, quanto para se aprofundar na análise de seus escritos. As entrevistas diretamente dão voz ao escritor, sempre disposto a responder lucidamente os questionamentos dos interlocutores, fossem eles jornalistas experientes, como Giampaolo Pansa; escritores consagrados, como Philip Roth; ou jovens estudantes ainda na educação básica, como é o caso das entrevistas que aqui serão expostas. As conversas com os estudantes são, inclusive, muito significativas. Na maioria delas observamos o desenvolvimento mais profundo e detalhado dos temas inerentes à deportação e à sua experiência, ou a eles relacionados: as respostas tendem a ser mais longas e elaboradas, mais claras e objetivas.

As entrevistas de Levi são epitextos públicos (GENETTE, 2009, p. 303) que, dentro de determinados contextos, cumprem uma importante e desejada função didática e, em grande parte das vezes, estão intimamente ligadas às edições de suas obras. Os contextos nos quais ocorrem apresentam algumas variações, à medida em que ele vai sendo inserido no contexto cultural e intelectual italiano: são constantes a partir da década de 1960, por exemplo, as entrevistas por ocasião de lançamento de suas obras, bem como os encontros com estudantes da escola média italiana. As principais perguntas dirigidas ao autor são aquelas que se referem à sua sobrevivência, às condições dos campos, à sua opinião sobre os alemães, às causas do nazismo. Entre 1961 e 1967, os processos contra os nazistas fazem com que as perguntas sobre os alemães e sua culpa sejam mais frequentes. O tema do perdão retorna, seja nas entrevistas publicadas na imprensa, seja nas perguntas feitas pelos estudantes nas escolas. O “Apêndice” da edição escolar de *É isto um homem?* configura-se como um dos melhores exemplos: “é onde condensou as perguntas que lhe eram mais frequentemente dirigidas pelos leitores, principalmente pelos jovens estudantes” (BELPOLITI, 2018, p. XIV).¹

Nesse caso, tem-se um fenômeno interessante, que apresenta o que podemos chamar de autocomentário: o autor fala de sua obra, pontuando questões que se

1 O “Apêndice” não consta em nenhuma das edições brasileiras de *É isto um homem?*, todas publicadas pela editora Rocco desde 1988. A única tradução completa, com as perguntas e as respostas de Levi, está presente na dissertação de mestrado de Helena Bressan Carminati, intitulada “*Considerai se isto é um homem*”: uma leitura de Primo Levi, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina e disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/226880>>.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

referem à sua origem, ao seu desenvolvimento, às pretensas intenções. Mas as conversas extrapolam esse universo ligado estritamente aos livros: voltam ao passado para falar da sua experiência como *partigiano*, como prisioneiro – primeiro da República de Salò e depois dos nazistas –, como sobrevivente. Falam também de sua vida antes da deportação, de sua formação como leitor e de sua educação, do seu ofício de químico, das questões pessoais e coletivas etc. Muitas das entrevistas de Levi foram transcritas de registros orais gravados e, por isso, nos volumes nos quais estão reunidas, são adaptações que tornam a leitura mais fluente. Outras foram publicadas pela imprensa escrita e, portanto, apresentadas em sua versão definitiva.

A relação de Levi com os jovens estudantes é o ponto de partida para analisarmos o papel que sua literatura pode ter no universo escolar. A atenção que o autor dava a esse público é inegável e constatável. Foram, somente até 1979, segundo levantamento do próprio autor, cento e trinta encontros com estudantes nas escolas (MENGONI, 2021, p. 13) para falar de sua experiência e de questões sempre levantadas pelos jovens com curiosidade. Quando o seu papel como testemunha solidificou-se definitivamente, e à medida que seu papel de intelectual engajado ganha forma e consistência, Levi passa a ser cada vez mais uma voz a ser ouvida. E aos dois ofícios que o constituíam – químico e escritor –, soma-se o terceiro, o de testemunha que fala, e que faz questão de se dirigir aos seus leitores, principalmente aos mais jovens, concedendo entrevistas, respondendo cartas, comparecendo a encontros e eventos. Dessas falas emerge um intelectual preocupado com o quadro político nacional e internacional, com o futuro da humanidade, com as ameaças de um novo conflito em escala global e suas consequências.

A seguir, apresentaremos como a relação de Primo Levi com os jovens gerou um rico material de leitura e análise, e como para ele era fundamental o processo de ensino e aprendizagem, a partir da memória, da história e da ciência, na formação de cidadãos responsáveis e articulados com as questões de seu tempo.

O gosto dos contemporâneos

Um dos grandes e principais exemplos de interação entre Levi e os estudantes é parte de uma iniciativa de alguns professores de Pesaro, cidade de aproximadamente quarenta mil habitantes na região das Marche. Em 1980, nascia ali o projeto *Il gusto dei contemporanei* [O gosto dos contemporâneos], que por mais de vinte anos, mais precisamente de 1980 a 2003, envolveu todas as escolas superiores da cidade. Desenvolvido em parceria com a administração municipal, o projeto atin-

giu toda uma geração de jovens estudantes, adolescentes, incentivados a explorar o universo da literatura contemporânea. A fórmula era simples: em comum acordo escolhia-se o autor que seria lido, analisado e estudado durante todo o ano. Entrava-se em contato com ele, para convidá-lo a comparecer em Pesaro no final do ano letivo, onde aconteceria um encontro entre o escritor, os estudantes que haviam se debruçado sobre a sua obra e os professores. No meio tempo, entre a escolha e o evento final, alunos e professores tinham encontros periódicos para tratar e debater os temas presentes nos escritos daquele autor. O final do percurso era exatamente o encontro com o autor, “interrogado” diretamente pelos estudantes. O primeiro encontro, com Leonardo Sciascia, remete-nos a 1980; o último, com Giovanna Marini, aconteceu em 2003.

Além dos dois acima citados, outros importantes autores italianos do século XX estiveram presentes em Pesaro para serem “interrogados” pelos alunos: Umberto Eco, Italo Calvino, Mario Rigoni Stern, Domenico Starnone e Primo Levi são alguns dos mais significativos exemplos. A iniciativa dos professores da cidade marchigiana, entre nomes jovens e escritores já consagrados, alguns inclusive “canônicos”, contou com a participação de vinte autores. Em quatro oportunidades o encontro não pôde ser realizado por impedimentos de natureza pessoal por parte dos autores.

Dessa experiência, nasceu ainda uma iniciativa editorial com o patrocínio de algumas instituições financeiras locais: trata-se de uma série de volumes monográficos – também intitulados *Il gusto dei contemporanei* – sobre os autores que participaram do projeto. Os volumes, cada um dedicado a um autor e publicado pela tipografia Annesio Nobili, além da transcrição da entrevista, traziam alguns escritos críticos então inéditos, uma bibliografia atualizada e uma série de ilustrações. Ao todo foram publicados dez *Quaderni*:

1. *Quaderno n. 1*, Paolo VOLPONI, Pesaro, 1985.
2. *Quaderno n. 2*, Daniele DEL GIUDICE, Pesaro, 1986.
3. *Quaderno n. 3*, Italo CALVINO, Pesaro, 1987.
4. *Quaderno n. 4*, Mario LUZI, Pesaro, 1987,
5. *Quaderno n. 5*, Edmond JABÉS, Pesaro, 1988.
6. *Quaderno n. 6*, Alfredo T. ANTONAROS, Pesaro, 1989.
7. *Quaderno n. 7*, Primo LEVI, Pesaro, 1990.
8. *Quaderno n. 8*, Mario RIGONI STERN, Pesaro, 1999.
9. *Quaderno n. 9*, Eraldo AFFINATI, Pesaro, 2000.
10. *Quaderno n. 10*, Francesca SANVITALE, Pesaro, 2002.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Todas as publicações estão esgotadas. Há, porém, iniciativas que permitem ao leitor acessar algumas delas. É o caso, por exemplo, do debate dos estudantes com Italo Calvino, que aparece na íntegra no volume que reúne as entrevistas do autor (*Sono nato in America. Interviste 1951-1985*), organizado por Luca Baranelli e com introdução de Mario Barenghi, publicado pela Mondadori em 2012. Outro exemplo é a edição dedicada a Primo Levi. A entrevista coletiva (LEVI, 2018, p. 748-778), a conversa do autor com os alunos, encontra-se presente no terceiro volume das obras completas de Levi, que reúne as suas entrevistas, conversas, declarações e depoimentos. Organizado por Marco Belpoliti, foi publicado pela Einaudi em 2018.

O encontro dos estudantes com Primo Levi aconteceu em 5 de maio de 1986, no Teatro Rossini de Pesaro², onde alunos entre 15 e 18 anos, após terem lido as obras do autor durante todo o ano, o “interrogaram”, gerando um rico material. Em se tratando das entrevistas conduzidas por jovens leitores, esta é que explora com mais profundidade a sua atividade de escritor. Levi habituara-se a se encontrar com os jovens. Atendia diversos convites para dialogar com os alunos nas escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio, narrando sua experiência e expondo suas reflexões. Na entrevista coletiva de Pesaro, uma das perguntas sobre o ofício de escritor se destaca, bem como a resposta dada pelo entrevistado. Perguntado sobre qual definição daria a si mesmo como escritor, Levi responde:

É a pergunta mais difícil que já recebi. Gosto de mim como escritor, devo dizer, releio às vezes os meus livros, encontro melhores e piores, mas estou em paz comigo mesmo. Se tivesse que reescrever meus livros, mesmo os mais antigos, mudaria muito pouco. Parece que escrevendo me coloquei em paz comigo mesmo e com o mundo. Os outros julgamentos não são meus, não são de primeira mão, são os julgamentos que leio nas críticas e que são dirigidos a mim pelos críticos profissionais ou pelos meus leitores. Então me conheço muito mal, como alguém que se conhece no espelho e o espelho reflete sempre e somente uma certa imagem, aquela vista de frente e nunca de perfil. Algumas vezes encontro também as críticas, não tanto na Itália quanto no exterior; alguns de meus livros foram criticados, alguns muito asperamente, e isso também me serve, como um golpe do leme. Eu não escrevo para mim, escrevo para os meus leitores, italianos e não italianos, e por isso os julgamentos, se são positivos, me dão prazer, se são negativos, não me dão prazer, mas são muito úteis, servem para corrigir algumas coisas, para eventuais livros que deveria escrever no futuro (LEVI, 2018, p. 759-760, tradução minha).

2 Um documentário sobre o encontro de Primo Levi com os estudantes de Pesaro foi produzido e lançado em 2015. Intitulado “L’interrogatorio. Quel giorno con Primo Levi” traz depoimentos de professores e estudantes que estiveram no Teatro Rossini naquele dia, além de imagens gravadas na mesma ocasião. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NR7AOPr9kF4&t=38s>>.

Diante dos jovens, Levi coloca-se como alguém que combate com as armas que tem: utiliza a sua experiência e o seu conhecimento, a sua lucidez e a sua capacidade de expor as reflexões e ideias com clareza para chegar à mente dos mais jovens e fazê-los pensar. Afirma na mesma ocasião que “dentro de seus limites” escolhia combater. Combater escrevendo e debatendo, não com “uma faca ou com uma metralhadora, mas com os meios democráticos com os quais fomos afortunadamente providos, até os limites do possível” (LEVI, 2018, p. 760).

O encontro de Pesaro é um dos mais emblemáticos da relação de Levi com jovens estudantes. Mas outros exemplos, podemos dizer menores e mais pessoais, são extremamente significativos. Levi raramente recusava um pedido de entrevista que partia desse público. São numerosas as situações nas quais o autor recebia meninos e meninas na própria casa para responder as suas perguntas. Podemos, aqui, citar três desses momentos: o primeiro, ocorrido em 1973, o segundo, em 1978, e o terceiro, no início dos anos 1980, todos com estudantes do liceu, correspondente ao do Ensino Médio no Brasil.

Marco Pennacini entrevistou Primo Levi em setembro de 1973. O jovem, um adolescente de 16 anos, que cursava o segundo ano do Liceu Piero Gobetti, em Turim, após a leitura de *É isto um homem?* e *A trégua* criou um grande interesse pelo “universo concentracionário”, e pediu para falar com Primo Levi, que já era amigo de sua família. O escritor recebeu o rapaz em sua casa, o apartamento no qual sempre viveu, no número 75 do Corso Re Umberto. Pennacini levou um gravador, no qual registrou a conversa, e pretendia apresentar a entrevista em forma de um trabalho na escola. Quatro anos depois daquele encontro, quando já tinha ingressado na Faculdade de Agronomia, o jovem morreu em um trágico e inexplicável acidente. Em 15 de outubro de 1977, Marco, que era um caçador apaixonado, decidiu caçar no lago Arignano, nos arredores de Turim. Já era tarde da noite quando os pais acionaram as autoridades, pois o rapaz não havia voltado para casa. Depois de uma noite inteira de buscas, ao amanhecer, o cachorro de Marco levou os socorristas ao lago, onde encontraram primeiro seu rifle e sua jaqueta, nas margens, e logo depois o corpo do jovem, morto por afogamento. Não há testemunhas e não se sabe exatamente o que aconteceu naquele dia.

O registro da conversa entre Marco Pennacini e Primo Levi permaneceu desconhecido por muitos anos, pois os cassetes ficaram perdidos no escritório da mãe do jovem, Liliana Treves, por trinta anos. As fitas, depois de encontradas, foram doadas ao Centro Internazionale di Studi Primo Levi, onde, junto ao trabalho datilografado, apresentado na escola por Marco e um amigo, formam o Fundo Marco Pennacini³.

3 Descrição do fundo disponível em <https://www.primolevi.it/it/fondo-pennacini> e http://www.metarchivi.it/dett_fondi.asp?id=380&tipo=FONDI

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

No que diz respeito à entrevista, a versão presente no já citado terceiro volume das obras completas de Levi é a transcrita inteiramente por Daniela Muraca, do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, e intitulada “Do fascismo a Auschwitz há uma linha direta” (LEVI, 2018, p. 961-995). Uma versão reduzida, segundo Marco Belpoliti, havia aparecido no jornal *L'Unità*, em 26 de janeiro de 2011. Existe ainda, disponível no site do Liceu Gobetti de Turim, uma terceira versão⁴. O tema central do colóquio é a ameaça constante do retorno do fascismo: é preciso recordar que naquele momento Levi ainda trabalhava na indústria química, era um escritor relativamente conhecido, principalmente devido a seus escritos de testemunho, e que o contexto no qual a conversa acontece está inserido em um período de atentados terroristas na Itália, que deixaram muitos mortos, a partir de 1969: das bombas na Piazza Fontana àquelas nos trens. Levi estabelece uma relação entre os acontecimentos em Turim, o advento do fascismo e os acontecimentos na Itália da época. Refere-se, particularmente, a Piero Brandimarte, oficial dos *arditi*, fascista, responsável pela violência dos esquadristas⁵ nos anos 1920 na cidade piemontesa.

Dentre os vários elementos que merecem destaque na conversa entre Pennacini e Levi, naquele momento autor de quatro livros – dois sobre a experiência como deportado e dois de contos fantásticos e de ficção-científica – e de alguns outros escritos esparsos, estão os momentos nos quais o autor ressalta sua necessidade quase vital de narrar, de tornar sua experiência conhecida, de tornar o mecanismo de morte nazista conhecido:

[...] tinha uma tremenda necessidade de contar aquelas coisas: uma tal necessidade que se transformava em uma obsessão para todos. Bastava que me encontrasse diante de uma pessoa para contar-lhe imediatamente tudo, seja quem fosse: no trem, no metrô, na fábrica. E, ao fim, pareceu-me natural, ao invés de contar a todos, colocar as coisas no papel, de modo que se tornasse um documento (LEVI, 2018, p. 961, tradução minha).

Outro ponto a ser destacado na conversa é o viés explicativo e elucidativo que a fala de Levi assume diante do jovem de 16 anos. Ele explica a cartografia dos campos, o seu funcionamento, a custódia dos prisioneiros pelos *kapos* e pelas SS, os esquemas de trabalho. E narra um fato, semelhante a tantos outros que estão presentes em seus testemunhos:

4 Disponível em https://www.lsgobettitorino.edu.it/web2/attachments/article/698/3%20Traccia%20intervista%20Marco%20Primo_05062010.pdf

5 Os esquadristas eram membros de uma organização paramilitar, um grupo armado ligado ao movimento fascista. Exerceram a violência armada contra adversários políticos, sobretudo nos centros operários e camponeses, bem como em suas organizações.

De fato, os velhos prisioneiros nos contavam, acontecia isso: havia uma cerca de arame farpado ao redor do campo e era proibido aproximar-se dela a menos de dois metros. Acontecia de um SS entrar no campo, pegar seu boné e o jogar além dos dois metros. Então ele dizia: “Vá lá e pegue”. Você tinha a escolha: ou dizia que não, e então ele atirava em você; ou dizia que sim, e aí o sentinela é quem atirava em você, pois te via ultrapassar o limite de dois metros. Era um esporte, uma espécie de diversão em suma, muitas vezes praticado (LEVI, 2018, p. 977, tradução minha).

Entrando no tema central da entrevista, Levi fala dos fascistas ainda vivos, que ocupavam determinados cargos nas instituições do governo, e diz que se escrevesse *É isto um homem?* naquele momento, colocaria isso em evidência: “O fato é que quando escrevi *É isto um homem?* eu tinha a convicção de que essas coisas tinham acabado. Agora vejo que não acabaram: é preciso falar novamente” (LEVI, 2018, p. 981, tradução minha). O estudante então pergunta se escrevesse o livro naquele momento, se o faria sob um perfil menos científico e mais social, ao que Levi responde que não cortaria nada, mas acrescentaria muitas coisas. Mas destaca que não seria possível escrever o mesmo livro duas vezes, e que os acréscimos deveriam ser feitos em outro lugar.

A edição escolar de seu primeiro livro tinha sido publicada naquele ano (lembre-se, estamos em 1973) e, segundo Levi, pelo que lhe haviam dito, tinha uma tiragem de 30 mil cópias. Nela, o autor acrescentou um prefácio, especialmente destinado aos jovens; dois pequenos mapas que demonstravam a distribuição dos campos nazistas pela Europa e, mais especificamente, pela Polônia; e o já citado apêndice, texto que depois, a partir de 1976, seria parte integrante de todas as edições italianas e de algumas estrangeiras do livro. O estudante pergunta se o livro serviria para educar, e o autor responde que depende do professor, mas o fato do livro ser escolhido por algum professor já demonstra as boas intenções dele.

[...] em geral, tenho a impressão – porque muitos jovens vêm aqui, ou me telefonam, para obter informações – que essas coisas são ouvidas como um passado remoto, uma coisa... Um capítulo arcaico, como os garibaldini, em suma, como a revolução francesa, uma coisa muito, muito distante. De fato, é bastante distante no tempo; mas... somente no tempo é distante, porque, como te dizia antes, que há uma linha entre Brandimarte e Auschwitz. Essa linha não termina em Auschwitz, continua na Grécia, continuou na Argélia com os franceses. Continuou na União Soviética, pode-se negar?

Eles também fizeram. Aprenderam muitas coisas: colocaram em prática de uma maneira um pouco diversa (LEVI, 2018, p. 982, tradução minha).

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Em suma, a entrevista adiciona, ao que já se conhecia dos escritos de Levi, um ponto fundamental, não somente para aquele momento, mas também para os dias atuais: a reflexão política sobre as responsabilidades e as heranças do fascismo que, como ele mesmo afirma, “é uma patente italiana” (LEVI, 2018, p. 994). Levi fala sobre a impossível dissociação entre passado, presente e futuro, e sobre a necessidade de denunciar, na atualidade, a brutalidade dos fascismos que não desapareceram de forma alguma, apesar das “lições” da Segunda Guerra.

A conversa entre Pennacini e Levi – “Encontro com o autor” (LEVI, 2018, p. 917-926) – configura-se, tanto pela própria história envolvida, quanto pelo conteúdo ali presente, como um dos casos emblemáticos da relação entre o autor e os jovens estudantes. Outra entrevista que merece destaque ocorreu em 1978, momento no qual o autor já havia se aposentado da SIVA e estava se dedicando exclusivamente à carreira de escritor. Já era, ali, um autor mais conhecido, que se consolidava cada vez mais no papel de intelectual engajado, e estava cada vez mais presente nos veículos de imprensa, ora como entrevistado, ora como articulista. E os encontros com os estudantes eram mais frequentes. Naquele ano, no mês de abril, um estudante de 19 anos entrevistou Primo Levi, também no apartamento do Corso Re Umberto. Marco Viglino se preparava para o chamado exame de maturidade, última etapa para a obtenção do diploma do Ensino Médio italiano, e tinha pedido para falar com o autor. Quando já ocupava o cargo de juiz, trinta anos depois, Viglino recuperou a entrevista, que foi publicada pela primeira vez em 18 de janeiro de 2009 pelo jornal *La Repubblica*,⁶ às vésperas do Dia da Memória, que acontece todos os anos em 27 de janeiro. A versão presente nas obras completas de Levi é oriunda do original datilografado do entrevistador.

Na entrevista, o epicentro permanece o tema do *Lager* e as histórias narradas nos primeiros livros, mas segue uma atenção, no geral, ao seu trabalho, aos tempos e modos de sua atividade como escritor, inclusive entre as jovens gerações. Assim como em muitas outras entrevistas – diríamos que em quase todas – que trazem a pergunta sobre o que motivou Levi a escrever sobre sua experiência, a resposta remete ao *Lager*, ao fato de já ali o autor ter em mente que precisava tornar a sua história, e a história de muitos outros prisioneiros, conhecida:

Em primeiro lugar há a necessidade de descarregar, de pôr para fora aquilo que se tem dentro de si. Depois, há outros motivos... há talvez

6 Disponível em https://www.repubblica.it/2009/01/sezioni/spettacoli_e_cultura/primo-levi/primo-levi/primo-levi.html

o desejo de fazer valer o que se fez, de demonstrar que sobrevivemos a certas provas, que tivemos mais sorte, ou fomos mais hábeis, ou mais fortes (LEVI, 2018, p. 917, tradução minha).

Já no início da entrevista ambos dão atenção aos pilares que formam Levi como escritor: a experiência como deportado e a química. Abordando os contos de ficção científica, Levi diz que a ideia de escrever contos como aquele já existia, de maneira desorganizada e preliminar, antes mesmo da deportação. Cita “Os mnemagogos”, conto publicado na coletânea *Histórias naturais* (1966)⁷, e que teve a sua primeira versão em 1946, portanto, antes mesmo da publicação de *É isto um homem?*. Entre o *Lager* e os contos, existe uma relação, a qual o autor sempre fez questão de ressaltar. E, além dessa relação, sempre destacou a influência de sua “metade” químico no processo de criação literária.

Levi (2018, p. 919) nega que seus livros tenham um senso de rebelião, mas ressalta, fazendo questão de pontuar, o senso de indignação que ainda persiste em seu espírito: “a indignação sim persiste, mas digamos que se ramificou”. Destaca que seria estúpido enxergar, tantos anos depois, o inimigo somente ali, nos campos nazistas. Segundo ele, ainda eram os principais, mas havia muitos outros, mais articulados e potencialmente mais perigosos:

[...] este fato, da indústria dedicada ao intento de suprimir vidas humanas, em um ritmo de dez mil por dia (só em Auschwitz) não se repetiu e espera-se que não se repita. Nesse sentido, aquele foi o evento do século. E penso que o meu testemunho, hoje, tenha ainda um sentido: que seja um aviso (LEVI, 2018, p. 919, tradução minha).

O estudante pergunta sobre algum fato que Levi não tenha contado em seus livros, e o autor narra um episódio insólito. A história de um médico judeu, muito ligado à religião, que guardava o jejum em algumas ocasiões que a doutrina exigia. Em uma noite, depois do trabalho, ao receber a sopa, avisou o responsável pela barraca que não iria comer, pois era dia de jejum. O responsável então guardou a sopa para ele, a fim de que ele pudesse comer quando o jejum terminasse: “esse ato de humanidade me impressionou muito” (LEVI, 2018, p. 922).

Outro ponto importante da conversa é quando Viglino pergunta sobre a ficção científica como forma de “denunciar as distorções da nossa civilização”. Levi responde:

⁷ No Brasil, presente no volume *71 contos de Primo Levi*, editado pela Companhia das Letras e publicado em 2005, com tradução de Maurício Santana Dias.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

O fato é que não queria denunciar as distorções: elas são um subproduto. Interessava-me o curioso da ficção científica. Sempre a concebi como obras de série B, desde o princípio, mas não via motivo para não escrever, mesmo que fossem coisas menores; apresentar uma denúncia estava além das minhas intenções (LEVI, 2018, p. 924, tradução minha).

Os contos de ficção e fantasia de Levi o ligam, quase de forma automática, a Italo Calvino. O nome de Calvino surge na pergunta feita pelo estudante: Levi se sentia ligado a uma estética ou escritor em particular? A partir da resposta negativa do autor, ele pergunta sobre Calvino, ao que Levi responde:

Calvino é meu gêmeo. [...] Nos gostamos; nos dedicamos aos contos. Um conto meu é dedicado a Calvino, porque é calvinista⁸; por outro lado, Calvino quando publicou *As cósmicas* escreveu-me uma carta, dizendo que a ideia era minha. Temos tanta coisa em comum, como por exemplo, a sensibilidade pela ciência, que para mim é instintiva, porque sou um químico; para Calvino é uma atividade mais complexa, deriva de seu interesse iluminista e moderno em certas coisas da biologia, da geologia, da astronomia (LEVI, 2018, p. 925).

No final da entrevista ao jovem, Levi fala sobre o novo projeto no qual estava trabalhando naquele momento: um livro de pequenas narrativas, cujo título ainda não tinha, mas que envolviam um operário piemontês, que rodava o mundo como especialista e contava a ele, um químico, suas aventuras e desventuras, sempre ligadas ao trabalho. Evidentemente, Levi falava de *A chave estrela*, livro que seria publicado nos últimos meses de 1978, mas que já tinha alguns capítulos publicados naquele mesmo ano pelo jornal *La Stampa*. Por fim, destaca o contato entre a obra que ainda estava escrevendo com *A tabela periódica*, também um livro sobre o trabalho, e mais precisamente, sobre um ofício, o ofício de químico.

Por fim, em 24 de maio de 1983, mais uma das entrevistas de Levi concedidas a jovens estudantes do Ensino Médio italiano aconteceu. Alessandra Carpegna frequentava o último ano do Instituto Técnico-Comercial “Carlo Levi”, de Turim. Estava preparando um trabalho para ser apresentado no exame de maturidade. Depois de um breve contato telefônico, o escritor recebe Alessandra também em sua casa, assim como havia feito com Pennacini e Viglino. As perguntas, um pouco diferentes das duas outras conversas aqui relatadas, são curtas e concisas, mas as respostas de Levi são amplas e articuladas, formuladas com atenção, a mesma atenção que sempre dispensava em suas entrevistas e conversas.

⁸ Trata-se do conto “O fabricante de si mesmo”, presente em *Vício de forma*, e dedicado expressamente ao amigo.

Na entrevista – “Eu não pensava em escrever” (LEVI, 2018, p. 815-829)⁹ –, Levi volta a diversos pontos de sua obra e de sua vida, confessa que o primeiro livro foi escrito de modo “desordenado”, narra, sem muitas variações, aspectos da sua vida no *Lager* – já conhecidos por quem lia suas obras – e une esse discurso à reflexão sobre o seu trabalho literário: naquele momento, os seus dois ofícios eram definitivamente inseparáveis, e sua atividade como escritor estava concretamente definida.

Além dos temas costumeiramente abordados nas entrevistas anteriores – o porquê de ter começado a escrever, a vida no *Lager*, a herança da experiência como prisioneiro, as suas obras, o que pensava sobre o povo alemão – na entrevista com a jovem Alessandra, Levi aborda o livro recém-publicado, *Se não agora, quando?* (1982), e os temas nele presentes, tais como o judaísmo da Europa oriental, conhecido mais de perto pelo autor durante o período vivido no campo, e com o qual havia tido pouquíssimo contato antes do evento que marcara sua vida. Faz reflexões políticas e fala também, rapidamente, sobre a própria identidade judaica e o judaísmo, tema que vinha à tona frequentemente em muitas das suas reflexões.

Aos jovens: Primo Levi sobre Primo Levi

Em 1965, a editora Einaudi, por iniciativa de Guido Davico Bonino, crítico literário e ensaísta que colaborava com a editora naquela época, e com a finalidade de oferecer textos adequados para a prática de leitura e o ensino de literatura na escola média italiana¹⁰, lança a coletânea “Lecture per la Scuola Media”. Com os textos de muitos autores, principalmente aqueles que ainda não tinham entrado no chamado “cânone”, relegados às antologias escolares, os livros da coletânea ofereciam uma imersão mais profunda nas obras de escritores contemporâneos. Os cinco primeiros volumes, por exemplo, trazem Carlo Cassola, com *Il taglio del bosco*; Mario Rigoni Stern, com *Il sergente della neve*; Primo Levi com *La tregua*; Italo Calvino, com *Il barone rampante*; e o *Diário*, de Anne Frank. Ao todo, a coletânea publicou cerca de uma centena de volumes, de 1965 a 1989, trazendo não somente autores italianos – que predominam entre os nomes do catálogo – mas também alguns estrangeiros, como o alemão Brecht (*L'abici della guerra*); os estadunidenses Hemingway (*I racconti di Nick Adams*) e Malcom X (*Autobiografia*); ou o peruano José María Arguedas (*I fiumi profondi*).

9 A entrevista foi publicada pela primeira vez no periódico *Il “mezzosecolo”*, n. 11, novembro de 1997. A versão presente nas obras completas de Levi foi retirada do original datilografado pela entrevistadora.

10 A chamada escola média (*scuola media*) na Itália corresponde ao segundo ciclo do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio brasileiros. Antes dividida em Escola média inferior (11 a 14 anos) e Escola média superior (15 a 18 anos) é chamada hoje de Escola Secundária de Primeiro Grau e Escola Secundária de Segundo Grau, que compreendem as mesmas faixas etárias.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

A inserção de Primo Levi no universo das obras destinadas à escola e, conseqüentemente, aos jovens leitores é a definitiva inserção do autor no rol dos autores incontornáveis do século XX. É a partir das edições escolares que Levi prepara novas edições de algumas de suas obras, com algumas alterações e acréscimos que são extremamente significativos para exemplificar a sua relação com a educação, com os professores e alunos. Colocamos aqui três referências fundamentais desse universo primoleviano destinado aos jovens estudantes: as edições escolares de *A trégua*, de 1965, *É isto um homem?*, de 1973, e de *A tabela periódica*, de 1979. Importante ressaltar que nenhuma dessas edições têm tradução para o mercado editorial brasileiro, e os títulos em português são das edições originais, essas sim publicadas no Brasil.

De maneira preliminar, já que análise dessas edições demanda um trabalho de muito mais fôlego e tempo, pode-se afirmar que nelas o autor procurou modular seus registros linguísticos e retóricos, fazendo pequenas adaptações, pensando no público ao qual se destinavam. Nesse sentido, constam algumas modificações lexicais, algumas supressões ou reelaborações de trechos. Trago aqui alguns exemplos, duas diferenças entre a edição original e a edição escolar de *É isto um homem?*. O primeiro é a supressão total de um trecho do capítulo “Aquém do bem e do mal”. No início desse capítulo, Levi fala de uma “bolsa de valores” presente no *Lager*, na qual alguns objetos possuíam valor significativo na troca com comida ou roupas, e cita o tabaco, e os bônus-prêmios que muitas vezes serviam como moeda para a entrada no *Frauenblock* (bloco das mulheres):

Houve períodos nos quais pelos bônus-prêmios pagava-se uma ração de pão, logo uma e um quarto, até uma e um terço; um dia foi cotado a uma ração e meia; de repente, parou o abastecimento do Mahorca [tabaco] à Cantina, e, privada de sua cobertura, a moeda despencou até um quarto de ração. *Houve depois uma fase de alta, devida a um motivo singular: a troca de guarnição no Frauenblock (Bloco das Mulheres) com a chegada de um contingente de robustas moças polonesas. O bônus-prêmio vale para uma entrada no Frauenblock (só para criminosos e políticos; não para os judeus, os quais, porém, não sofrem com essa limitação); então, os interessados trataram de açambarcar todos os bônus disponíveis e a cotação subiu, mas não por muito tempo* (LEVI, 1988, p. 81, grifo nosso).

Todo o trecho em itálico foi suprimido da edição escolar, por fazer referência à prostituição no campo, assim como no exemplo a seguir, retirado do capítulo “Um dia bom”. Nele, Templer, um companheiro do *Kommando* de Levi, chegava sempre com “boas notícias”: descobrira que os operários poloneses do Metanol, a dois quilômetros de distância do local onde estavam, haviam deixado quarenta litros de sopa

porque estava azeda, ou que um vagão carregado de nabos tinha sido abandonado sem vigilância. Para entendermos a real situação, tomemos o trecho anterior, nas sempre objetivas e explicativas palavras de Levi:

Hoje os litros são cinqüenta e nós quinze, inclusive o *Kapo* e o capataz. Três litros por cabeça: um ao meio-dia, além do rancho normal, e, quanto aos outros dois, iremos por turnos ao galpão, à tarde; gozaremos, excepcionalmente, de cinco minutos de folga para encher a barriga. Que mais poderíamos desejar? Até o trabalho parece leve, hoje, frente à perspectiva dos dois litros espessos e quentes que nos esperam no galpão.

De vez em quando, o *Kapo* passa entre nós e chama: - *Wer hat noch zu fressen?* (Quem deve comer ainda?) Realmente, *fressen* não é bem “comer”. “Comer” é comer como gente, sentados à mesa, religiosamente: é *essen*. *Fressen* é comer como bichos, mas o *Kapo* não fala assim por escárnio. Comer assim, de pé, a toda a pressa, prendendo o fôlego, queimando-nos boca e garganta, é, realmente, *fressen*; é esta a palavra certa, a que costumamos dizer. (LEVI, 1998, p. 76, grifos do autor).

A seguir, Levi cita que chegara a vez de Templer, a quem tinha sobrado cinco litros de sopa do fundo da marmitta. O trecho abaixo, todo suprimido da edição escolar, é aquele que descreve uma atitude de Templer. Após dizer que ele era “um incrível comedor de sopa”, continua:

e tem a singular habilidade de esvaziar o intestino, voluntária e antecipadamente, antes de uma comilança, o que contribui para a sua assombrosa capacidade gástrica. Desse seu dom ele é, com razão, orgulhoso, e todo o mundo está a par dele, inclusive Mestre Nogalla. Acompanhado pela gratidão de todos, o benfeitor Templer fecha-se uns instantes na privada, sai radiante e pronto, encaminha-se, entre a geral benevolência, para aproveitar o fruto de sua obra: - *Nu, Temp/er, hast du P/atzenug für die Suppe gemacht?* (Como é, Templer, arranjuste lugar para a sopa?) (LEVI, 1988, p. 76, grifos do autor).

As modificações não são relevantes a ponto de comprometerem o testemunho e o estilo de Levi. Entretanto, mais do que as modificações ou supressões, os elementos paratextuais adquirem uma importância ainda maior, uma vez que, assim como as entrevistas trazidas anteriormente, constituem uma relação direta entre o autor e os jovens estudantes. Desses elementos, destacam-se os mapas ilustrativos presentes nas edições de *A trégua* e de *É isto um homem?*, o prefácio de *É isto*

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

um homem?, especialmente dedicado aos jovens, e as notas explicativas dos textos principais, elaboradas pelo próprio autor, nas três edições escolares citadas anteriormente. As notas fornecem informações de natureza histórica, geográfica, linguística, científica (sobretudo em *A tabela periódica*), e tornam explícitas muitas das citações literárias. Aqui, como nas entrevistas, Levi é um autor que comenta a própria obra, um “arqueólogo de si mesmo” (BELPOLITI, 2015), que só raramente oferece ao leitor uma explicação sobre o significado da própria obra.

No “Prefácio de 1972 aos jovens”, que figuraria na primeira edição escolar de seu primeiro livro, publicada em 1973, Levi expõe um tom totalmente explicativo, com os detalhes históricos dos campos de concentração e extermínio, e o lugar que eles ocupavam no interior do sistema político e econômico nazista. Destacando as características inerentes, e exclusivas, do *Lager*, expõe previamente ao jovem leitor que “não, não existem hoje câmeras de gás nem fornos crematórios”, mas que existem campos de concentração na Grécia, na União Soviética, no Vietnã, no Brasil. E conclui escrevendo que “existem, em quase todos os países, cárceres, institutos para menores, hospitais psiquiátricos, nos quais, assim como em Auschwitz, o homem perde o seu nome e o seu rosto, a dignidade e a esperança” (LEVI, 1990, p. 6, tradução minha).

A lição que todos devemos depreender da missão de Levi, de sua perspectiva de testemunha e do seu constante interesse em atingir os jovens – interesse que deve estar presente em todos aqueles que se propõem a ser mediadores de conhecimento – está nas palavras finais do mesmo prefácio, com as quais eu também concluo, dirigindo-me aos leitores do século XXI:

Sobretudo, o fascismo não morreu: consolidado em alguns países, em cautelosa espera de revanche em outros, não deixou de prometer ao mundo uma Nova Ordem. Nunca negou os Lager nazistas, mesmo que muitas vezes tenha colocado em dúvida a realidade. Livros como este, hoje, não podem mais serem lidos com a serenidade com que se estudam os testemunhos sobre a história passada: como Brecht escreveu: “a cadela que pariu esse monstro é ainda fecunda”.

Exatamente por isso, e porque não creio que a reverência que se deve aos jovens comporte o silêncio sobre os erros da nossa geração, aceitei com muito boa vontade o convite para organizar essa edição escolar de *É isto um homem?*. Serei feliz se souber que mesmo um só dos novos leitores tiver compreendido o quanto é arriscada a estrada que parte do fanatismo nacionalista e da renúncia da razão (LEVI, 1990, p. 6-7).

Referências bibliográficas

- DIAS, M. S.; MACIERA, A. C. A experiência, a memória e a necessidade de narrar. *Cult.* São Paulo, n. 247, julho de 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/primo-levi-carta-inedita/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2022.
- GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Falleiros. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- BELPOLITI, M. L'uomo dai molti mestieri. LEVI, P. *Opere complete*. A cura de Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018, v. 3, p. XI-XXX.
- BELPOLITI, M. *Primo Levi*. Di fronte e di profilo. Milano: Ugo Guanda, 2015, edizione digitale.
- MENGGONI, M. *I sommersi e i salvati di Primo Levi*. Storia di un libro (Francoforte 1959-1986). Roma: Quodlibet, 202.
- LEVI, P. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, P. *Opere complete*. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018.
- LEVI, P. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi Scuola, 1990, 34ª edizione.
- TEOBALDI, P. Primo Levi: il 5 maggio (1986). *Doppiozero*. 10 maggio 2014. Disponível em <<https://www.doppiozero.com/materiali/fuori-busta/primo-levi-il-5-maggio-1986>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2022.

A DEONTOLOGIA DA TESTEMUNHA¹

Roberta Mori*

*Tradução de Aislan Camargo Maciera

A minha proposta foi pensada com a finalidade de fornecer alguns estímulos e, indiretamente, algumas sugestões, aos professores que se encontram com o dever de afrontar, em sala de aula, a didática da *Shoah*. Ao fazer isso, irei tocar não somente a minha experiência como responsável do setor didático do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, mas diretamente às obras de testemunho de Levi e, sobretudo, aos tantos trabalhos e às reflexões que Levi dedicou ao *Lager*. Farei referência predominantemente, mas não exclusivamente, aos textos que hoje são possíveis de serem lidos, reunidos em um volume e com o título “*Pagine sparse 1947-1987*”², no segundo volume das obras completas de Primo Levi (organizado por Marco Belpoliti, com índices e bibliografia organizados pelo Centro de Estudos).

Repercorrendo alguns desses textos de Levi e os ligando a *É isto um homem?*, *Lilith e outros contos*, *Os afogados e os sobreviventes*, emerge aquilo que nomearei como “a deontologia da testemunha Primo Levi”: um conjunto de normas não escritas que regulam a abordagem de um assunto difícil e, ao mesmo tempo, imprescindível.

A sua deontologia é questão de estratégia comunicativa – vimos que Levi sabia interagir com tato e inteligência com os seus interlocutores – e prescreve uma dose exata das palavras segundo os efeitos que se deseja obter; mas investe também na escolha dos conteúdos, dos temas que a testemunha deve afrontar para tentar falar sobre Auschwitz. E a testemunha, como se lê em um texto de 1955, intitulado “Aniversário”, sentia e sente a palavra “como uma necessidade e um imediato dever”. Encontramos nessa definição do testemunho como dever a mesma raiz lexical da palavra da qual partimos, “deontologia”, do grego *deon-* *deontos*, que significa exatamente “o dever”. Podemos então melhor definir a deontologia da testemunha como o discurso sobre os deveres que Levi, com plena autonomia, deu a si mesmo e aos quais procurou manter-se fiel.

1 Fala proferida por Roberta Mori no seminário para professores “O meu terceiro ofício. Primo Levi e os estudantes”, ocorrido em novembro de 2019 na Università Cattolica del Sacro Cuore de Milão, em ocasião do centenário de nascimento de Primo Levi.

2 As chamadas “Páginas esparsas” de Primo Levi, em grande parte, ainda não contam com uma tradução para o leitor brasileiro. Trata-se de artigos que o autor publicou entre 1947, ano de lançamento da primeira edição de *É isto um homem?*, e 1987, ano de sua morte, em diversos periódicos, jornais e revistas. Alguns deles estão presentes em dois volumes publicados no Brasil pela editora da UNESP: *O ofício alheio*, com tradução de Silvia Massimini Félix, e *A assimetria e a vida*, traduzido por Ivone Benedetti.

Nem sempre será possível seguir uma linha diacrônica.

O meu discurso parte de um texto pouco conhecido, intitulado “Decodificação”, surgido em uma revista de 1976 e depois incluído no volume *Lilith e outros contos*. Acho que todo professor deveria conhecê-lo, porque toca em questões que interessam a todos que trabalham com educação. No texto, um personagem que fala em primeira pessoa e que é claramente um alter ego de Levi, inclusive especialista em vernizes, assim como o autor, conta ter encontrado algumas escritas nazistas ao longo de uma estrada da colina, nas proximidades da cidade na qual esteve nas férias de verão. Depois de uma breve investigação particular, descobre que foram feitas por um jovem que não corresponde exatamente à imagem do neonazista agressivo, assim como ele havia imaginado (LEVI, 2005, p. 506): [...] um estudante de uns quinze anos, musculoso e atarracado, “de boa família”, emotivamente instável, introvertido, tendente à prepotência e à violência.

O culpado é, de fato, Piero, para o qual no ano anterior o narrador tinha dado aulas de reforço de álgebra e geometria. Piero

É magro, tímido, míope, e não creio que se interesse por política; sei disso porque no verão passado lhe dei algumas aulas particulares de álgebra e geometria, e quem já teve essa experiência sabe que as aulas particulares são instrumentos fantásticos de sondagem, sensíveis como sismógrafos. Não chega a ser um introvertido típico, porque fala bastante; é mais um queixoso, um daqueles que tendem a ver o mundo como uma vasta rede de conspirações contra ele, que está no centro do mundo, exposto a todos os abusos (LEVI, 2005, p. 507-508).

Quando encontra Piero por acaso, o adulto experimenta um misto de sensações que quem ensina conhece bem e que Levi procura resolver:

Percebi um vago sofrimento, constituído de um estrato superficial de despeito e de outro mais profundo, que me parecia remorso, um remorso impreciso, sem endereço, a ser analisado (LEVI, 2005, p. 508).

Está convencido de que poderia ter exercido uma influência positiva sobre o aluno por meio de suas aulas particulares, e pensa que desperdiçou uma oportunidade. Ele sente o peso de um fracasso educacional evidente, sente a responsabilidade por esse fracasso. O autor demonstra conhecer bem a dinâmica da relação educacional. Depois, tentando explicar como e de que forma as aulas particulares, ou seja, a transmissão do conhecimento, poderiam ter sido úteis, ele nos fornece o que me parece uma definição muito lúcida do desafio que os professores e os operadores

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

culturais em geral devem se colocar quando abordam o ensino da *Shoah* por meio do estudo dos textos de Levi:

Dar aulas de geometria a um adolescente não é só um instrumento de diagnose, é também, ou pode ser, uma terapia drástica: pode ser a primeira revelação, numa carreira escolar, da severa potência da razão, da coragem intelectual que rechaça os mitos, e da salutar emoção de vislumbrar na própria mente um espelho do universo. Pode ser um antídoto contra a retórica, a aproximação, a acídia; pode ser, para o jovem, uma verificação alegre da sua musculatura mental, a ocasião de desenvolvê-la (LEVI, 2005, p. 508).

A obra de Levi fornece para quem se ocupa da *Shoah* as coordenadas precisas que nos permitem orientar-nos ainda hoje, em um mundo escolar enormemente modificado em relação ao dos anos 1970 e 1980, que provavelmente Levi tinha aprendido a conhecer nos seus encontros com os estudantes. Existe, de fato, um núcleo “forte” de motivos ligados à experiência da deportação que não muda, mas ao contrário, enriquece gradualmente, a partir dos primeiros textos dos anos 1950 até *Os afogados e os sobreviventes*. É exatamente esse núcleo estável que nos permite reconhecer os conteúdos fundamentais, os quais é necessário padronizar enquanto formadores, e nos sugere como falar da *Shoah* para os jovens.

Tentarei, assim, traçar um “vademecum” aberto e sempre passível de atualização para os nossos tempos e para os nossos alunos. Gostaria de voltar à citação e tentar separar os seus componentes para especificar quais são, segundo Levi, os objetivos de uma relação formativa que enriqueça e melhore, tanto o professor quanto o aluno.

Partimos da segunda frase da citação, da *pars destruens*: os discursos do professor devem representar um antídoto contra a retórica, diz Levi. Esse tema está no coração do autor. Volta mais vezes, mas em uma ocasião, atira-se até atingir uma definição do que deveria ser segundo ele o estudo da História na escola. A citação encontra-se em um artigo intitulado “O tempo das suásticas”, publicado em janeiro de 1966, no *Il giornale dei genitori. Mensile per l'educazione dei figli* [O jornal dos pais. Mensário para a educação dos filhos]. O lugar onde o artigo sai publica assuntos didáticos: trata-se, de fato, de uma revista fundada em 1958 por Ada Gobetti, e por ela dirigida até 1968, pensada como um instrumento de educação dos pais e como um espaço público de discussão sobre temas pedagógicos nos quais são levados em consideração vários aspectos da vida cultural, civil, política. Escrevem na revista professores, médicos, psiquiatras. Levi parte do balanço de uma exposição sobre a Deportação e depois se concentra na melhor maneira de passar para os filhos “um

patrimônio moral e sentimental”, que se considera importante. No caso específico, ele fala da memória da Resistência, mas os pontos que ele identifica valem em geral para o ensino da história e, em particular, para o ensino da *Shoah* de que tratamos:

Ora, temo que nós também tenhamos contribuído para esse processo de embalsamamento. Para descrever e transmitir os fatos de ontem, com muita frequência adotamos uma linguagem retórica, hagiográfica, portanto vaga. [...].

Em conclusão, creio que, se quisermos que nossos filhos sintam essas coisas, portanto se sintam nossos filhos, precisaremos falar um pouco menos de glória e vitória, heroísmo e solo sagrado, e um pouco mais daquela vida dura, arriscada e ingrata, da estafa diária, dos dias de esperança e de desespero [...].

Só assim os jovens poderão sentir nossa história mais recente como um tecido de acontecimentos humanos, e não como mais uma matéria aborrecida que se acrescenta às muitas outras nos programas ministeriais (LEVI, 2016, p. 16-17).

A retórica vazia, as abordagens genéricas e superficiais são inúteis, se não contraproducentes, e podem gerar nos estudantes um hábito seguido de rejeição. O risco de “embalsamar a *Shoah*”, de transformar o estudo desse assunto em um dos tantos “pensum” previstos pelos programas ministeriais, já existe e é possível que muitas vezes tenha se caminhado nessa direção. Segundo Levi, um possível reparo consiste no demonstrar aos mais jovens que a história é “um tecido de eventos humanos” e como tal deve ser estudada. Sob esse aspecto, a sua obra literária coloca à nossa disposição uma grande e significativa amostra de “micro histórias” por meio das quais podemos reconstruir a História, aquela com H maiúsculo. Quando se pensa nos múltiplos retratos dos companheiros de deportação ou, mais geralmente, em pessoas que tiveram aquela experiência, disseminados em toda a sua obra, não somente em *É isto um homem?*, mas também em *A trégua*, em *Lilith e outros contos* (1981), em *A tabela periódica* (1975), em *Os afogados e os sobreviventes: as histórias de Gattegno, de Steinlauf, de Alberto Dalla Volta, de Cesare, do Grego, do cigano Grigo, de Lorenzo*, somente para dar alguns exemplos, permitem restituir aos jovens de hoje uma imagem viva e concreta do passado e das dinâmicas da história do século XX. Não só isso, mas na intenção do autor, salvar do esquecimento essas histórias, restituir às vítimas um rosto e uma identidade, significa também sabotar, a posteriori, o projeto de anulação dos indivíduos perseguidos pelo nazismo: esse valor civil, e porque não militante, do estudo de um autor como Levi, deveria ser destacado aos jovens, deveria ser para eles uma motivação extra. Desde o “Prefácio” a *É isto um homem?*, de 1947, ele, ao narrar a *Shoah*, colocou-se como objetivo “o estudo pacato de alguns aspectos

da alma humana” e analisou as contradições éticas do comportamento do indivíduo, dentro e fora do *Lager*: deveria-se tentar explicar que a dimensão ético-moral é o substrato inevitável de toda ação individual e coletiva, e que, portanto, estudar a história de ontem serve para nos munir de ferramentas de análise que nos permitem ler o presente e também nossos próprios comportamentos. Nisso, Levi nos socorre porque representa os sofrimentos e as estratégias de sobrevivência implementadas não pelos heróis, mas por uma amostra média de humanidade. Por exemplo, lembre-se do que ele diz sobre *É isto um homem?* (LEVI, 1947): “por tendência minha e por escolha, procurei manter a atenção sobre muitos, sobre a norma, sobre qualquer homem, não infame e não santo”.³

Quando se observa sua obra, tem-se conta de que **a sua narração do *Lager* nunca está sintonizada em um único registro**, mas é variada e multifacetada, porque os componentes do ser humano são variados e multifacetados: pense em um capítulo como “O canto de Ulisses” em *É isto um homem?*, ou no conto “Cério”, em que se narra uma aventura que envolveu Primo e seu amigo Alberto no *Lager*, ou uma história como “O cantor e o veterano”, em *Lilith*, onde encontramos o retrato de Ezra, um judeu piedoso da Europa Oriental, um tipo humano não muito frequente no ambiente laico do judaísmo de Turim no qual o escritor cresceu. Matizes e tons ainda diferentes são encontrados nos poemas de tema concentracionário. Seria correto dar aos alunos pelo menos um gostinho dessa variedade para fazê-los entrar em contato com a complexidade do panorama humano e com as questões a serem levadas em conta quando falamos do *Lager* e do testemunho.

Continuamos com a *pars destruens* e vejamos quais são os outros dois inimigos a serem combatidos no âmbito formativo: um antídoto contra a aproximação e a preguiça.

A aproximação. Retornamos ao que afirma Primo Levi no “Apêndice” da edição escolar de *É isto um homem?*, no qual recolhe as respostas às perguntas que mais frequentemente lhe eram feitas pelos jovens. Levi diz que nos seus livros de testemunho “limitou-se rigorosamente a reportar os fatos dos quais tinha experiência direta”, excluindo os que foram aprendidos mais tarde em livros ou jornais. Ele não descreve os detalhes das câmaras de gás e dos crematórios, por exemplo, porque não esteve lá pessoalmente, e porque quando estava no *Lager* tinha tido somente informações vagas e indiretas. Como pode o docente de hoje se regular, já que não é uma testemunha e nem havia nascido na época dos fatos? De maneira muito simples, como desejamos que seja feito para qualquer assunto estudado: pode consultar os arquivos on line que colocam à disposição uma documentação de variada natureza

³ Cf. “Se questo è un mondo”, in *L'Italia che scrive*. Rassegna per il mondo che legge, XXX, n. 10, ottobre 1947.

e, em particular, os arquivos audiovisuais que apresentam milhares de testemunhos de sobreviventes de todos os países europeus; pode ainda refinar um conhecimento específico das obras de Primo Levi. Aconselho evitar falar de modo genérico; é possível propor aos jovens “estudos de caso” que estão particularmente documentados.

Além da aproximação, o outro “inimigo” que a deontologia da testemunha Primo Levi aconselha a enfrentar (e possivelmente derrotar) é a preguiça. Aqui eu recusaria este conceito em duas direções: na verdade, nos encontramos diante da nossa “preguiça” e também da dificuldade de construir uma competência específica em um contexto escolar como o de hoje; mas também nos deparamos com a preguiça mental dos alunos, seus preconceitos, a relutância em se dedicar seriamente ao estudo desse tema porque talvez, também em consequência de práticas pedagógicas incorretas experimentadas em anos letivos anteriores, estejam convencidos de que já sabem tudo o que há para saber sobre o assunto.

Quase sempre acontece comigo, quando participo de encontros com estudantes, que algum jovem me pergunte por que na escola se fala sempre e somente sobre a *Shoah* e não sobre os outros genocídios que também ocorreram no mundo. Ou por que falamos apenas dos crimes do nazismo e não também dos crimes do stalinismo. Isso também aconteceu com Primo Levi, e ele contou em diversas ocasiões. Por exemplo, já em “Testemunho para Eichmann” (1961) ele diz que, às vezes, quando toma a palavra, alguém lhe pergunta (LEVI, 2015, p. 86): “Por que falar ainda de atrocidades? Não são coisas passadas? [...] Por que semear mais ódio? Por que turvar o conhecimento de nossos filhos?”.

Levi não dá sinais de impaciência diante de tais objeções e localiza qual é “o centro da questão” a ser exposto aos seus interlocutores, ou seja, nos campos:

[...] entreviram-se sintomas de uma doença muito grave para que seja lícito calar sobre eles.

Pensem: há mais de vinte anos, e no coração dessa civilizada Europa, sonhou-se um sonho demente, o de edificar um império milenar sobre milhões de cadáveres e de escravos. O verbo foi banido das praças: pouquíssimos recusaram e foram destruídos; os demais consentiram, em parte com aversão, em parte com indiferença, ou ainda com entusiasmo. Não foi apenas um sonho: o império, mesmo que efêmero, foi edificado; os cadáveres e os escravos existiram (LEVI, 2015, p. 87).

O extermínio, na escala de milhões, foi perpetrado “curvando” a ciência e a tecnologia para fins ignóbeis. Eles foram colocados em instalações de tipo industrial que produziam a morte. Da mesma forma, quando os jovens pedem uma conta dos *Gulags*, Levi argumenta que o sistema *Gulag*, embora execrável, tinha propósitos

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

diferentes do nazista, uma vez que o objetivo principal dos campos soviéticos era o trabalho forçado para a edificação de uma economia socialista. Levi não menospreza e define os campos soviéticos como “um inferno” no qual, no entanto, ocorreu “um massacre entre iguais”; os campos alemães, para Levi, permanecem como únicos na história da humanidade, porque se baseavam em uma ideologia impregnada de racismo, que previa a morte para as raças julgadas inferiores. Somente nos campos nazistas houve a exploração de cadáveres (os cabelos das mulheres eram usados pelas indústrias alemãs, o ouro retirado de seus dentes acabava nos bancos alemães) e a matança de crianças e moribundos.

Voltemos à definição da qual partimos e, desta vez, voltemo-nos para as construções *pars construens*, ou seja, os resultados positivos que podem ser alcançados enfrentando corretamente a tarefa educativa à que nos propusemos, a de estabelecer um discurso eficaz sobre a *Shoah*. Detenhamo-nos na frase de abertura do período selecionado, que me impressionou muito quando li pela primeira vez o conto “Decodificação” (LEVI, 2005, p. 508): “pode ser a primeira revelação, numa carreira escolar, da severa potência da razão, da coragem intelectual que rechaça os mitos”.

Certamente, a obra de Levi nos oferece exemplos notáveis da potência da razão e da coragem intelectual que rechaça os mitos. Em particular, a obra *Os afogados e os sobreviventes*, que podemos considerar o ponto final da reflexão leviana sobre o *Lager*, se encarada em sala de aula nos últimos anos do Ensino Médio, torna-se ocasião de um trabalho de dissolução dos estereótipos sobre o *Lager* dos quais os jovens podem se tornar vítimas fáceis. Primo Levi tinha se dado conta, por exemplo, já no início dos anos 1980, quando foi entrevistado por Anna Bravo e Federico Cereja em 1983, que existia um descolamento, uma distância perigosa entre a realidade do *Lager*, de uma parte, e a percepção, a imagem daquela mesma realidade que os jovens, que naquele momento eram “os filhos dos filhos”, tinham formado. Isso talvez em consequência de um processo inevitável ligado ao passar do tempo, ou mesmo por causa de um estudo lacunoso e do afirmar-se de algumas mensagens difusas pelo cinema e pela cultura de massa. Levi dá o exemplo de um jovem do Ensino Fundamental que não se limitou a perguntar-lhe por que não tinha escapado do *Lager*, mas também desenhou um mapa do *Lager* indicando-lhe quais seriam as vias de fuga que poderiam ter sido tentadas, obviamente depois de ter matado as sentinelas nazistas. É talvez esse o resultado da visão dos filmes de ação, nos quais é apresentado o prisioneiro vitorioso que quebra as suas correntes e reconquista a liberdade. Como se pode contrastar um fenômeno desse tipo hoje, na época da internet e das redes sociais, quando o tema do *Lager* é objeto de uma espécie de “superexposição midiática”? Levi, no capítulo “Estereótipos”, tenta corrigir esse desvio explicando com riqueza de detalhes particulares que o prisioneiro do *Lager* estava extremamente debili-

tado, desmoralizado, vestido em trapos e sem cabelo: mesmo que tivesse conseguido escapar, para onde poderia ir? No entanto, ele nos alerta que o fenômeno descrito faz parte de uma dificuldade humana mais geral em perceber as experiências dos outros (LEVI, 2016a, p. 128): “Tendemos a assimilá-las àquelas mais “habituais”, como se a fome de Auschwitz fosse a de quem perdeu uma refeição, ou como se a fuga de Treblinka fosse assimilável à fuga de um cárcere comum”.

Recorda-nos depois que é tarefa do historiador procurar “completar” essa fissura que existe e que se torna cada vez maior à medida que transcorre o tempo em relação aos eventos narrados. Os professores encontram nas páginas de Levi muitas ideias para alertar os estudantes acerca dos estereótipos e das simplificações indevidas. Em relação aos primeiros, encontram-se exemplos válidos no capítulo homônimo de *Os afogados e os sobreviventes*; em relação às simplificações, Levi nos diz claramente, em muitos de seus textos que, para descrever a vida cotidiana do *Lager*, a nossa linguagem da vida cotidiana é insuficiente. Primo Levi com os seus leitores de *É isto um homem?* deixa clara a existência de um problema de incompatibilidade entre as coisas vistas e vividas em relação às palavras:

Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas. Se Os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calças de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega (LEVI, 1988, p. 125).

Uma página como essa pode ser comparada de perto com “Cério”, capítulo de *A tabela periódica*, no qual Levi afirma que a fome provada em Auschwitz era

uma exigência, uma falta, um yearning, que nos acompanhava já há um ano, lançara em nós raízes profundas e permanentes, habitava em todas as nossas células e condicionava o nosso comportamento. Comer, procurar o que comer, constituía o estímulo número um, depois do qual, longe, vinham todos os problemas de sobrevivência e, mais longe ainda, as lembranças de casa e o próprio medo da morte (LEVI, 2001, p. 139-140).

Creio que esse problema da linguagem deva ser enfrentado na escola, assim

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

como o outro, também discutido por Levi no capítulo “Comunicar” de *Os afogados e os sobreviventes*, o da babel linguística do *Lager*, que tornava difícil o comunicar-se, assim como a compreensão das ordens dadas. Parece-me que um aprofundamento desses aspectos e um conhecimento detalhado das condições de vida dos deportados sejam muito mais produtivos do ponto de vista didático do que a insistência nos detalhes crus, ou do que assistir a filmes com imagens horríveis dos campos, diante das quais a reação pode ser de compreensível fechamento.

Levi se dá a tarefa de contestar criticamente não somente os estereótipos em relação aos prisioneiros, mas também aqueles sobre os carcereiros. Os nazistas, diz Levi, não eram “as feras selvagens românticas caras às revistas, mas frios dementes morais”.⁴

As virtudes “bélicas e cavaleirescas” dos alemães são somente uma mentira: os grandes culpados eram os homens medíocres, habituados a obedecer. Para traçar o retrato autêntico de pessoas medíocres e covardes contribui a constatação de não haver encontrado quase nunca entre os próprios carcereiros “monstros”, mas apenas “homens comuns”. A esse respeito, uma declaração encontrada no final de *Os afogados e os sobreviventes* é esclarecedora:

[...] eram seres humanos médios, medianamente inteligentes, medianamente maus: salvo exceções, não eram monstros, tinham nossa face, mas foram mal-educados. Tratava-se, em sua maioria, de sequazes e funcionários grosseiros e diligentes: alguns fanaticamente convencidos do verbo nazista, muitos indiferentes, ou temerosos de punições, ou desejosos de fazer carreira, ou demasiado obedientes. Todos tinham sofrido a aterradora deseducação fornecida e imposta pela escola tal qual fora querida por Hitler e por seus colaboradores [...] (LEVI, 2016a, p. 166-167).

Encontramo-nos aqui no coração do conceito circunscrito por Hannah Arendt em ocasião do processo de Eichmann, e definido como a “banalidade do mal”: um conceito que abre perspectivas inquietantes sobre a natureza do ser humano, mas que permite explicar aos mais jovens o aparente paradoxo de crimes enormes e sem precedentes executados por homens comuns e, por isso, banais. É exatamente a constatação dessa desoladora banalidade que é capaz de nos proteger dos riscos de uma idealização dos nazistas, em um sentido ou em outro.

A mesma coragem intelectual que leva Levi a dissipar os estereótipos, o induz a voltar sua atenção para uma questão urgente e extremamente delicada: a do colaboracionismo em condições de extrema coação (*Gueto, Lager*), examinada no capítulo “Zona cinzenta” de *Os afogados e os sobreviventes*. Trata-se de um tema complexo

4 “La perversione rationale nei campi di sterminio”, 1952.

que, no entanto, para o escritor, é preciso explorar se quisermos conhecer a verdade histórica, a saber, que

É ingênuo, absurdo e historicamente falso julgar que um sistema infernal, como o nacional-socialismo, santifique suas vítimas: ao contrário, ele as degrada, assimila-as a si, e isto tanto mais quanto elas sejam disponíveis, ingênuas, carentes de uma estrutura política ou moral (LEVI, 2016a, p. 30).

A edição escolar de *Os afogados e os sobreviventes* tem a intenção de ser um instrumento capaz de aproximar estudantes e professores a esses temas que não podem ser silenciados no interno de uma didática da *Shoah* atualizada e em consonância com os últimos estudos sobre o assunto. Creio, além disso, que esta seja a única via possível para apresentar essa imensa questão com honestidade intelectual, com implicações historiográficas, filosóficas, antropológicas, jurídicas, sociológicas e, por sua natureza, passível de ser reduzida a um esquema simplificado apenas ao preço de distorcer a realidade dos fatos e de perder uma preciosa oportunidade educativa.

O último ponto liga-se, enfim, a uma imagem sugestiva presente na citação da qual partimos: a didática como oportunidade para verificar a musculatura mental dos próprios alunos, ou como oportunidade para contribuir com o seu desenvolvimento.

Tocamos em muitos pontos, mas até agora ficou de fora a pergunta das perguntas: por que o nazismo ocorreu, por que o ódio antissemita?

São temas extremamente complexos, mas não por isso uma resposta deve ser evitada: não há conteúdos vedados à inteligência dos jovens, basta entregá-los com a devida cautela, calibrando a linguagem e construindo o edifício de conhecimentos a partir de conceitos mais simples e intuitivos. Deste ponto de vista, parece-me exemplar um texto intitulado “A intolerância racial”, de 1979 - nascido como uma intervenção pública por ocasião de um ciclo de encontros organizado pelo município de Turim - em que Levi especifica preliminarmente que suas palavras são uma tentativa de explicação, e certamente não pretendem ter valor incontestável, porque a explicação não é uma, mas são muitas. Levi raciocina aqui como cientista e historiador, e diz que as raízes da intolerância racial devem ser buscadas em nossa natureza de animais gregários. Refere-se a Konrad Lorenz, fundador da etologia, e ao seu livro intitulado *A agressão: uma história natural do mal*⁵, quando afirma:

[...] a intolerância racial tem origens remotíssimas, não só pré-históricas

⁵ LORENZ, K. *A agressão: uma história natural do mal*. Trad. Maria Isabel Tamen. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

como também pré-humanas, estando incorporada em certos instintos primordiais que são dos mamíferos e não só dos mamíferos. Com isso, não quero dizer, aliás, abstenho-me de dizer, que se trata de um mal não extirpável; se somos homens é porque aprendemos a nos proteger de certos instintos que são nossa herança animal, a combatê-los e a criar obstáculos contra eles (LEVI, 2016, p. 183-184).

Uma vez esclarecido esse ponto, a propósito do nazismo, ele tenta reconstruir um contexto histórico, lembrando a situação na Alemanha após o fim da Primeira Guerra Mundial, o nacionalismo alemão, as peculiaridades da personalidade de Hitler. Parece-me que nesse texto, assim como em *Os afogados e os sobreviventes*, e nas respostas do “Apêndice” a *É isto um homem?*, há um exemplo admirável de método, a capacidade de observar o mesmo problema de diferentes pontos de vista, a capacidade de usar diferentes instrumentos de leitura e, ao mesmo tempo, não pretender ter dito a palavra final sobre o problema. Aqui, parece-me que a tarefa educativa que nos é exigida quando lidamos com a didática da *Shoah* é justamente esta: ensinar a não recuar diante das verdades mais incômodas, aprender a apreender e penetrar a complexidade, e imaginá-la por meio do estudo. Não é simples, mas diante das dúvidas e desânimos que Levi, na sua qualidade de educador, como vimos, bem conhecia, devemos nos amparar por uma afirmação contida em um texto intitulado “Chi vuole l’odio antisemita” [Quem quer o ódio antissemita] (1979), escrito na sequência de alguns episódios de antissemitismo e do destaque conquistado por posições negacionistas como as de Robert Faurisson e Louis Darquier de Pellepoix, com a qual gostaria de finalizar: “o pessimismo das opiniões pode e deve conviver com o otimismo dos fatos, isto é, do operar cotidiano”.⁶

Referências bibliográficas

LEVI, P. *A assimetria e a vida*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Unesp, 2016.

LEVI, P. *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LEVI, P.; DEBENEDETTI, L. *Assim foi Auschwitz*. Testemunhos 1945-1986. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEVI, P. *É isto um homem?*. Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016a.

6 LEVI, P. “Chi vuole l’odio antisemita”. In: *La Stampa*, Torino, 13 de março de 1979. Disponível em http://www.archiviolaStampa.it/component/option,com_lastampa/task,search/mod,libera/action,viewer/Itemid,3/page,0003/articleid,1071_01_1979_0058_0003_15318942/. Acesso em 02 de março de 2022.

A LITERATURA DE PRIMO LEVI PARA A FORMAÇÃO OMNILATERAL NO ESTÁGIO DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA¹

Carlos Sérgio Leonardo Júnior

Luciana Massi

Rafaela Valero da Silva

Luciane Jatobá Palmieri

A literatura na formação de licenciandos em Química

Diversos autores têm inserido a literatura em contextos de ensino-aprendizagem de ciências, sendo o estágio um *locus* pouco explorado, bem como a formação de professores em geral (LIMA; RICARDO, 2015). A defesa da presença de textos literários na formação de professores de ciências é feita por autores como Lima e Ricardo (2015), Francisco Junior, Andrade e Mesquita (2015) e Avraamidou e Osborne (2009), pautada em obras como a literatura infantil de Monteiro Lobato, em *Serões de Dona Benta*, e de Jandira Mansur, em *O frio pode ser quente?*, e na literatura de entretenimento, como *Ponto de Impacto*, de Dan Brown. Benite, Benite e Morais Júnior (2009) argumentam que a literatura na formação de professores pode humanizar as ciências e auxiliar na discussão sobre a natureza da ciência. Silveira e Zanetic (2016), por sua vez, defendem que textos literários trazem discussões relacionadas à humanização da ciência e nem sempre tais discussões estão presentes em textos específicos de ciência. É fato que a literatura também pode fomentar discussões no âmbito pedagógico (SILVEIRA; ZANETIC, 2016), principalmente no que tange à natureza e à especificidade da ciência (PIASSI, 2015).

Essas referências da área são fundamentais, embora sejam incipientes na perspectiva de integração entre ciência e literatura. Contudo apostamos que seria possível ampliá-la com a utilização de outro tipo de obra e de referencial teórico. Pautados nessa perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, apoiamo-nos no conceito de

¹ Este trabalho foi originalmente publicado na Revista Educação Química em Punto de Vista, sob a licença CC BY-NC-AS (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>). A versão apresentada neste capítulo é completa e sofreu pequenas alterações, principalmente quanto à padronização conforme as normas da ABNT e à formatação. Referência completa do artigo: LEONARDO JÚNIOR, C. S.; MASSI, L.; SILVA, R. V.; PALMIERI, L. J. A literatura de Primo Levi para a formação omnilateral no estágio de licenciandos em química. **Educação Química em Punto de Vista**, v. 5, n. 1, p. 240-250, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30705/eqpv.v5i1.2599>

formação omnilateral e na literatura do químico e escritor Primo Levi para explorar novas possibilidades na formação de professores, especificamente nos momentos do estágio. A concepção de formação omnilateral, central para essa teoria pedagógica, articula-se a essas discussões ao defender uma formação integral que abarca conteúdos clássicos, filosóficos e artísticos com o intuito de desenvolver uma transformação na concepção de mundo do aluno, visando a transformação da sociedade (SAVIANI; DUARTE, 2010; DUARTE, 2016).

Assim, este relato tem como objetivo apresentar a experiência formativa baseada no livro *A tabela periódica*, de Primo Levi, na formação inicial de professores de Química em dois contextos formativos de estágio distintos, pautados nos pressupostos teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica.

A literatura de Primo Levi e a formação omnilateral

Primo Levi (1919-1987), italiano de família judaica, é químico de formação e foi preso em 1944 pelos nazistas e levado para Auschwitz, um complexo de campos de concentração (LEVI, 1994). Após essa vivência traumatizante, Levi começou a escrever literatura de testemunho, inaugurando sua profissão literária com o livro *É isto um homem?* (1947). Nos seus testemunhos é evidente a influência da sua formação nas ciências naturais, uma vez que descreve de modo objetivo, claro e analítico as dolorosas vivências na prisão. Essas características estão presentes em muitas obras do químico e escritor, que também escreveu romances, contos, ensaios e poemas.

A partir de Maciera (2019), entendemos que Levi teve uma formação mais ampla, filosófica e humanística, de origem familiar e escolar, e que também foi marcada e influenciada pela experiência desumanizadora em Auschwitz. O autor indica que Levi, em sua casa, tinha contato com diversos autores, inclusive os clássicos, e com livros de divulgação científica. O liceu e a universidade também desempenharam um papel fundamental na sua vasta cultura científica, que se evidenciava, por exemplo, em suas entrevistas, nas quais o autor tratava de temas diversos, rompendo as barreiras disciplinares. Com base em Antonello (2009), Maciera (2019, p. 101) afirma que Levi apresenta em sua literatura híbrida “[...] a significativa e peculiar capacidade de conjugar literatura, ciência, técnica; arte, conhecimento e trabalho manual; capacidade natural de se servir de todas as lentes das quais o estudo, a cultura, a formação, a curiosidade, as leituras dotaram-no”, o que, no nosso entendimento, evidencia a potencialidade de sua obra em promover o desenvolvimento de uma formação omnilateral em âmbito educacional.

O livro no qual a Química e o trabalho do químico são mais explorados é *A Tabela Periódica*, publicado na Itália em 1975. Maciera (2019, p. 113) aponta que esse não é apenas um livro que funde a Química e a literatura, uma vez que se trata de uma obra escrita por “[...] ‘um químico’, com a vocação latente de Primo Levi de contar a própria vida”, observado que o fato de os 21 capítulos serem intitulados com o nome de elementos químicos é exemplo ilustrativo de “[...] sua relação com a química e com a vida e, de maneira mais geral, do homem com o seu trabalho [...]”. Em 2006, *A Tabela Periódica* foi premiado pela *Royal Institution of Great Britain* como o “melhor livro popular de conteúdo científico de todos os tempos”.

Quando se trata do trabalho educativo, diversos são os obstáculos que dificultam o desenvolvimento de uma formação mais ampla, humanizadora e transformadora, em função dos discursos e segmentos hegemônicos que derivam de uma visão de mundo neoliberal, fragmentada, de adaptação ao mercado, de polarização no indivíduo, subjetivista e fenomenológica (DELLA FONTE, 2011; SOUZA, 2018). Saviani e Duarte (2010, p. 423) indicam que a formação omnilateral tem como objetivo a formação integral do ser humano, com a finalidade de transformação da base material, e apontam para “a importância da filosofia para a formação do homem e, consequentemente, também para a formação do educador”. Para eles, o docente deveria ter conhecimentos sobre o homem e os conteúdos clássicos ou, conforme Saviani (2011, p. 13), o que se busca é a formação de um “professor culto”, que, diferentemente de um professor técnico, é aquele “[...] que domina os fundamentos científicos e filosóficos que lhe permitem compreender o desenvolvimento da humanidade e, a partir daí, realiza um trabalho profundo de formação dos alunos a ele confiados”. Apostando que as riquezas artísticas educam subjetivamente, promovendo posições intervencionistas sobre fenômenos humanos, Duarte (2016) destaca o papel da intencionalidade educativa e o desenvolvimento de todos os sentidos humanos por meio da valorização de vários campos artísticos.

Em busca de uma aproximação da formação dos licenciandos em Química de uma formação humana omnilateral, escolhemos Primo Levi, por ser químico e por apresentar evidências de ter sido fruto de uma formação omnilateral. Optamos pelo seu livro *A Tabela Periódica* por entendermos que se trata de uma obra rica no campo da literatura e da Química, com potencial de transformar a individualidade de cada estudante químico, levando em conta a luta histórica humana e a humanização da Química retratadas na obra. Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos e as discussões de duas experiências formativas de estágio curricular supervisionado na Licenciatura em Química que utilizaram essa obra.

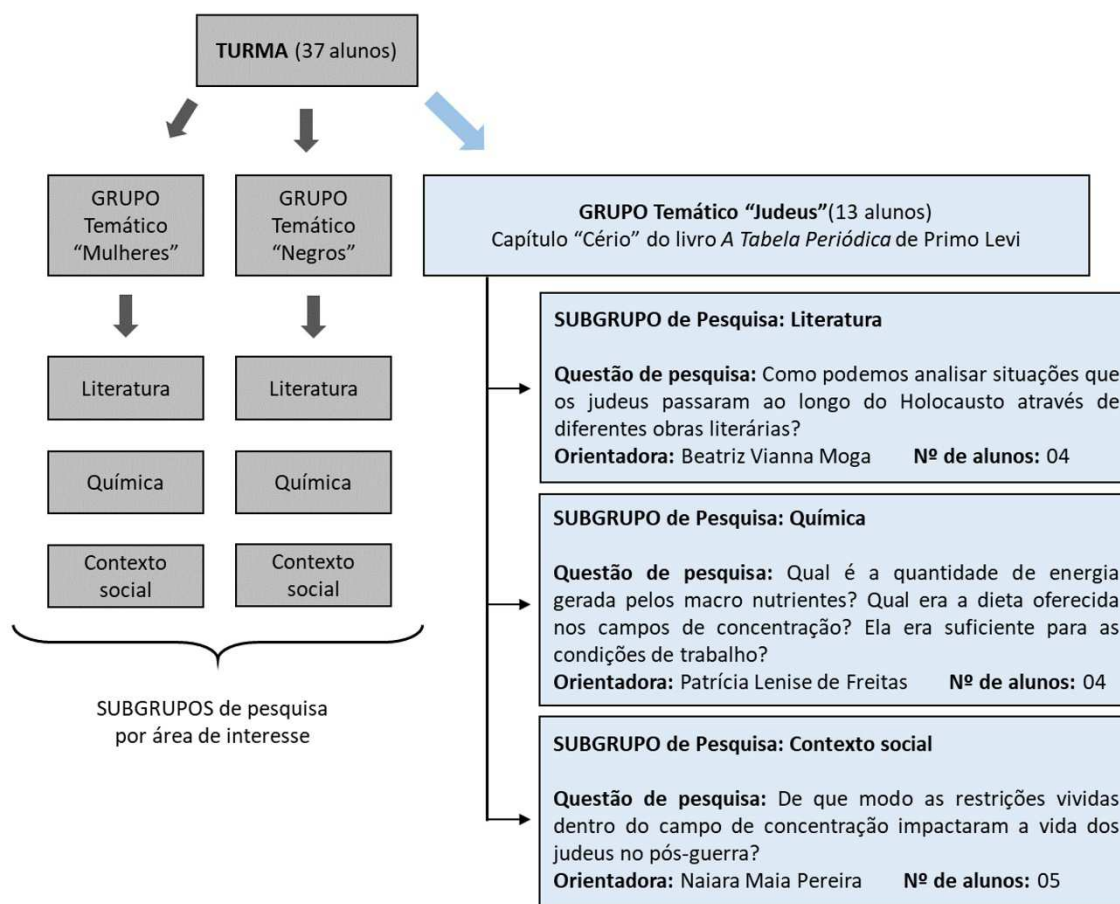
Primeira experiência formativa de estágio curricular supervisionado: grupos socialmente excluídos em uma disciplina eletiva interdisciplinar

A disciplina “Currículo, Linguagens e Avaliação no Ensino de Química” faz parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e se divide em um componente teórico e um estágio curricular supervisionado, oferecidos concomitantemente. Em 2018, partindo de um projeto de extensão e de uma parceria com uma escola do Programa Ensino Integral, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o estágio da disciplina foi desenvolvido na escola Jardim Buscardi, de Matão/SP, com auxílio de um aluno bolsista e contando com a parceria dos professores de Português, Ciências e Geografia. Juntos, planejamos uma disciplina eletiva interdisciplinar, destinada a alunos do Ensino Médio, que a partir de obras literárias tratava de questões sobre grupos socialmente excluídos, como as mulheres, os negros e os judeus.

Na primeira aula da disciplina da graduação, a fim de estimular os licenciandos a escreverem narrativas autobiográficas e de familiarizá-los com o que seria trabalhado durante o estágio, apresentamos a eles o químico e escritor Primo Levi e sugerimos uma leitura inicial de alguns capítulos do livro *A Tabela Periódica*. As narrativas autobiográficas são amplamente adotadas na formação de professores, possuem características próprias e sua escrita costuma ser estimulada com algum material (BAROLLI *et al.*, 2001; BUENO, 2002; PINEAU, 2006). Os licenciandos realizaram o estágio assistindo às aulas, registrando observações em seus diários, auxiliando no desenvolvimento da disciplina, atuando diretamente com os estudantes de nível médio, e articulando suas tarefas e apontamentos com as aulas teóricas.

Inicialmente, a turma da eletiva foi dividida em três grandes grupos temáticos, conforme a identificação por um dos grupos socialmente excluídos. Em seguida, cada grupo foi subdividido em três subgrupos, conforme a escolha por uma área de pesquisa — literatura, Química, contexto social. Cada um dos nove subgrupos elaborou uma questão de pesquisa e contou com um estagiário-orientador para auxiliá-lo no processo de desenvolvimento da pesquisa. Neste trabalho, centraremos nossa atenção nas três licenciandas que trabalharam com a temática “Judeus”. Na Figura 1, ilustramos as divisões e subdivisões com foco nos subgrupos com questões de pesquisa relacionadas aos judeus.

Figura 1. Divisão dos alunos da disciplina eletiva e subgrupos de pesquisa sobre os judeus



Fonte: elaboração própria.

Transcrevemos, a seguir, um dos trechos do capítulo “Cério” que mais marcou os alunos durante a leitura:

Havia feito várias tentativas no laboratório. [...] comera a metade deles, e verdadeiramente saciavam a fome, mas tinham um sabor tão desagradável que renunciei a vender o resto. [...] Também me esforcei por ingerir e digerir a glicerina, baseando-me no raciocínio simplista de que, sendo esta um produto da cisão dos graxos, deve ser metabolizada e fornecer calorias de algum modo; e talvez fornecesse, mas à custa de desagradáveis efeitos secundários (LEVI, 1994, p. 141).

A partir da temática destacada, relacionada à fome nos campos de concentração, cada subgrupo elaborou uma questão de pesquisa com auxílio de sua orientadora, que era responsável por guiar as pesquisas e trazer materiais de consulta,

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

discussões e, no caso do subgrupo da Química, no qual a orientadora Patrícia construiu em conjunto com os alunos um calorímetro com caixa de leite, materiais para experimento.

Após a conclusão das pesquisas, os três subgrupos se uniram novamente como um grupo temático para articularem seus resultados e definirem como a síntese poderia ser apresentada. Um dos formatos sugeridos foi a escrita de um texto de divulgação científica expondo os resultados dos subgrupos. O processo de escrita contou com a participação dos alunos do grupo “Judeus”, das três orientadoras e do bolsista, sendo revisado pela professora de Português. Apresentamos na Figura 2 o texto de divulgação científica que foi produzido.

Com a experiência do estágio e o texto produzido, percebemos que as licenciandas precisaram constantemente recorrer a conteúdos que não se limitavam ao âmbito da Química, pois o texto possui elementos sociais, históricos e literários, além da experiência não estimular só a leitura, mas também a escrita. A síntese das pesquisas evidencia “[...] que o caráter contraditório do desenvolvimento das ciências está inserido no processo histórico de desenvolvimento do gênero humano, que tem até aqui sido impulsionado pela luta de classes” (DUARTE, 2016, p. 107), a exemplo do fato de haver laboratórios dentro do campo de concentração e Levi ter sobrevivido, entre outras causas, por ser químico e por tentar amenizar a fome com base no seu conhecimento sobre Termoquímica e Bioquímica.

A articulação que as orientadoras precisaram estabelecer entre as áreas para auxiliarem os alunos favoreceu uma compreensão mais ampla e articulada do mundo, permeada por uma temática tão urgente como os direitos humanos. Isso se deve não apenas ao fato de a eletiva ter promovido uma dinâmica interdisciplinar com uma temática humanística, mas também porque a obra de Primo Levi apresenta essas mesmas características, como discutido por Maciera (2019), o que evidencia a importância da escolha das obras pelos docentes (DUARTE, 2016). Por esses motivos, entendemos que essa proposta aproximou a formação das licenciandas a uma formação omnilateral.

Figura 2. Texto de divulgação científica produzido pelos alunos da escola Jardim Buscardi em conjunto com o bolsista e com as estagiárias-orientadoras

**TESTEMUNHAS DO
HOLOCAUSTO:**

**a reintegração de um cientista à
sociedade por meio da literatura**

Imagine que você está em um vagão de trem superlotado, sem sua família, sem seus amigos, em uma viagem que dura dias, desorientado, tendo que fazer as suas necessidades na frente de todos, sendo levado contra a sua vontade para um lugar desconhecido, e que o seu novo "lar" será uma prisão arquitetada por Adolf Hitler cerca de 10 anos antes do início da Segunda Guerra Mundial, conhecida como campo de concentração. Imagine ainda que você não tem mais o seu nome e passará a ser identificado apenas por uma sequência de números gravada em sua pele.

Desumanização. Foi o que aconteceu com a maior parte dos judeus na Europa, inclusive com homossexuais, ciganos, negros e qualquer um que não se enquadrasse nos padrões da raça ariana no período que compreendeu a Segunda Guerra Mundial. Além de constantemente perseguidos, ao serem capturados, os judeus eram levados aos campos de concentração, onde eram submetidos à seleção: alguns eram considerados aptos ao trabalho (que era realizado em condições de escravidão), outros eram utilizados para experiências científicas macabras e outros eram descartados, sendo destinados diretamente à câmara de gás e sumariamente executados. Aqueles considerados aptos tinham seus pertences retirados, cabelo raspado e eram tatuados com números, pelos quais responderiam a partir de então.

Além disso, os prisioneiros eram submetidos a uma alimentação de baixíssimo teor calórico, que resultava em baixa energia para realizar atividades. Um adulto ingere cerca de duas mil calorias por dia, em uma dieta balanceada; ao invés disso, estima-se que a alimentação oferecida aos judeus, composta basicamente por poucas quantidades de pão e sopas ralas, não chegava a mil calorias por dia. Um dado alarmante é que muitos dos prisioneiros morreram em decorrência da fome e de doenças provenientes dela mesmo após a saída do campo de concentração, por ingerirem uma quantidade maior de alimentos do que estavam habituados dentro do campo.

Tais horrores foram registrados de muitas formas, mas especialmente em livros através da chamada literatura de testemunho. Nela, os relatos são descritos em primeira pessoa e

apresentam uma ideia do que era ser judeu na Europa em meados de 1940. Essa narrativa é capaz de dar voz às pessoas que presenciaram um determinado acontecimento traumático, como os sobreviventes do Holocausto e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. É importante ressaltar que o testemunho não é uma representação, ou seja, não há como descrever exatamente o fato ocorrido, uma vez que tal acontecimento seja carregado de traumas.



Tatuagem de sobrevivente de Auschwitz
Crédito: Flash 90

Autores como Anne Frank, que teve seu diário publicado por seu pai (único sobrevivente de sua família) após o fim do Holocausto, e Primo Levi, químico e posteriormente escritor, que publicou diversas obras relatando os horrores da vida durante e após o período na prisão, são exemplos de literatura de testemunho. Primo Levi nasceu em Turim, Itália, em 1919. Levi fazia parte de um grupo de milícia antifascista, foi preso em outubro de 1945 e levado para o campo de concentração em Auschwitz, em trem de carga com superlotação. Passou muito desconforto, frio, fome e sede, e se ele não trabalhasse, morreria. Por ser químico, atuou em um laboratório dentro de Auschwitz. Procurava por substâncias que podiam servir como alimento, que pudessem dar um mínimo de energia para que ele conseguisse viver mais um dia. Quando o nosso corpo metaboliza uma substância, ela pode gerar energia para ele, a qual comumente expressamos em termos de calorias. Sabendo disso, Levi chegou a ingerir até glicerina para não morrer de fome.

Os alemães evacuaram Auschwitz em janeiro de 1945. Após o fim da guerra, milhares de sobreviventes não tinham como voltar as suas origens, uma vez que suas casas e propriedades haviam sido destruídas ou tomadas por alemães e simpatizantes do governo nazista que se recusavam a devolvê-las, chegando a matar aqueles que as reivindicavam. A reinserção de Primo Levi na sociedade foi difícil, mas ele começou a trabalhar em uma fábrica de vernizes, Duco. Demitiu-se da Duco nos anos

seguintes, casou-se e teve dois filhos. Começou a trabalhar em outra fábrica de vernizes, na qual se tornou diretor. Foi encontrado morto em 11 de abril de 1987 em sua casa em Turim. Escreveu muitos livros ao longo de sua vida. Algumas de suas principais obras foram: *É isto um homem?* (1947), *A trégua* (1962), *A Tabela Periódica* (1975), *A chave Estrela* (1978), *Se não agora, quando?* (1982).

As obras *É isto um homem?* e *A Tabela Periódica* são exemplos de literatura de testemunho.

Uma obra muito conhecida e que também se enquadra no mesmo gênero é *O diário de Anne Frank*. Anne Frank nasceu em Frankfurt, Alemanha, em 1929. Buscando sobreviver à perseguição aos judeus, ficou escondida em um anexo, na cidade que ela morava, em Amsterdã, Holanda, junto com outras sete pessoas, a partir do dia 9 de julho de 1944. A autora, uma criança, escreve relatos em primeira pessoa, expondo seus pensamentos. Como a obra foi escrita em formato de diário, é possível encontrar facilmente esse registro de ideias e opiniões.

Muitos foram os problemas vividos pelos judeus, e o que mais impressiona é que temos testemunhado a crescente banalização do Holocausto e a negação da sua existência por alguns grupos, além do surgimento de grupos neonazistas e manifestações preconceituosas e intolerantes nas redes sociais. A Alemanha, inclusive, necessitou instituir uma lei que pune com a prisão aqueles que negam os fatos sobre o Holocausto. Recentemente, uma senhora de 89 anos foi presa por negar veementemente as torturas e mortes ocorridas nos campos de concentração, afirmando que Auschwitz não era um centro de extermínio, mas apenas um campo de trabalho, e que nada daquilo ocorreu.

Por fim, vale salientar a importância de um material de testemunho, uma vez que em termos de Holocausto muito se fala sobre o nazismo e pouco sobre os prisioneiros, que não eram compostos só por judeus; e quanto aos que sobreviveram aos massacres, pouco se fala a respeito do retorno à sociedade pós-guerra. Os prisioneiros foram os principais afetados, e seus relatos permitem que as novas gerações não se esqueçam do que foi esse terrível marco na história da humanidade.

Fonte: elaboração própria.

Segunda experiência formativa de estágio curricular supervisionado: construção de uma exposição museográfica

A disciplina anual “Estágio Curricular Supervisionado: Metodologia e Prática de Ensino de Química” também faz parte da grade curricular do curso de Licenciatura em Química da UNESP, embora de uma estrutura anterior à vigente. Ofertada em caráter emergencial para a última turma dessa estrutura curricular, suas aulas ocorreram em 2019, aos sábados. Considerando a especificidade e a relevância dos espaços de educação não formal e de experiências com a educação em museus, optou-se por oferecer os estágios de observação e as atividades práticas dessa disciplina nos museus e centros de ciências. Assim, os licenciandos puderam visitar alguns desses espaços não-formais e, partindo de um conjunto de ações educativas, propusemos o planejamento, a montagem e funcionamento monitorado de uma exposição sobre a vida e a obra de Primo Levi.

No primeiro encontro, os licenciandos foram orientados a escrever uma narrativa autobiográfica e, assim como na primeira experiência relatada, indicamos a leitura de Primo Levi para discutirmos sobre relatos literários e, assim, inspirá-los e engajá-los na escrita de suas narrativas e na temática da exposição. Em suas narrativas, os licenciandos foram orientados a destacar sua relação pessoal com a ciência, com a literatura e com os ambientes não escolares de ensino. Além disso, foi solicitado que eles produzissem um texto após cada encontro abordando o que tinha sido discutido na aula, suas percepções e suas dúvidas. Esses textos fizeram parte dos seus portfólios.

No primeiro semestre de 2019, ocorreram as visitas aos museus e centros de ciências visando analisar a presença e a abordagem da Química nesses espaços, com o intuito de desenvolver nos alunos percepções e escolhas relacionadas à exposição museográfica proposta. Para planejar a exposição, procuramos “ambientá-los” ainda mais com a literatura de Primo Levi por meio de um encontro exclusivo para apresentação de sua vida e obra, sua linguagem, os conteúdos químicos e temáticas abordadas, além da leitura de mais textos do autor.

Após estabelecermos que a exposição teria seis seções, decidimos nos concentrar na criação de uma “Tabela Periódica Interativa”, em MDF, que teria relação direta com a obra *A Tabela Periódica* de Levi. Para isso, dividimos entre os alunos a leitura dos capítulos do livro e destinamos um encontro à discussão e à escrita de uma breve descrição desses textos, contemplando uma seleção de excertos que eles considera-

vam mais representativos em relação aos conhecimentos químicos e as relações e questionamentos suscitados pela leitura.

Foi a partir dessas leituras e discussões que os alunos definiram os conteúdos dos *cards* que poderiam ser encontrados nas gavetas da Tabela referentes aos elementos dos capítulos do livro. Também foi a partir delas que os licenciandos escolheram e sugeriram alguns conteúdos, artes e excertos que fizeram parte das outras seções, como uma arte inspirada no ciclo do carbono, retratado no capítulo “Carbono”, ou ainda um excerto do capítulo “Potássio”, que aborda o ato de destilar, junto ao qual foi exposto um destilador. Na Figura 3, apresentamos algumas imagens da exposição intitulada “Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi”, inaugurada em outubro de 2019 no Centro de Ciências de Araraquara².

Figura 3. Conjunto de imagens da exposição museográfica sobre Primo Levi



Fonte: elaboração própria.

Com a leitura dos textos dos portfólios, buscamos por elementos representativos e definimos três núcleos de significação, entendidos como contributos das atividades na formação humana e profissional dos licenciandos, nos quais conseguimos

² Devido à pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e às regras e orientações de distanciamento social, optamos por construir, em 2020, uma versão virtual da exposição: <https://sites.google.com/unesp.br/quimiscritor>

identificar indícios de uma aproximação com uma formação omnilateral. A seguir, apresentaremos cada um desses núcleos seguidos de excertos dos textos que explicitam cada um deles. Optamos por usar nomes fictícios para nos referirmos aos graduandos, de forma a garantir o seu anonimato.

i) Nova percepção da relação entre ciência e literatura

[...] por que não relacionar a literatura com a Química? Levando em consideração as obras de Primo Levi, pode-se perceber que a relação é bastante significativa, e a forma com que ele articula a Química e sua autobiografia deixa claro que a literatura pode ser, sim, um instrumento de formação auxiliar. (Fabi – aula sobre a vida e a obra de Primo Levi)

Ele descreve as aulas do professor relacionando de forma poética a Química e as características da aula, revelando bem o seu modo de descrever momentos, situações da sua vida com base na sua visão química. (Eliza – aula sobre produção de conteúdo da exposição)

Entendemos que esses trechos dão indícios de uma formação omnilateral na medida em que revelam o reconhecimento, por parte dos licenciandos, de uma Química menos fragmentada e que, embora cada área tenha a sua especificidade, ambas – ciência e literatura – pertencem a uma totalidade de múltiplas articulações do conhecimento e da sociedade.

ii) Percepção ampliada sobre o ofício do químico

Para nós enquanto químicos, que conseguimos apreciar a beleza descritiva do processo de destilação, o autor menciona que a mudança do estado físico do benzeno “comporta-se como uma metamorfose: de líquido a vapor (invisível), e desce novamente a líquido; mas neste caminho duplo, para cima e para baixo, atinge-se a pureza” [excerto do capítulo “Potássio”]. Além disso, explora-se que se é um processo demorado que levou 2 dias para ser executado até a obtenção da pureza desejada e isso permitiu que ele pensasse em outras coisas da vida: “Destilar é bonito. Antes de tudo, porque é um ofício lento, filosófico e silencioso, que te mantém ocupado, mas deixa tempo para pensar noutras coisas, um pouco como andar de bicicleta” [excerto do capítulo “Potássio”]. (Carol – aula sobre produção de conteúdo da exposição)

Percebemos que a leitura desse capítulo pode transmitir uma visão mais ampla do trabalho do químico em um laboratório. A partir de um procedimento rotineiro, a destilação é associada a ações cotidianas e ao ato de filosofar, de tal forma que suscita

uma visão da Química como uma ciência capaz de abarcar sensações, lembranças, ações cotidianas e reflexões, ou seja, uma relação com o trabalho não apartado da vida real, na tentativa de aproximação de um trabalho humanizado, em contraposição à abordagem dada pela sociedade capitalista, na qual o trabalho é alienado e pode ser superado quando se torna atividade autorrealizadora, “[...] que é a única forma de o indivíduo se efetivar como um ser genérico, isto é, um ser conscientemente representativo do desenvolvimento alcançado pelo gênero humano” (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 429).

iii) Possibilidades de articulação entre a literatura e a ciência no ensino de Química

Essa atividade nos propôs várias discussões, sendo uma extremamente interessante para mim, que é como podemos articular a literatura de Primo Levi com a sala de aula. Por já ser professor de Ensino Médio, me senti atraído em trabalhar sua obra dentro da sala de aula, o que me fez conversar com a [nome da estagiária de docência da disciplina] sobre o desenvolvimento de um trabalho para levar a obra para meus alunos. (Bruno – aula sobre produção de conteúdo da exposição)

Além disso, acredito que ao final dessa disciplina, conseguiremos trazer maiores contribuições de Primo Levi para a área do ensino de Química, pautados na relação direta com o conteúdo científico. (Carol – aula sobre produção de conteúdo da exposição)

Notamos que os licenciandos, além de ampliarem sua concepção acerca da relação entre a Química e a literatura, também perceberam que essa relação pode ser abordada na Educação Básica. Tal percepção pode culminar em ações educativas pautadas em uma visão de mundo menos fragmentada, na direção de uma formação omnilateral, na qual conteúdos científicos e artísticos são campos da produção humana que devem ser apropriados a fim de se possa desenvolver uma visão de mundo crítica nos indivíduos. Mas para que os professores de Química possam promover uma formação omnilateral na Educação Básica, entendemos, a partir de Duarte e Saviani (2010), que esses licenciandos também devem receber essa formação e se apropriarem das concepções de fundo que caracterizam o materialismo histórico.

É importante mencionar que, nos encontros iniciais, os graduandos relatavam dificuldade com a leitura. Percebemos que, além de eles não terem o hábito de ler, as disciplinas da graduação não estimulavam outras leituras além dos livros de referência sobre os conteúdos químicos. Essas dificuldades foram sendo amenizadas conforme eles se familiarizavam com a literatura do autor e se interessavam pelas

articulações estabelecidas entre a Química e a esfera humana. Com base em Saviani e Duarte (2010) e Saviani (2011), entendemos que um professor de Química culto — professor de Química que foi formado de maneira omnilateral — não é aquele que se apropriou apenas dos conteúdos químicos, mas que se apropriou também de conteúdos artísticos e filosóficos integrados à química e à sociedade. Conforme Saviani e Duarte (2010, p. 423), “[...] se a educação é uma atividade específica dos seres humanos, se ela coincide com o processo de formação humana, isso significa que o educador digno desse nome deverá ser um profundo conhecedor do homem”. Assim, espera-se que um professor culto tenha não apenas o hábito de leitura, mas que também leia conteúdos clássicos diversificados (SAVIANI; DUARTE, 2010). Assim, podemos inferir que a experiência relatada propiciou aproximações para um ensino de Química em uma perspectiva omnilateral.

Considerações finais

Entendemos que as experiências relatadas contribuem para ampliar a reflexão a respeito das aprendizagens possibilitadas e potencializadas no âmbito da formação inicial de professores de Química, especialmente no contexto dos estágios supervisionados. Também contribuem por serem tentativas de aproximação da formação de licenciandos de uma formação omnilateral. Nos dois casos, a vida e a obra de Primo Levi serviram como eixo estruturante das atividades, tanto pelo fato de Levi ter sido químico, e isso possibilitar uma identificação por parte dos graduandos, quanto pela riqueza da literatura do autor, que apresenta uma Química mais humanizada e articulada com outras esferas humanas. Além disso as experiências serviram para estimular o gosto dos licenciandos pela leitura literária, os quais não tinham essas práticas favorecidas em outras disciplinas da graduação.

Partindo da perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, entendemos que, diante das adversidades que a educação encontra em uma sociedade alinhada a uma visão de mundo neoliberal, individualista e relativista (DELLA FONTE, 2011; SOUZA, 2018), conseguir propiciar uma formação omnilateral a licenciandos em Química não é uma tarefa fácil, já que tem como objetivo a transformação da concepção de mundo do indivíduo e a transformação da sociedade (SAVIANI; DUARTE, 2010; DUARTE, 2016). Porém, entendemos que as experiências descritas se aproximaram dessa formação integral e, assim, constituem-se em exemplos que podem e devem ser aprimorados nesse embate que travamos contra a formação de um professor técnico e deficiente de repertório cultural e filosófico e contra a sociedade capitalista.

Referências bibliográficas

- AVRAAMIDOU, L.; OSBORNE, J. The role of narrative in communicating science. *International Journal of Science Education*, v. 31, n. 12, p. 1683-1707, 2009.
- BAROLLI, E.; FRANZONI, M.; VILLANI, A.; FREITAS, D. A crônica da disciplina: uma experiência na formação de professores de ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 1, n. 3, p. 1-13, 2001.
- BENITE, A. M. C.; BENITE, C. R. M.; MORAIS JÚNIOR, J. A. R. S. Reflexões sobre epistemologia da ciência a partir de uma experiência com a literatura infantil. *Acta Scientiae*, Canoas, v. 11, n. 2, p. 141-159, 2009.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.
- DELLA FONTE, S. S. Fundamentos teóricos da pedagogia histórico-crítica. In: GALVÃO MARSIGLIA, A. C. *Pedagogia histórico-crítica: 30 anos*. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 23-42.
- DUARTE, N. Educação escolar e formação humana omnilateral na perspectiva da pedagogia histórico-crítica. In: LOMBARDI, J. C. (org.). *Crise capitalista e a educação brasileira*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016. p. 101-121.
- FRANCISCO JUNIOR, W. E.; ANDRADE, D. R.; MESQUITA, N. S. Visões de cientistas e atividade científica na obra Ponto de Impacto de Dan Brown: possibilidades de inserção de elementos de História e Filosofia das Ciências. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 76-98, 2015.
- LIMA, L. G.; RICARDO, E. C. Física e Literatura: uma revisão bibliográfica. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, Florianópolis, v. 32, n. 3, p. 577-617, 2015.
- LEVI, P. *A Tabela Periódica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- MACIERA, A. C. Primo Levi: a química entre literatura e ciência. *Caderno de Letras*, n. 34, p. 89-126, 2019.
- PIASSI, L. P. C. De Émile Zola a José Saramago: interfaces didáticas entre as ciências naturais e a literatura universal. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 33-57, 2015.
- PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006.
- SAVIANI, D.; DUARTE, N. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 422-433, 2010.
- SAVIANI, D. Formação de Professores no Brasil: dilemas e perspectivas. *Póiesis Pedagógica*, v. 9, n. 1, p. 07-19, 2011.
- SILVEIRA, M. P.; ZANETIC, J. Formação de professores e ensino de química: reflexões a partir do livro Serões de Dona Benta de Monteiro Lobato e da pedagogia de Paulo Freire. *Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 61-85, 2016.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

SOUZA, J. F. A. Referencial teórico e formação de professores: uma análise necessária. *In*: MATOS, N. S. D.; SOUZA, J. F. A.; SILVA, J. C. (org.). *Pedagogia histórico-crítica: revolução e formação de professores*. Campinas: Armazém do Ipê, 2018. p. 37-51.

UMA PROPOSTA DE MEDIAÇÃO PARA A EXPOSIÇÃO “UM QUIMISCRI TOR NO MUSEU: CIÊNCIA, LITERATURA E DIREITOS HUMANOS COM PRIMO LEVI”

Elliston Mazela da Cruz
Luciane Jatobá Palmieri
Luciana Massi

Os museus e centros de ciências, que no Brasil majoritariamente estão vinculados a uma universidade, realizam um importante papel em prol da divulgação científica, além disso, esses são espaços de estudo, desenvolvimentos de projetos e pesquisas. Esses ambientes de educação não-formal são privilegiados para a construção de diálogos compartilhados entre grupos, em função de estímulos oferecidos pela exposição (BONATTO; SEIBEL; MENDES, 2007). O profissional que atua nesses espaços, conhecido como mediador, pode provocar esse diálogo. Logo, a presença desses profissionais nesses espaços torna-se indispensável para o seu pleno funcionamento, sendo que o papel que esses sujeitos exercem nessas instituições de educação não-formal já é consolidado Silva e Oliveira (2011). Geralmente são estudantes de graduação, que terão a oportunidade de conhecer um novo universo do campo da educação não-formal e da divulgação científica, atuando não apenas na mediação, mas também dentro de um projeto de extensão, iniciação científica e grupos de estudos, além da formação que recebem para atuar nesses espaços.

Para melhor uso da linguagem que ocorre entre a exposição e o público, o mediador pode recorrer aos saberes da mediação. Por se tratar de uma área recente, as pesquisas de educação em museus carecem de um referencial teórico próprio, utilizando referenciais do campo da educação formal (MARANDINO, 2006). Com isso pretende-se neste trabalho seguir o mesmo caminho, partindo dos conhecimentos docentes pela concepção de Maurice Tardif, segundo a interpretação e adaptação para a educação em museus de Queiroz e colaboradores (2002; 2003) e Gomes e Cazelli (2016).

Saberes da mediação, tipo de interação, de visitação e público-alvo

Como apontado por Gomes e Cazelli (2016), Maurice Tardif procura identificar e compreender a natureza dos saberes que servem de base à prática dos professores, desse modo as autoras fazem aproximações e as devidas adaptações para os saberes da mediação em museus, que são considerados saberes próprios dessa prática educativa, diferente da experiência escolar (BONATTO; SEIBEL; MENDES, 2007). Esses saberes são: saber disciplinar, saber da transposição didática, saber do diálogo, saber da linguagem, saber da protagonização, saber da emoção, saber da visão de ciência, saber das concepções alternativas, saber da conexão, saber da manipulação, saber da história da humanidade, saber da interação com os mediadores do museu, saber da ampliação cultural e saber da história da instituição (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Em relação ao saber disciplinar, Gomes e Cazelli (2016) colocam que é útil ao mediador ter conhecimento dos conteúdos temáticos da exposição, para que não seja apenas um transmissor de informações e, assim, possa conduzir um diálogo com o público. Em relação aos saberes da formação profissional, considera-se que um dos papéis do mediador é provocar a curiosidade do visitante, partindo da temática por meio de contextualizações, tornando necessária a capacidade de uma boa comunicação com os mais diferentes públicos (GOMES; CAZELLI, 2016).

Os saberes curriculares também são importantes ao mediador, uma vez que atuam numa instituição que tem uma história, propostas museológicas e educativas (GOMES; CAZELLI, 2016). Sobre os saberes da experiência, Marandino (2008) afirma que devido à heterogeneidade dos públicos e a complexidade do processo de mediação, muitas vezes o mediador faz o uso de improvisações e da criatividade superando assim uma situação inusitada.

Com o objetivo de identificar os saberes da mediação humana nos museus, Queiroz e colaboradores (2002; 2003), investigaram os saberes presentes durante a mediação no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Essa pesquisa possibilitou identificar os saberes durante uma mediação em museus e centros de ciências. Apresentamos a seguir a definição de alguns desses saberes, segundo os autores: **Saber disciplinar**, conhecer o conteúdo da ciência pertinente à exposição a ser mediada; **Saber da transposição didática**, saber transformar o modelo consensual/pedagógico de forma a torná-lo acessível ao público; **Saber do diálogo**, estabelecer uma relação de proximidade com o visitante, valorizando o que ele sabe, formulando questões exploratórias gerativas de modelos mentais e dando um tempo para que o visitante exponha suas ideias; **Sa-**

ber da linguagem, adequar a linguagem aos diferentes tipos de público que visita o museu; **Saber da protagonização**, elevar a autoestima dos estudantes, a partir do exercício da liderança de atividades nas quais eles sejam os protagonistas; **Saber da emoção**, construir estratégias motivadoras que envolvam emocionalmente os visitantes, explorando a multiplicidade de interesses e sensibilidades, utilizando inclusive o lúdico como estratégia para envolvimento dos alunos; **Saber das concepções alternativas**, conhecer algumas concepções alternativas ao conhecimento cientificamente aceito, apresentado nas exposições, e saber como explorá-las; **Saber da conexão**, conectar os diferentes espaços de uma mesma exposição ou trilha e conectar diferentes aparatos de um mesmo espaço; **Saber da manipulação**, deixar o visitante manipular livremente os aparatos e, quando necessário, propor formas de uso próximas da idealizada; **Saber da história da humanidade**, saber situar a temática da exposição num contexto histórico-social mais amplo; **Saber da interação com os mediadores do museu**, lidar com os mediadores como parceiros no trabalho da mediação.

Buscando identificar os saberes que os mediadores do Centro de Ciências de Araraquara (CCA) utilizavam durante uma visitação, Silva (2009) constatou que os saberes dos mediadores são muitos e advém da experiência, do processo de formação inicial, de aspectos psicológicos e psicossociológicos. Também, de acordo com os dados obtidos em sua pesquisa, destacou novos saberes que os mediadores faziam uso, como o **saber da organização dos alunos**, que se torna importante manter os grupos de alunos organizados, conduzi-los pelos espaços do museu, mantendo-os focados e engajados nas atividades. Dessa forma, o mediador pode fazer a mobilização desses saberes tendo em vista o tema e os conteúdos abordados em uma exposição, os tipos de interatividade propícios e as propostas político-pedagógicas presentes no discurso do mediador (BONATTO; SEIBEL; MENDES, 2007). Soares (2003, p. 3) afirma que “os saberes da mediação humana em museus de ciência e tecnologia é um campo pouco explorado”, dessa forma pretende-se colaborar para a exploração de pesquisas sobre a utilização desses saberes.

Segundo Matsuura (2007) para cumprir bem o seu papel o mediador deve ter a capacidade de conhecer, além dos conteúdos científicos, os aspectos humanos e sociais da Ciência e os reflexos da Ciência e Tecnologia no cotidiano; além de ser capaz de estimular a curiosidade e de conduzir um diálogo reflexivo, ter carisma senso de humor e um espírito lúdico. Em outras palavras, Matsuura (2007, p. 78) afirma que “o bom mediador é aquele que não age burocraticamente, que evita atitudes professorais e se coloca no nível do público para poder dialogar com ele e, de forma interativa, construir o conhecimento”.

A utilização dos saberes que foram expostos acima será oportunizada pelo uso da interatividade através da mediação humana. Esta última constitui um processo de qualificação da interatividade que corresponde a uma ampliação do diálogo dos visitantes por meio da problematização (MORAES *et al.*, 2007). Segundo Pavão e Leitão (2007), a interatividade é a palavra de ordem nos museus e centros de ciências, nesses espaços o visitante deve refletir e intrigar-se em busca de respostas e, ao mesmo tempo, se divertir. Dessa forma, o mediador deve sempre estimular esse visitante trazendo problematizações e provocações buscando um clima de espontaneidade.

Wagensberg (1998) categoriza três tipos de interatividade possíveis numa visita, em que considera todos os elementos que compõem uma exposição. Marandino (2008) as define como: **hands-on**: que considera o toque e a manipulação física como a principal forma de interação; **minds-on**: quando há engajamento intelectual e quando ideias e pensamentos do visitante podem se modificar durante ou depois da visita, suscitando questionamentos e dúvidas; **hearts-on**: quando há estímulo emocional, já que a ideia é atingir a sensibilidade do visitante. Apesar das exposições poderem privilegiar uma dessas formas de interação, torna-se interessante a exploração das três possibilidades mesmo que sejam trabalhadas em intensidades diferentes (MARANDINO, 2008).

Em geral, existem três tipos de visita: a visita-palestra, a discussão dirigida e a visita-descoberta (GRINDER; MCCOY, 1998 *apud* MARANDINO, 2008). A visita-palestra atrai o público adulto interessado em um aprofundamento de determinado tema e tem baixo nível interacional, a visita-descoberta é considerada a mais interativa, pois depende, praticamente, apenas do visitante, já na discussão dirigida a mediação ocorre por meio de questionamentos, que proporciona o entendimento dos aspectos comunicacionais dos conteúdos da exposição, é necessária uma boa participação dos visitantes com o mediador, o nível de interação é bastante alto (MARANDINO, 2008).

Os museus e centros de ciências recebem os mais diferentes tipos de públicos, como o escolar, familiar e os grupos da terceira idade. Sendo assim, torna-se importante que o mediador reconheça qual é o público que ele irá acompanhar, para que saiba o tipo de visita que dará maior ênfase durante a visita. Portanto, da mesma forma que o mediador deve conhecer a fundo as potencialidades da exposição a ser mediada, deve também conhecer os tipos de público do museu ou centro de ciências (MARANDINO, 2008).

Neste capítulo, nos baseamos nestes referenciais teóricos para apresentar uma proposta de mediação para a exposição museográfica “Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi”.

A Exposição

A exposição foi planejada e construída no ano de 2019 durante o desenvolvimento da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado VI, para o curso de Licenciatura em Química do Instituto de Química da UNESP de Araraquara, ministrada pela doutoranda Luciane Jatobá Palmieri e pela Professora Luciana Massi. A construção ocorreu ao longo de dois semestres, em que inicialmente os alunos da disciplina fizeram um amplo estudo sobre educação em espaços não formais, realizaram visitas técnicas a museus e centros de ciências, além de um estudo sobre a vida e obra de Primo Levi. Posteriormente, se envolveram com o planejamento e a montagem da exposição, inaugurada em outubro do mesmo ano. A equipe de coordenação e montagem da exposição, também, contou com a participação de mestrandos, sendo estes pesquisadores da vida e obra de Levi.

No dia 31 de julho de 2020, em comemoração ao aniversário de Levi, a exposição ganhou o formato virtual, <https://sites.google.com/unesp.br/quimiscritor>, sendo uma alternativa viável de visitação para aqueles que queriam explorar a exposição, diante das medidas de distanciamento social impostas pela pandemia de COVID-19, a partir de março de 2020. Segundo os autores da exposição, o formato virtual não busca substituir o físico, pois entendem que cada formato permite uma experiência diferente para o público, com interações e mediações distintas (LEONARDO JÚNIOR, 2020). O Centro de Ciências de Araraquara (CCA), local que abriga a exposição física, é um espaço de formação e de divulgação científica, aberto à visitação. A exposição está dividida em seis seções, são elas: Tabela Periódica Interativa, Cronologia, Químico, Auschwitz, Mesa Híbrida e Escritor. Tais seções buscam explorar a Ciência (Química) de forma integrada com a literatura e os direitos humanos, a partir da vida e obra de Primo Levi.

Primo Levi, nasceu no ano de 1919, em Turim, na Itália. Foi químico de formação e prisioneiro de Auschwitz por ser judeu. Após sobreviver a *Shoá* sentiu a necessidade e a obrigação de testemunhar os horrores que viveu para que aquilo não tornasse a se repetir. Sendo assim, encontrou na literatura uma forma de testemunhar esse episódio de sua vida, além de divulgar a ciência por meio de temas pertinentes à sociedade (LEONARDO JÚNIOR, 2020).

Aspectos constitutivos da proposta de mediação

Levando em conta o fato dos conteúdos de Ciências relativos à Química começarem a serem trabalhados apenas no Ensino Fundamental II, definiu-se que a

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

proposta seria construída a partir do EF II até o Ensino Médio. Com isso, conseguiríamos abordar maiores aspectos da exposição de forma que houvesse maior aproveitamento dos alunos visitantes. Levamos em consideração a escolha do público escolar, desconsideramos a visita-palestra, tendo isso em mente descartamos a visita-palestra, uma vez que ela tem baixo nível de interação. Apesar da visita-descoberta ser considerada a mais interativa também a descartamos, uma vez que ela depende praticamente apenas do visitante. Dessa forma, a discussão dirigida seria a mais oportuna para ser trabalhada com o público escolar, uma vez que ela ocorre por meio de questionamentos permitindo a compreensão de aspectos comunicacionais dos conteúdos da exposição, por meio de um roteiro lógico elaborado pelo mediador.

Definimos também o tipo de interação (*hands-on*, *minds-on* e *hearts-on*) que seria mais coerente com cada seção da exposição, para isso uma pergunta que permeou essa sistematização foi “quais as interações possíveis nessa seção, considerando todos os elementos que a compõe?”. Com esse questionamento em mente foi possível construir o Quadro 1, que sistematiza para cada seção o tipo de interação utilizado, sendo adotado diferentes tipos de interação, isso se deve ao fato de quisermos explorar ao máximo os diferentes aspectos comunicacionais e peculiaridades encontrados em cada uma das seções.

Quadro 1 – Tipos de interação utilizados em cada seção da exposição.

	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Seção VI
<i>Hands-on</i>	X					X
<i>Minds-on</i>			X		X	
<i>Hearts-on</i>		X		X		

Fonte: Elaborado pelos autores.

Analisamos também os tipos de saberes que estariam presentes ao longo da mediação proposta, a partir desta análise sistematizamos o uso desses saberes no Quadro 2, elaborado com base nos saberes estudados por Queiroz e colaboradores (2002, 2003) e Silva (2009) e que também utilizamos ao longo da proposta de mediação. Ou seja, considerando as características de cada seção identificamos quais saberes poderiam ser mobilizados construindo este quadro síntese que orientou o desenvolvimento da proposta de mediação.

Quadro 2 – Saberes envolvidos na proposta de mediação considerando as diferentes seções da exposição.

	Seção I	Seção II	Seção III	Seção IV	Seção V	Seção VI
Saber disciplinar	X		X			
Saber da transposição didática	X		X		X	
Saber do diálogo	X		X	X	X	
Saber da linguagem			X		X	
Saber da protagonização			X		X	
Saber da organização dos alunos		X	X			
Saber da interação com os mediadores do museu			X			
Saber do controle do tempo			X			
Saber da emoção		X	X			
Saber das concepções alternativas		X	X			
Saber da conexão	X	X		X		X
Saber da manipulação					X	X
Saber da história da humanidade	X	X	X	X	X	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Alguns saberes estarão implícitos no diálogo e nas ações que o mediador irá adotar, sendo que ele só será debatido durante a proposta quando houver maior ênfase. Um exemplo é o saber da ampliação cultural, que apesar de estar presente em todo o processo de mediação, por ser inerente ao processo de visitação de um museu, terá maior ênfase apenas na última se o da exposi o. O uso deste saber ficará mais explícito no discurso e nas a es do mediador de acordo com o que foi proposto para essa se o da exposi o.

Após definirmos esses quatro elementos (público alvo, tipo de visita o, tipo de intera o e saberes da media o) que estariam presentes na proposta de media o, definiu-se como essa proposta seria estruturada. Pensando no fato de que a exposi-

ção física (e também a virtual) divide-se em diferentes seções, utilizamos esse primeiro critério organizacional para a proposta, ou seja, ela também seria elaborada seguindo essa divisão. Importante frisarmos que, apesar da exposição dividir-se em seções, elas se complementam e dessa forma a proposta foi construída, também, pensando em como conectar essas diferentes seções. A proposta apresentada é adequada tanto para a exposição física quanto virtual, de modo que qualquer professor poderia realizar a visita com seus alunos cumprindo o papel do mediador aqui apresentado.

Seção I – Tabela Periódica Interativa

Esta seção é composta por uma tabela periódica contendo 40 botões/gavetas interativas. As informações foram inspiradas no livro *A tabela periódica* (LEVI, 1994), em que trechos dos capítulos foram adicionados com alguns questionamentos (21 botões/gavetas), em outros encontram-se uma amostra do elemento químico (9 botões/gavetas) e em 10 botões/gavetas apenas informações gerais sobre ele.

Além de uma apresentação inicial, o mediador pode fazer a apresentação da exposição, comentando ou perguntando sobre a relação ou se existe uma relação entre a ciência, literatura e direitos humanos. Assim, mostrará que a intenção da exposição ao longo das seções é justamente essa, explicitar a relação entre esses três temas, a partir da vida e obra de Primo Levi, que era um químico, judeu e escritor. Portanto, é importante ao mediador ter clareza sobre essa relação e isso só será possível por meio da exploração de toda a exposição, dos materiais disponíveis e, principalmente, da formação inicial que irão receber.

O mediador fará uso do saber da história da humanidade, do saber disciplinar e do saber da conexão, uma vez que para estabelecer a relação entre os três temas expostos acima serão necessários conhecer o contexto histórico e social da época, bem como conhecer os conteúdos da ciência que serão abordados e, por último, saber como será feita essa articulação, no qual o saber da conexão permitirá o mediador transitar entre as seções fortalecendo essa relação e sabendo como conectar um espaço a outro, possibilitando uma visita mais fluida e dinâmica aos visitantes.

Pelo fato dos conteúdos de ciências do Ensino Fundamental II não abordarem esse tópico da química, o mediador pode começar a falar sobre a tabela periódica com perguntas simples, como, “O que é essa tabela que vocês estão vendo? O que são esses “quadrinhos”? É algum símbolo?” Pode acontecer de algum aluno responder e não importando as respostas, estando elas mais próximas ou não da informação correta, essas perguntas servirão para chegar ao tipo de interatividade *hands-on*,

uma vez que o mediador poderá pedir a algum ou a alguns dos alunos cliquem nos elementos, sendo um que tenha trechos do livro trazendo informações sobre um elemento químico, uma com apenas as propriedades físico-química e aplicação e/ou uma com um exemplar de tal elemento.

Aqui o importante é provocar a curiosidade nos alunos, assim como colocado por Gomes e Cazelli (2016), podem-se fornecer informações iniciais de que aquelas caixinhas ou aqueles símbolos representam as unidades mais básicas do que é constituído o nosso universo e que ali estão representados todos os elementos que a humanidade foi capaz de encontrar, de sintetizar ou de deduzir sua provável existência, fornecendo informações, por exemplo, sobre a quantidade de elementos e informando também como a tabela organiza diversas informações acerca daqueles elementos.

O conteúdo sobre a tabela periódica é abordado logo da 1ª série do Ensino Médio (EM), assim partiremos da ideia que os alunos já tenham o mínimo de conhecimento do que ela representa. Sendo assim, o mediador poderá dar características sobre aquela tabela em específico, qual é a intenção dela e porquê ela é interativa. Informando, por exemplo, que assim como toda a exposição ela também foi inspirada no livro *A tabela periódica* do Primo Levi. Após isso, poderá deixar os alunos à vontade para explorar aquela seção, ficando sempre atento a possíveis dúvidas ou até mesmo procurar os alunos e propor alguma pergunta.

Seção II – Cronologia

Esta seção aborda de forma cronológica a trajetória de vida de Primo Levi, sendo composta por 21 quadros que se dividem em quatro períodos: 1) Infância e Juventude; 2) Formação e trabalho inicial como químico; 3) Experiência traumática em Auschwitz; 4) Atuação como Químico. É importante destacar que esses quatro períodos não estão explicitamente marcados na seção, mas poderão servir para orientar o mediador nos estudos sobre a exposição e situar o visitante caso haja alguma dúvida.

Uma das funções do mediador nessa seção será aplicar o saber da organização dos alunos, pois é ele que mostrará por onde a seção se inicia e termina. Com isso, torna-se pertinente que o mediador organize esses alunos de forma que todos consigam ir passando por cada período da seção e evitar que os períodos pareçam desconexos ou que um período não teve influência no outro, pois compreendendo o período da Infância e Juventude, conseguimos compreender os motivos que levaram Primo Levi a matricular-se no curso de Química. Merece destaque o quadro que contém um trecho do livro *O ofício alheio* (LEVI, 2016a), que relata o interesse que Levi

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

tinha pelos instrumentos da ciência, demonstrando mais afeição por um microscópio do que pela sua bicicleta. Este é apenas um exemplo de como cada período tem completa relação com o outro, mas mostra também a importância de seguir a linha cronológica.

Dessa forma, é importante que o saber da organização dos alunos caminhe junto com o saber da conexão, pois este último permitirá que tal seção seja vista como uma seta ou um caminho que direciona os alunos a um próximo período, sendo possível explorar a complementaridade de cada um e que por último o direciona até a próxima seção, em que o uso do primeiro saber possibilitará que os alunos ainda assim continuem organizados. Obviamente, o que foi colocado servirá como um apoio que ajudará o mediador a conduzir a visita, dessa forma o mediador poderá deixar os alunos à vontade para voltar a um determinado ponto da seção, ou não seguir determinadas orientações. É importante que o mediador seja, como foi colocado por Queiroz e colaboradores (2003), um artista reflexivo que entenderá os motivos dos visitantes seguir de tal modo a visita.

Para esta seção se adequa o tipo de interatividade hearts-on, uma vez que a partir da história de vida de Primo de Levi, buscaremos atingir a sensibilidade do visitante (MARANDINO, 2008).

O mediador poderá iniciar com perguntas simples direcionadas a todo o grupo, como: “Quem gosta de Ciência? Do que vocês mais gostam nas aulas de ciências?” É importante que o grupo de alunos sintam-se à vontade para participar e isso, em alguns casos, só será possível com respostas motivadoras do mediador, muitas vezes trazendo mais elementos que permitam que o grupo de alunos respondam as perguntas, como na última que foi colocada. Caso nenhum aluno responda, o mediador pode perguntar sobre alguma área da Ciência em específico ou até dando exemplos próprios em que o mediador poderá expor os motivos de ter escolhido o seu curso ou estar trabalhando no museu.

Tais perguntas têm forte relação com o que está exposto logo no início da seção, visto que os alunos do EF II estão descobrindo e aprendendo Ciência no ensino formal, assim como Primo Levi descobriu e era apaixonado pela Ciência, surpreendendo até o seu pai por suas escolhas. Dessa forma, quando os alunos passarem por esse período da seção poderão muitas vezes se identificar ou até mesmo superar uma concepção alternativa da imagem de um cientista, como sendo um ser iluminado em que o conhecimento brotou. Compreenderão que Primo Levi que era um químico e escritor foi, assim como eles, uma criança e teve toda uma trajetória de vida, com isso o mediador estará explorando além do saber das concepções alternativas, o saber da emoção, uma vez que se utilizou de estratégias motivadoras para envolver os alunos.

Após essa abordagem inicial, o mediador poderá deixar os visitantes livres para percorrer a seção, estando sempre junto para responder qualquer dúvida e até mesmo colocando novos questionamentos que os motivem a permanecerem atentos às propostas da seção. Assim, após todos os visitantes terem passado pela cronologia o mediador poderá trazer mais alguns questionamentos, como: “Quais eram as disciplinas que Levi mais tinha interesse e que o motivou a cursar química?” Junto a essa pergunta o mediador poderá perguntar se eles também gostam dessas disciplinas. Poderá, também, fazer perguntas sobre os motivos do diploma de Levi estar escrito “de raça judia”, contextualizando assim com o período da Segunda Guerra Mundial, em que houve grandes perseguições a judeus, negros, ciganos, gays e a tantos outros que o regime nazista perseguiu, por considerá-los impuros. Aliado a esses questionamentos e exposições, o mediador poderá perguntar porquê Levi foi mandado para o campo de concentração de Auschwitz e o que ir para esse local representava a esses prisioneiros. É importante ressaltar que tal seção e tais questionamentos que o mediador irá fazer têm forte apelo emocional. Este é um ponto central para se falar sobre os direitos humanos e a necessidade e o dever que temos de conhecer esse momento triste de nossa história, para que isso não volte a se repetir, dessa forma o mediador está fazendo o uso do saber da história da humanidade (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Seção III – Químico

A seção aborda a atuação de Primo Levi como químico, mostrando o brilho de suas obras ao divulgar a ciência, bem como o seu próprio reconhecimento como profissional químico. Há, também, uma definição do que é a química (feita pelos criadores da exposição). Além disso, a seção traz conteúdos químicos abordados em suas obras por meio de vídeos e painéis.

Com o intuito de compreendermos melhor esta seção podemos dividi-la em três partes que são: 1) “Químico: ofício e formação”; 2) “Carbono o elemento-personagem”; e 3) “Conteúdos químicos na obra de Levi”. É importante ressaltarmos que essas partes não apresentam uma divisão clara na exposição física, apenas na exposição *online*. Neste trabalho, utilizaremos essa divisão a fim de compreendermos melhor a descrição da seção, bem como a proposta de mediação.

Na primeira parte desta seção, intitulada na exposição virtual como “Químico: ofício e formação”, há três painéis em que apresentam a definição de Química, enquanto uma área da ciência. Traz, também, por meio de um trecho do livro *A assimetria e a vida* (LEVI, 2016b), o ofício do químico. Além disso, apresenta uma fotografia

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

de Primo Levi junto com seus colegas de curso, que posam diante de uma janela com vidrarias de laboratório. Em uma segunda parte desta seção, intitulada na exposição virtual como “Carbono: o elemento personagem”, é apresentado o ciclo do carbono. Ele foi construído a partir de trechos do capítulo “Carbono” do livro *A tabela periódica* (LEVI, 1994). A terceira parte desta seção, intitulada na exposição virtual como “Conteúdos químicos na obra de Levi”, traz vídeos com alguns conteúdos químicos abordados nas obras de Levi, que são: o entendimento de calorías, combustão, substâncias de guerra, a química dos odores e a polimerização.

Esta seção é marcada por diversos conteúdos químicos que são trabalhados apenas no Ensino Médio. Gomes e Cazelli (2016, p. 29) consideram que:

É útil a um mediador ter domínio acerca dos conteúdos temáticos presentes nas exposições em que trabalha. Conhecer tais conteúdos é condição essencial para que esse profissional não seja um mero transmissor de informações previamente selecionadas por outros, mas um verdadeiro mediador que, dotado desse conhecimento, conduz o diálogo com o público.

Portanto, tendo o mediador conhecimento do saber disciplinar, bem como compreensão do currículo oficial do ensino formal, poderá conduzir um diálogo mais fluido com os alunos. De certa forma, tendo o conhecimento do saber disciplinar o mediador terá maior facilidade em desenvolver o seu saber da linguagem, uma vez que, segundo Queiroz e colaboradores (2002) este saber é capaz de adequar a linguagem aos diferentes tipos de público. Conseguirá, também, manter uma comunicação mais espontânea, desenvolvendo o saber do diálogo que segundo a mesma autora, é capaz de estabelecer relações de proximidade com o visitante, valorizando assim o que ele já sabe.

Diante dos tipos de interatividade possíveis na exposição, nesta seção iremos considerar que a interatividade do tipo minds-on terá destaque. Por haver grande engajamento intelectual e os pensamentos e ideias dos visitantes poderem se alterar, havendo também questionamentos e dúvidas, o que se justifica uma vez que tal seção contém uma grande quantidade de conteúdos químicos (MARANDINO, 2008).

O mediador poderá iniciar a visita com questionamentos, como: “Primo Levi era um químico, não é mesmo? Mas o que um químico faz? O que um químico estuda? Aliás, o que é a Química?” Esses são apenas alguns exemplos de perguntas que poderão favorecer um diálogo do mediador com os alunos. Destaca-se que uma pergunta se relaciona com a outra, a primeira pergunta faz com que os alunos relembrem que aquela exposição está totalmente relacionada com o quimiscritor, Primo Levi, e re-

toma sua biografia, vista na seção anterior. A segunda pergunta nos faz questionar o que Primo Levi, como um químico, fazia e anterior e mais fundamentalmente a isso o que seria a química. Dessa maneira, o mediador estará fazendo o uso do saber do diálogo, partindo de perguntas instigantes e valorizando o conhecimento prévio dos alunos, estabelecendo dessa forma uma relação de proximidade com eles (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Pode-se utilizar um dos painéis da seção, que traz a definição conceitual do que é a química, dessa forma o mediador poderá, por meio de um diálogo, comparar com as concepções prévias da definição de química que os alunos apresentaram, tentando sempre aproximá-la de uma definição científica. Assim, o mediador fará o uso do saber das concepções alternativas para conseguir alcançar com os alunos o conhecimento cientificamente aceito, contribuindo para desconstruir as visões distorcidas de ciência (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Em seguida, após explorar com os alunos a definição de química, o mediador poderá retornar às questões iniciais: “O que um químico faz? O que um químico estuda?” Nesse momento é importante que o mediador explore essas perguntas a partir de como Levi enxergava e compreendia o ofício de ser químico. Pode-se utilizar os painéis presentes na seção mostrando aos alunos uma das coisas que Levi dedicou a sua vida, em apresentar a sociedade sua profissão pouco conhecida:

Todos sabem o tipo de vida que leva um corsário, um aventureiro, um médico, uma prostituta. Sobre nós, químicos, transmutadores da matéria, ofício de ilustre ascendência, não há muitas pistas, e me parecia justo ‘preencher uma lacuna’. (LEVI, 2016, p. 173b)

Como colocado por Queiroz *et al.* (2002) é importante fornecer um tempo para que os estudantes elaborem suas interpretações e consigam expor suas ideias, assim, o mediador poderá com os alunos elaborar uma interpretação do painel a fim de se chegar o mais próximo de um conceito científico. A partir da ideia anterior em que os alunos visitantes tornam-se protagonistas da elaboração de uma interpretação, eles poderão ter uma melhora na autoestima ficando ainda mais confiantes e confortáveis em participar da visitação e dialogar com o mediador. Nesse momento o mediador estará desenvolvendo não apenas o saber da protagonização, mas também o saber da emoção ao construir uma estratégia motivadora que envolva emocionalmente os alunos, explorando seus interesses e sensibilidades (QUEIROZ *et al.*, 2003).

O mediador terá diversas possibilidades de mediar essa seção, sempre refletindo sobre quem é o seu público e o tempo que eles poderão estar presentes na visita.

Torna-se importante que o mediador possa refletir sobre suas ações antes, durante e depois de uma mediação, isso fará parte dos saberes da experiência do mediador que será desenvolvido ao longo de sua prática e reflexão sobre ela.

De acordo com Marandino (2008, p. 29) no que ela denomina como reflexão-na-ação “[...] essa reflexão permite ao profissional atingir algum nível de conscientização do processo prático, essencial para melhora de futuras ações”. Aponta, também, a importância do mediador experimentar, ou seja, “a experimentação justifica-se pela necessidade de buscarmos continuamente melhorar.” (MARANDINO, 2008, p. 29). Logo, o mediador pode se perguntar quais abordagens funcionaram, o que poderia ser ainda mais explorado, o que poderia ser evitado e o que possivelmente motivou os alunos ou os fizeram perder o interesse. Para aperfeiçoar suas práticas de mediação os mediadores poderão fazer o uso do saber da interação com os mediadores do museu e assim trocarem experiências.

Em relação à segunda parte desta seção (Carbono: o elemento personagem) pode-se começar a explicar o ciclo do carbono por um lugar arbitrário, contudo torna-se interessante pedir sugestões aos alunos por onde tudo aquilo começa. A explicação pode ser dada, em termos gerais, sobre qual é o trajeto percorrido por aquele átomo de carbono, pode-se utilizar a linguagem lúdica, que Levi fez questão de usar para explicar, questionando com os alunos como aquele átomo de carbono conseguiu fazer parte de estruturas tão diferentes. Também, poderá fazer uma relação direta com o Princípio da Conservação da Massa, proposta por Lavoisier pela frase que ficou conhecida como: “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Para desenvolver um diálogo pode-se fazer perguntas, como: “Por que o autor diz: ‘ao carbono, elemento da vida?’ Os outros átomos não estão em nossa vida? Qual o nome do processo que transforma o gás carbônico em glicose? O que ocorre no processo de fermentação alcoólica? O que aconteceria se o álcool presente no vinho fosse oxidado? O que seria uma oxidação?”.

Ressaltamos aqui o uso do saber da transposição didática e do saber da linguagem, uma vez que o mediador terá que desenvolver a capacidade de transformar um modelo consensual tornando acessível aos visitantes e adequar sua linguagem de acordo com o perfil dos alunos (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Seção IV – Auschwitz

Esta seção tem como foco principal relatar a experiência traumática que Primo Levi vivenciou no complexo de campos de concentração de Auschwitz. No topo da

seção há um painel com uma imagem de fundo que retrata o campo de concentração e, em primeiro plano, contém arames farpados que representam os muros de Auschwitz, bem como a inscrição “*Arbeit macht frei*” (“O trabalho liberta”) que se tornou símbolo dos horrores sofridos pelos prisioneiros que tinham que passar pelos portões dos campos de concentração.

A seção é composta por dois painéis que trazem trechos da literatura de testemunho de Primo Levi. Em um deles o autor descreve como conseguiu sobreviver em Auschwitz, incluindo o fato de como a sua formação de químico o ajudou. No outro contém partes de trechos do livro *Assim foi Auschwitz* (LEVI, 2015), com relatos sobre para que servia Auschwitz, incluindo relatos da viagem ao campo de concentração, bem como a quantidade de judeus que foi com ele ao campo e quantos regressaram vivos de lá.

A seção também é composta por um computador com fones de ouvido, que contém dois vídeos, com um tempo total de 12 minutos. O primeiro intitulado “Auschwitz - Desumanização” (produzido exclusivamente para a exposição, feito pelo Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin do Departamento de Ciências Sociais da UNESP-Araraquara), explica como ocorre e como ocorreu o processo de desumanização utilizado pelo regime nazista. O segundo vídeo, é uma entrevista em que Primo Levi dá o seu testemunho dos dias que viveu em Auschwitz, dos horrores que presenciou por lá e como o fato dele ser químico o ajudou a sobreviver, o vídeo foi gravado em sua volta a Auschwitz. Há na seção uma criação bem curiosa, produzida pelos alunos que construíram a exposição, intitulada de “vestimenta híbrida”. Nela metade da vestimenta é um jaleco de químico e a outra metade um uniforme de prisioneiro dos campos de concentração.

Devido ao foco dessa seção de relatar a experiência traumática que Primo Levi vivenciou no complexo de campos de concentração de Auschwitz, será estimulada aqui a sensibilidade emocional dos alunos. Sendo assim, o mediador poderá explorar este estímulo emocional, a fim de que os alunos se engajem e se interessem ainda mais, assim teremos uma interação do tipo hearts-on. Torna-se pertinente ao mediador, pensando no conteúdo de forte apelo emocional que traz a seção, utilizar esse fator a favor da mediação, sendo necessário o uso do saber da história da humanidade, uma vez que deverá dominar bem o conhecimento histórico-social da época.

O mediador poderá iniciar um diálogo nesta seção a partir de qualquer item, pois o importante é que os alunos tenham um entendimento histórico da vida de Levi e que consigam relacionar as informações obtidas nessa seção com as demais. Poderá fazer perguntas como: “Para que serviam esses campos de concentração?” Para responder essa pergunta pode-se utilizar o segundo painel citado na descrição, no qual traz um trecho do livro *Assim foi Auschwitz* (LEVI, 2015), pedindo a algum

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

aluno que se voluntarie para a leitura. A partir disso, os alunos começarão a notar o processo de desumanização, que será abordado mais precisamente em um dos vídeos desta seção. Os alunos poderão questionar o que é uma câmara de gás, uma vez que ele é citado no trecho, o mediador poderá explicar para que os nazistas a utilizavam e também poderá indicar aos alunos a assistirem o vídeo, substâncias de guerra, presente na seção anterior (seção III – Químico).

Em relação aos significados da frase “*Arbeit macht frei*”, o mediador poderá explorar uma importante ironia captada por Levi em seu livro *Assim foi Auschwitz* (LEVI, 2015), no capítulo “Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz”. Neste capítulo o autor faz um testemunho desolador do que foi capaz a espécie humana, por exemplo, ao relatar o destino de mulheres, crianças, idosos e inválidos cujos destinos estavam traçados desde a sua chegada aos campos, enquanto os aptos ao trabalho eram submetidos a suplícios e a quase nenhuma condição sanitária e, dessa forma, sua capacidade produtiva era praticamente inexistente, concluindo, assim, que o objetivo dos nazistas não era obter qualquer fruto dessa mão de obra, mas matar por meio do esforço físico deliberadamente inútil (GUTERMAN, 2015). Logo, ao contrário do que as placas informavam na entrada do campo “O trabalho liberta” o que acontecia era totalmente o oposto, sendo o trabalho mais uma forma de genocídio, chamada de “extermínio por meio do trabalho” (AUSCHWITZ, 2018).

Os alunos poderão, também, assistir aos vídeos da seção, citados na descrição, assim irão compreender, de fato, como ocorreu o processo de desumanização e como Primo Levi buscou relatar esses horrores do regime nazista. No segundo vídeo, os alunos irão acompanhar uma entrevista do próprio Levi e terão a oportunidade de conhecer um pouco mais do autor a partir de seu testemunho. É importante que o mediador deixe os alunos livres para assistirem ou não aos vídeos e caso os alunos façam alguma pergunta cuja resposta esteja nos vídeos o mediador poderá indicá-lo.

Seção V – Mesa Híbrida

Está seção enfoca o ofício de quimiscritor de Primo Levi, um híbrido de Químico e Escritor, esta dualidade é representada por uma mesa híbrida e pelos objetos que a compõe, ao mesmo tempo em que a mesa pode ser vista como uma escrivaninha, também pode ser observada como uma bancada de laboratório.

Após os alunos encontrarem o diploma de Levi e lerem o que está escrito no diploma, o mediador pode questionar os alunos com algumas perguntas, como “Qual

foi a data que Primo Levi concluiu seu curso de Química?” A partir da resposta dessa pergunta, que os alunos poderão encontrar analisando novamente o diploma, o mediador pode fazer outro questionamento de forma a contextualizar a vida de Levi com o contexto histórico da época, como “Qual evento histórico acontecia nessa época?” A resposta esperada é que os alunos citam a Segunda Guerra Mundial, dessa forma o mediador pode dar uma breve explicação do que foi esse acontecimento histórico, explorando quando ocorreu, o expansionismo e a ideologia alemã que culminou em tal guerra, além do número de mortos que tal guerra causou.

É importante que a abordagem realizada, como a feita no parágrafo anterior, seja dialogada, ou seja, que o mediador leve em consideração as respostas e questionamentos dos alunos, valorizando o conhecimento que eles detêm sobre o assunto. Dessa forma, o mediador além de estar fazendo o uso do saber do diálogo, também, fará o uso do saber da protagonização ao elevar a autoestima dos visitantes colocando eles como protagonistas desse diálogo (QUEIROZ *et al.*, 2003). Como colocado por Matsuura (2007), é necessário que o mediador consiga se expressar com clareza, intuir e buscar saber os conhecimentos prévios dos alunos, saber dosar os conteúdos, além de saber estimular a curiosidade e de conduzir um diálogo de maneira reflexiva.

É notável perceber que o mediador deve ter um domínio considerável sobre conteúdos históricos, pois a exposição será melhor mediada se o monitor souber apresentar tal seção considerando o contexto histórico-social, que se situa a seção. Assim, torna-se importante que busque sempre desenvolver o saber da história da humanidade. Ainda sobre o saber da história da humanidade, pode-se explorar com os alunos o significado do termo “raça judia”, presente em seu diploma, como: “O que isso significava na época? Quais os motivos do seu diploma ter aquele termo?” O mediador poderá explorar as leis antissemitas criadas pelo partido nazista que, assim como as principais características do fascismo, via com desprezo os direitos humanos. Pode-se falar sobre o antissemitismo, que foi um dos pilares ideológicos do programa do Partido Nazista, e assim voltar à atenção ao peso que aquela inscrição tinha no diploma de Levi.

Seção VI – Escritor

A seção reúne diversos livros escritos por Levi e traduzidos para o português. Levi dedicou-se à escrita na forma de testemunhos, romances, ensaios, contos de fantasia, ficção científica e distopia e poemas. Dessa forma, a seção promove diferentes formas de entrar em contato direto com a literatura de Levi.

O mediador poderá esclarecer aos alunos do que se trata tal seção e lembrá-los que ela é a última da exposição. Sendo assim poderá, por exemplo, indicar que os alunos ficarão à vontade para explorar seu conteúdo. Pode indicar, também, os vídeos com um breve resumo dos livros, gravados pelos idealizadores da exposição. Dessa forma, o importante aqui é que o mediador deixe os alunos manipularem e explorarem os itens da seção sozinhos, e apenas quando necessário intervir ou propor algo, com isso o mediador mobiliza o saber da manipulação (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Este, também, é um momento para que o mediador possa orientar algum aluno que fez questionamentos ou demonstrou curiosidades por alguma parte das seções anteriores à leitura de algum trecho dos livros de Levi, para que possa elucidar alguma questão a esses alunos. Como indicar a leitura do capítulo “Carbono” do livro *A tabela periódica* (LEVI, 1994), caso o aluno tenha ficado com alguma dúvida ou curiosidade quando foi apresentado na Seção III – Químico o painel intitulado “Carbono: o elemento-personagem”. Outro exemplo é a indicação de leitura de algum testemunho de Levi para que os alunos possam compreender o que foi Auschwitz, o processo de desumanização, e o antissemitismo, que foram vistos na Seção IV – Auschwitz, ou apenas para ter contato com sua literatura de testemunho, indicando livros como, *Assim foi Auschwitz* (LEVI, 2015), *É isto um homem?* (LEVI, 1988) e *A assimetria e a vida* (LEVI, 2016b). Sendo assim, o mediador estará fazendo o uso do saber da conexão, uma vez que soube conectar diferentes partes da exposição explorando a complementaridade entre elas, visando à compreensão de algum fenômeno ou fato abordado (QUEIROZ *et al.*, 2002).

Considerações Finais

A partir de uma fundamentação teórica em Educação em Ciências em Espaços não-formais, tornou-se possível elaborar uma proposta de mediação amparada teoricamente em quatro elementos: 1) os saberes da mediação, 2) os tipos de interação, 3) os tipos de visitação e 4) o público-alvo.

Esta proposta de mediação não é um passo a passo ou uma “receita de bolo” do que o mediador deve fazer na mediação dessa exposição, mas deve ser encarada como um material de formação inicial e continuada para aquele mediador que busca sempre aprimorar sua prática e aliar a ela o conhecimento teórico. Há outras inúmeras possibilidades de mediação dessa exposição, que vão desde explorar outros aspectos da exposição até seguir outras fundamentações teóricas ou mudar os elementos teóricos que orientou a elaboração desta pesquisa, como enfatizar outro tipo

de visitação e interação, utilizar outros saberes da mediação ou até mesmo mudar de público-alvo. Portanto, ressaltamos que este material não deve ser visto como uma forma única de mediar essa exposição, mas que possa servir para o mediador aprimorar a sua prática, motivá-lo e reconhecer o quão complexo é sua função quando devidamente fundamentada teoricamente.

Esperamos que este material enriqueça a experiência dos futuros mediadores da exposição virtual ou física e que também favoreça a experiência dos alunos que a visitarão, possibilitando-os perceber a relação da Química com a literatura e com os direitos humanos por meio da rica literatura de Primo Levi.

Referências bibliográficas

AUSCHWITZ. In: UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. *The Holocaust encyclopedia*. Washington, DC., [2018]. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/auschwitz-1>. Acesso em: 16 fev. 2021.

BONATTO, M. P. O.; SEIBEL, M. I; MENDES, I. A. Ação mediada em museus de Ciências: o caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, L. (Org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 47-55, 2007. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/734-tcc-41>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GOMES, I.; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. *Revista Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 23-46, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/2016nahead/1983-2117-epec-2016180102.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

GUTERMAN, M. Primo Levi lança o livro Assim foi Auschwitz. *Jornal do Commercio*, [s. l.], 13 out. 2015. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/noticia/2015/10/13/primo-levi-lanca-o-livro-assim-foi-auschwitz-203456.php>. Acesso em: 15 fev. 2021.

LEVI, P. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LEVI, P. *A assimetria e a vida*. São Paulo: Editora Unesp, 2016b.

LEVI, P. *Assim foi Auschwitz: Testemunhos 1945-1986*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEVI, P. *É isto um homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, P. *O ofício alheio*. São Paulo: Editora Unesp, 2016a.

LEONARDO JÚNIOR, C. S. *Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi*. Google Sites, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/unesp.br/quimiscritor>. Acesso em: 09 fev. 2021.

MORAES, R. et al. Mediação em museus e centros de Ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUC-RS. In: MASSARANI, L. (Org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 55-67, 2007. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/734-tcc-41>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

MATSUURA O. T. Teatro cósmico: Mediação em planetários. In: MASSARANI, L. (Org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 75-80 2007. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/734-tcc-41> . Acesso em: 20 mar. 2022.

MARANDINO, M. Perspectivas da pesquisa educacional em museus de ciências. In: SANTOS, F. M.; GRECA, I. M. *A pesquisa em ensino de ciências no Brasil e suas metodologias*. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 89-122.

MARANDINO, M. Ação educativa, aprendizagem e mediação nas visitas aos museus de ciências. In: MASSARANI, L. (Ed.). *Workshop sul americano e Escola de mediação em Museus e Centros de Ciências*. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2008. p. 21-28.

PAVÃO A. C.; LEITÃO A. Hands-on? Minds-on? Hearts-on? Social-on? Explainers-on! . In: MASSARANI, L. (Org.). *Diálogos & Ciência: mediação em museus e centros de Ciência*. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 39-46, 2007. Disponível em: <http://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/734-tcc-41> . Acesso em: 20 mar. 2022.

QUEIROZ, G. *et al.* Construindo saberes da mediação na educação em museus de ciências: o caso dos mediadores do museu de astronomia e ciências afins/ Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, 2002. p. 77-88. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4144> . Acesso em: 24 jul. 2020.

QUEIROZ, G. *et al.* Saberes da mediação na relação museu-escola: professores mediadores reflexivos em museus de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 4., 2003, Bauru. *Atas [...]*. Bauru: Abrapec, 2003, p. 1-14. Disponível em: <http://abrapecnet.org.br/enpec/iv-enpec/orais/ORAL161.pdf> . Acesso em: 17 nov. 2020.

SILVA, C. S. *Formação e atuação de monitores de visitas escolares de um centro de ciências: saberes e prática reflexiva*. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90931> . Acesso em: 10 nov. 2020.

SOARES, J. M. *Saberes da Mediação Humana em Museus de Ciência e Tecnologia*. 2003. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/Educ.dissert.Jorge.Soares.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2022.

SILVA, C. S.; OLIVEIRA, L. A. A. Mediadores de centros de ciências e os seus papéis durante as visitas escolares. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 47-64, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=129519166004> . Acesso em: 4 dez. 2020.

WAGENSBERG, J. L. A favor del conocimiento científico (Los nuevos museos). *Revista Valenciana D'Estudis Autònoms*, n. 23, 1998, p.295-309. Disponível em: http://www7.uc.cl/sw_educ/educacion/grecia/plano/html/pdfs/linea_investigacion/Comunicacion_y_Lenguaje_ICL/ICL_002.pdf . Acesso em: 27 nov. 2020.

PRIMO LEVI E A DESUMANIZAÇÃO: PORQUE ESSE É UM ASSUNTO ATUAL E NECESSÁRIO

Rafaela Valero da Silva
Carlos Sérgio Leonardo Júnior
Luciana Massi

Sob uma perspectiva histórica, a desumanização do outro é um processo cultural e político que sempre existiu na humanidade (ZUIN, 2013). Assumindo singularidades diferentes em cada contexto, ela ainda é uma preocupação nos tempos atuais. Por exemplo, no contexto nacional, o atual presidente do Brasil apoia a tortura abertamente, por meio de declarações sobre pessoas marginalizadas e sobre o período da ditadura de 1964 que se alinham a um processo de desumanização desses indivíduos. Assim, acreditamos que o tema da desumanização precisa ser posto em pauta e que a literatura de Primo Levi pode ser um meio para essa discussão, uma vez que ela nasce da II Guerra Mundial, um episódio da história humana na qual a desumanização foi materializada em campos de concentração. Nosso objetivo no presente capítulo é defender que a vida e a obra de Primo Levi nos fornecem meios para discutir essa temática, principalmente porque ele a discute de modo a combatê-la e a denunciá-la. Para tanto, lançamos mão de trazer citações do próprio autor ao longo do texto, aproximando (e convidando) o leitor para sua literatura e explicitando como o tema da desumanização é abordado por ele.

Para construir essa argumentação, primeiramente, trazemos breves informações biográficas de Primo Levi, justificando como experiências e acontecimentos de sua vida se relacionam com o tema da desumanização. Depois, apresentamos exemplos e discutimos como Levi tratou do tema da desumanização tanto em suas obras como em sua vida. Em seguida, argumentamos sobre a importância das discussões legadas pelo autor. Encerramos com um exemplo de projeto de extensão que ilustra como Primo Levi e essa temática podem ser abordados além da leitura de sua obra.

Por que Primo Levi?

Oriundo de família judaica, Primo Levi (1919-1987) nasceu em Turim, era químico de formação e cresceu na Itália de Mussolini, dominada pelos ideais fascis-

tas. Ainda recém-formado, escrever fazia parte dos sonhos de Levi (LEVI, 1994). Em 1944, ele foi preso e levado para Auschwitz, onde permaneceu durante um ano até o resgate pelo Exército Vermelho. As ânsias mais recorrentes entre os prisioneiros envolviam a fome e o testemunho (LEVI, 2016a). Por isso, o ato de testemunhar foi muito importante para Levi, que após retornar para a Itália, começou a escrever seu primeiro livro. *É isto um homem?* reúne as memórias do químico italiano sobre o ano em que esteve em Auschwitz e é apenas uma das obras nas quais ele dedica-se a testemunhar. O autor também escreveu poesias, contos de ficção científica, romances e ensaios, o que nos permite afirmar que sua produção literária era diversificada e rica.

A literatura de Levi deve ser analisada a partir de dois pontos: a prisão no campo de concentração; e a sua formação como químico (MACIERA, 2019a); isso porque foi a partir da experiência como prisioneiro que ele começou a escrever, e sua escrita é influenciada pela química. A necessidade de narrar, ligada à necessidade de entender sobre o que ele e outros companheiros viveram, introduziu Levi no campo literário. Já a sua formação nas ciências naturais influenciava sua escrita, sendo a ciência tanto material — tema para suas histórias — como a forma com que escrevia. A ciência é trazida a partir do léxico, do prezar pela escrita clara, objetiva e concisa. Seu texto é construído a partir de uma reunião de habilidades requeridas também pela química: “A química é a arte de separar, pesar e distinguir: são três exercícios úteis também a quem se prepara para descrever fatos ou dar corpo à própria fantasia” (LEVI, 2016b, p. 12).

Dessa forma, Primo Levi coloca em pauta e discute o processo de desumanização pelo qual são submetidos os indivíduos, principalmente aqueles que foram presos em Auschwitz. Em seu tempo, a desumanização era um processo bastante evidente, principalmente devido à força exercida pelos regimes fascista e nazista. Portanto, no decorrer deste texto, defendemos como escritos, vivências e testemunhos de Levi implicam na defesa contra o processo de desumanização, tanto naquela época quanto atualmente.

Como Primo Levi tratava do tema da desumanização em seu tempo histórico?

Levi referia-se constantemente à desumanização por meio da sua literatura e a abordava pautado em sua formação científica, uma vez que sua escrita envolvia clareza e serenidade em contraste com o sofrimento extremo (CAVALCANTI, 2019). Podemos dizer que, se não foi a condição primeira para o nascimento de sua escrita,

a prisão em Auschwitz foi a condição que tornou urgente a necessidade dela, o que evidencia a importância dessa experiência na trajetória do autor (MACIERA, 2019b). Ao mesmo tempo que denuncia a desumanização, Primo Levi procura manter a memória viva, por mais dolorosa que seja, primeiramente em respeito àqueles que não podem testemunhar, e depois para tentar evitar que algo parecido se repetisse. É com a seguinte epígrafe que Levi inicia seu livro de divulgação científica *A tabela periódica*: “*I bergekumene tsores iz gut tsu dertselyn*”, isto é, “É bom contar as dores passadas”, na língua curda. O químico e escritor acreditava que o seu testemunho era importante porque “se compreender é impossível, conhecer é preciso” (LEVI, 2016a, p. 47). São diversos os ensaios, textos de jornais, prefácios e transcrições de palestras nos quais Levi se debruça sobre assuntos de sua época que relacionam-se com a desumanização. Além de tratar da *Shoá*, ele também falou sobre intolerância racial, antisemitismo e movimentos negacionistas do crime nazista. Todos esses fatos são desdobramentos de um processo em comum, a desumanização.

Muitos são os testemunhos sobre Auschwitz e muitos também são os exemplos de transgressão dos direitos humanos vividos por judeus, homossexuais, crianças, mulheres, negros e comunistas na Alemanha nazista. Para o sociólogo Zuin (2013, p.217),

A desumanização do outro ou do inimigo, sempre existiu na história da humanidade, [...]. Contudo, a singularidade do processo de desumanização do outro realizado pelos nazistas reside no uso da ciência e da técnica, da organização estatal burocrática e, sobretudo, da racionalidade instrumental.

Ele ainda destaca a figura desse “outro” na forma de muçulmano, advinda das experiências biopolíticas que aconteciam no campo de concentração e que representa o indivíduo sem humanidade, sem consciência moral e social e para o qual apenas restam a escravidão e a morte (ZUIN, 2013).

Primo Levi, além de testemunhar sobre os acontecimentos mais cruéis vividos pelos prisioneiros, também enriquece sua narrativa fornecendo histórias do cotidiano vividas na prisão, mostrando como os prisioneiros foram despojados de dignidade à medida que não eram tratados como humanos. Portanto, a desumanização também acontecia em situações menos extremas, como quando um *kapo* limpa-se em Levi:

O cabo de aço de um cabrestante corta o caminho, Alex se agarra nele para passar por cima. *Donnerwetter*, com os diabos, olha a sua mão preta de graxa pegajosa. Quando chego ao seu lado, Alex, sem ódio nem

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

escárnio, esfrega em meu ombro a mão, a palma e o dorso, para limpá-la. Ficaria surpreso, o inocente bruto Alex, ao saber que é por esse ato que hoje eu o julgo [...] (LEVI, 1988, p. 159).

Com esse relato, o químico deixou claro que as humilhações dentro do campo de concentração iam desde métodos cruéis de tortura, humilhação e morte até cotidianas violências que também eram insultantes. Além da violência bruta, das péssimas condições de alimentação e do trabalho forçado, os prisioneiros também sofriam violência por meio da linguagem (LEVI, 2016c). O escritor relata que, no campo, o verbo em alemão utilizado para “alimentar-se” era uma variação exclusiva para animais e não para seres humanos. Não bastava alimentá-los mal e em escassa quantidade, era preciso compará-los a animais, mais uma vez, desumanizá-los, afastar a ideia de que aqueles indivíduos eram humanos e dignos de um tratamento condizente com essa condição. Essa animalização nos remete a uma famosa frase, atribuída a Theodor Adorno: “Auschwitz começa sempre que alguém olha para um matadouro e pensa: eles são apenas animais” (PATTERSON, 2005).

Em meio a tantos processos de desumanização dentro do campo, Levi encontra na literatura um modo de se conectar com o gênero humano. O italiano e outro prisioneiro — um homem francês — precisavam buscar um caldeirão de alimentos em um local distante de onde estavam. No caminho, Levi ensina um pouco de italiano ao homem por meio de um trecho de *Inferno* de Dante Alighieri, mas termina frustrado porque não consegue lembrar fragmentos do poema. Essa história é contada no capítulo “O canto de Ulisses” de *É isto um homem?*. Revisitando suas memórias, o escritor explica que relembrar de elementos da sua vida em liberdade, quando estava preso, era muito importante. O cotidiano no campo de concentração fazia com que homens e mulheres se sentissem humilhados, distantes de suas vidas, de quem eram. No entanto, esse processo de reconstruir o passado por meio da literatura ou da ciência trazia de volta a sensação de pertencimento, de ligação do indivíduo com o gênero humano.

Teria dado verdadeiramente pão e sopa, ou seja, sangue, para salvar do nada aquelas recordações, que hoje, com o apoio seguro do papel impresso, posso reavivar quando quero e de modo gratuito, e que por isso parecem valer pouco. Lá naquele momento, valiam muito. Permitiam-me restabelecer uma ligação com o passado, salvando-o do esquecimento e fortalecendo minha identidade. [...] lembro-me de ter assediado obsessivamente meus companheiros italianos para que me ajudassem a recuperar este ou aquele farrapo de meu mundo anterior, não obtendo muita coisa e lendo em seus olhos, ao contrário, cansaço e

suspeita: o que este sujeito está tentando, com Leopardi e o Número de Avogrado? Será que a fome o está enlouquecendo? (LEVI, 2016c, p. 113).

Primo Levi dedicava considerável tempo da sua vida para participar de palestras, realizar visitas à escolas, reuniões que tratassem de temas importantes da sua época (THOMSON, 2002). Ele era considerado um intelectual, contribuindo para colunas de reconhecidos jornais em Turim. Em 1979, em evento organizado pela prefeitura de Turim, Levi proferiu uma palestra sobre intolerância racial. O escritor fez apontamentos sobre o racismo e sobre o processo de atribuir valores aos indivíduos conforme a raça, sem negar que existam diferenças fenotípicas e embasado em resultados de pesquisas científicas sobre o tema.

Nesse ponto é preciso dizer que nenhum estudo antropológico sério, apesar dos esforços de todos os antropólogos, jamais conseguiu identificar nenhuma diferença de valor entre as raças humanas, depois de eliminados os fatores que não são raciais, ou seja, os fatores culturais. Está claro, há brancos, há negros, há amarelos e assim por diante; são diferentes no aspecto, são diferentes na estatura, mas quando se começa a falar de “valor”, ou seja, do bom e do ruim, essas diferenças escapam; é preciso acumular uma dose colossal de mentiras, mentiras científicas mesmo que de boa-fé, para conseguir demonstrar que uma raça vale mais do que outra (LEVI, 2016a, p. 186).

A partir do exposto, podemos afirmar que tanto a vida de Levi como suas obras trazem importantes discussões com relação ao processo de desumanização. As reflexões do autor fomentam discussões que ainda são atuais e que, de certo modo, ainda se repetem na sociedade, especialmente a de classes.

A necessidade de ler Primo Levi nos dias atuais

O testemunho do químico e escritor nos fornece detalhes de um triste episódio da história humana que ainda precisa ser contado depois de 75 anos do fim da II Guerra. Primeiramente, porque o homem é um ser histórico, a *Shoá* é um episódio que marcou a humanidade e que nos auxilia a entender nosso presente por meio de nosso passado. Depois porque a desumanização ainda existe, mesmo que em proporções diferentes, isto é: alguns grupos de indivíduos ainda não são reconhecidos como homens, como seres humanos dignos de direitos, seja pela via da classe, do gênero ou da raça — aqueles em situação de escravidão, aqueles encarcerados em massa, aqueles mortos nas favelas pela violência policial, aqueles que ainda comem menos

de uma refeição por dia ou não têm moradia, aqueles que sofrem abusos e são discriminados.

Ao tratar do nazi-fascismo, Primo Levi trata da desumanização porque relata um processo em que perde não só o nome, suas roupas, cabelos, sapatos e casa, mas perde outros direitos básicos, como ser reconhecido como um indivíduo do gênero humano. Ao mesmo tempo, ao realizar o ato de testemunhar, ele volta a se humanizar; humaniza também aqueles que cruzaram seu caminho, pois os chama pelo nome e retoma suas memórias; e humaniza seus leitores. Nós, leitores de Primo Levi, não fomos presos por soldados alemães, nem passamos pelo pavor de estar em um campo de concentração, mas, por meio do seu testemunho claro e conciso, imaginamos com maior precisão o que foi vivenciado por aqueles seres humanos. A situação no *Lager* nos leva a questionar e discutir outros processos de desumanização, de tantos outros homens e mulheres que não são tratadas como seres humanos.

Levi também nos ajuda a perceber que foram homens que criaram Auschwitz. Isso tem uma implicação importante: derruba a crença de que monstros, pessoas extremamente incomuns e maldosas fizeram Auschwitz ser possível. Isso ajuda-nos a compreender que a história foi feita por homens e ainda é. Portanto, toda e qualquer ameaça semelhante ao nazi-fascismo ou a qualquer processo de desumanização deve ser combatida.

Defendemos que essas discussões precisam de destaque, porque mesmo que os campos de concentração pareçam ser tão absurdos (e são), tão distantes da nossa realidade, ainda se faz necessária a luta pela humanização dos indivíduos, e Primo Levi nos legou reflexões que apontam para um caminho de combate à desumanização. Para o autor, cada época tem o seu fascismo e precisamos ficar atentos aos sinais premonitórios, em que um grupo atua “[...] negando ou distorcendo informações, corrompendo a justiça, paralisando a educação, divulgando de muitas maneiras sutis a saudade de um mundo no qual a ordem reinava soberana [...]” (LEVI, 2016a, p. 56). Qualquer semelhança com o que temos testemunhado no Brasil e em outros países, não é mera coincidência e nos alerta para uma latente ameaça.

Exposição museográfica: um exemplo de como abordar a desumanização a partir da vida e obra de Primo Levi

Neste texto, além de divulgar a obra do autor italiano e convidar novos leitores para essa reflexão, trazemos um exemplo de como podemos abordar e divulgar a

vida e obra de Primo Levi para tratar da desumanização. Inspirados por seu trabalho como divulgador da ciência, organizamos e inauguramos em 2019 a exposição museográfica intitulada “Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi”.¹ Embora tratemos de outros temas na exposição, como os conteúdos químicos abordados na obra de Levi e a sua relação híbrida entre ciência e literatura, a desumanização no *Lager* é um tema que permeia todas as seções da exposição. Isso porque nos preocupamos em apresentar a química de um modo diferente do que é comum encontrar nos museus, relacionando a ciência, a literatura e os direitos humanos a partir das obras do autor.

Na exposição, procuramos demonstrar que tanto a experiência de prisioneiro do *Lager* como a formação acadêmica na química influenciavam a literatura de Levi. Como forma de ilustrar essa influência, confeccionamos um uniforme híbrido, metade de jaleco, metade uniforme listrado de Auschwitz com uma estrela amarela, símbolo que indicava que o prisioneiro era judeu. O uniforme também representa a influência da formação como químico em sua sobrevivência no campo, pois Levi acabou trabalhando dentro de um laboratório da fábrica da IG Farben em Auschwitz. A exposição também conta com um vídeo de uma entrevista que realizamos com o já citado João Carlos Soares Zuin, sociólogo que realizou estudos sobre Primo Levi e a desumanização (ZUIN, 2006, 2009, 2013).

Abordamos a característica de químico e escritor do quimiscritor de diversas maneiras, por meio de objetos representativos, como o uniforme, e uma mesa híbrida — metade escrivaninha, metade bancada de laboratório —, e por meio da disposição e seleção dos conteúdos, como excertos, fotografias e materiais interativos em monitores. Com a exposição, representamos aquilo que verificamos na vida e na obra de Levi: não é possível isolar uma dessas esferas da sua vida. A ciência lhe auxiliou na sobrevivência, no entanto, ela também contribuiu para a desumanização no *Lager*; a literatura foi o seu principal meio de testemunho e de denúncia e foi marcada pela sua linguagem e raciocínio de químico.

Esse é apenas um exemplo das muitas possibilidades de se abordar o tema da desumanização a partir da obra de Primo Levi. Nossa intenção com esta última seção foi ilustrar que essa relação é possível e que a literatura do autor italiano pode inspirar outras ações para combater o processo de desumanização. Convidamos nossos leitores a experimentar essa reflexão por meio da literatura de Levi, da nossa exposição *on-line* e de outras formas que podem surgir a partir desse contato.

¹ A exposição foi construída no Centro de Ciências de Araraquara (CCA) por pesquisadores da área da Educação em Ciências. Em 2020, em consequência da pandemia do novo coronavírus, ela ganhou um formato virtual e pode ser acessada em: <https://sites.google.com/unesp.br/quimiscritor>

Referências bibliográficas

- CAVALCANTI, T. H. B. N. Literatura e direitos humanos em *É isto um homem?* de Primo Levi. *Revista da Anpoll*. Florianópolis, n. 50, p. 92-100, 2019.
- LEVI, P. *A Assimetria e a vida*. São Paulo: Editora Unesp. 2016a.
- LEVI, P. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1994.
- LEVI, P. *É isto um homem?*. Rio de Janeiro: Rocco. 1988.
- LEVI, P. *Ofício Alheio*. São Paulo: Editora Unesp. 2016b.
- LEVI, P. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016c.
- MACIERA, A. C. A gênese do livro primogênito de Primo Levi. *Revista de Letras*. São Paulo, v.59, p. 15-31, 2019b.
- MACIERA, A. C. Primo Levi: a química entre literatura e ciência. *Caderno de Letras*, v. 34, p. 89-126, 2019a.
- PATTERSON, C. Animals, Slavery, and the Holocaust. *Logos Journal*, v. 4. n. 2, 2005.
- THOMSON, I. *Primo Levi: a Life*. Londres: Hutchinson. 2002.
- ZUIN, J. C. S. Sobre Primo Levi e os espaços de exceção no século XX. *Estudos de Sociologia*. São Paulo, v. 14, p. 397-421, 2009.
- ZUIN, J. C. S. Primo Levi: escritor-testemunha de Auschwitz. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*. Araraquara, v. 29, p. 169-189, 2006.
- ZUIN, J. C. S. Um autorretrato de Primo Levi. As raízes literárias da narrativa de Auschwitz. *Revista de Ciências Sociais*. Fortaleza, v. 44, n. 2, p. 216-242, 2013.

GRÃOS DE SAL E DE MOSTARDA. UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA E ALGUMAS REFLEXÕES

Giovanna Lombardo*

Professora do Educandato Statale Emanuela Setti Carraro Dalla Chiesa

* Tradução de Aislan Camargo Maciera.

A tabela periódica de Primo Levi no coração de um percurso de pesquisa-ação e de aprofundamento interdisciplinar para duas classes do terceiro ano da Escola Secundária de Primeiro Grau.

O projeto desenvolveu-se entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021 e envolveu 50 estudantes, meninos e meninas das duas classes do terceiro ano da escola secundária de primeiro grau¹, anexa ao Educandário Estatal “Emanuela Setti Carraro Dalla Chiesa”, de Milão. Os docentes envolvidos: profa. Marta D’Angelo (Arte), profa. Simonetta Grillo (Tecnologia), profa. Giovanna Lombardo (Letras), prof. Alessandro Raimondi (Matemática e Ciências). Uma eventual expansão na área de língua será organizada pela profa. de francês Valentina Somma.

A pesquisa-ação, desde o fim

1) Que a divisão entre matérias científicas e literárias é menos rígida do que eu pensava. Primo Levi é escritor e consegue colocar os seus conhecimentos científicos em seus contos, sem criar uma fronteira entre a química e sua habilidade como escritor.

2) Que a química e seus elementos podem ser úteis para compreender não só a matéria que nos cerca, mas também as pessoas, as relações humanas. Como os elementos têm características, pontos fortes e pontos fracos, as pessoas também não são fáceis de entender. Comparar uma pessoa ao ferro significa dizer que ela é forte, mas também que tem fraquezas, assim como o ferro que pode “enferrujar”, desmoronar.

¹ O terceiro ano da escola secundária de primeiro grau, na Itália, corresponde ao último ano do ensino fundamental brasileiro, ou seja, o 9º ano, com adolescentes entre 13 e 15 anos. (N. T.)

3) Que ler contos como os de Primo Levi é belíssimo, porque em poucas páginas ele é capaz de comunicar muitos pensamentos, concentrar conhecimentos e sentimentos que ficam na mente. Basta pouco para dizer tanto! - Vittorio Santoro, 3B.

Para contar essa história, parto do final, de uma das respostas ao questionário de autoavaliação preenchido pelas alunas e alunos do terceiro ano da escola secundária de primeiro grau envolvidos no projeto. E talvez bastassem essas poucas e simples palavras – mas precisas e cuidadosas – para restituir o sentido e a importância do trabalho substancial realizado, em parte presencialmente e em parte à distância, entre fevereiro e março de 2021, e dedicado à *Tabela periódica* de Primo Levi.

Essas palavras bastariam, olhando mais de perto, não só porque demonstram que os objetivos do projeto foram plenamente alcançados, mas também porque me parece que chegam, com a força do desconhecimento, como uma resposta definitiva às envelhecidas questões que atormentam a escola das “duas culturas”: antes de tudo, precisamente, a artificial e agora inaceitável – mas ainda presente, estrutural, inevitável – separação entre disciplinas; entre disciplinas humanísticas e científicas, para não falar das técnicas.

Questão complexa esta, como as outras inerentes a uma certa ideia de didática – de ontem e de hoje – da qual partimos para tentar forçar os limites, desmantelar alguns hábitos, pôr em discussão algum lugar-comum: convirá partir então do princípio, com alguma reflexão, ou melhor, com alguma pergunta.

Perguntas e hipóteses

É possível, nos perguntamos, criar um ambiente de aprendizagem realmente centrado nas exigências formativas dos estudantes, concretamente transversais e interdisciplinares? Possível, entende-se, considerada a rigidez de estruturas, tais como as classes seriadas, o horário escolar, a separação entre disciplinas, a dificuldade de criar módulos de convivência ou de abrir as classes ou de tornar o horário fluido e flexível – ainda mais hoje, em tempos de cortes e distanciamento.

Essas preocupações foram acrescentadas a reflexões mais antigas, relativas à divisão entre saberes que ainda imperam firmemente na escola e que, arraigada no tempo², estende sua longa cauda até hoje, apesar de indicações explícitas e preci-

2 Já em 1959, o físico e escritor Charles Snow estigmatizava, em seu célebre ensaio intitulado *As duas culturas*, a fratura existente entre o mundo da pesquisa científica e o dos estudos humanísticos, destacando como seria desejável uma maior integração entre os campos do saber, tanto no âmbito da especulação teórica, quanto no da concreta ação civil, para obter um essencial enriquecimento no intercâmbio e na reciprocidade. Inútil lembrar que todo o sistema escolar italiano origina-se de uma subdivisão ideológica – e, portanto, hierárquica, além de estrutural – entre o saber humanístico, o científico técnico e o profissional.

posicionamentos normativos que caminham claramente na direção oposta, a da multidimensionalidade, da transversalidade, do significado das propostas didáticas para alunas e alunos ao longo de toda sua trajetória de crescimento.

Aqui, reconsiderando retrospectivamente o trabalho realizado, percebo que, na base, houve uma tentativa de substituir a palavra-chave infelizmente dominante nos últimos meses, separação, por uma outra palavra, ou melhor, um outro conceito, educativo e civil ao mesmo tempo, e muito mais estimulante, sob todos os pontos de vista: o da integração, do intercâmbio, exatamente a partir da ideia de que o ambiente de aprendizagem não seja letra morta dentro das diretrizes nacionais, mas sim um pressuposto concreto e necessário para qualquer iniciativa educacional.³

Para além das referências normativas, às quais me refiro pela indispensável perspectiva teórica e pedagógica que serve de horizonte ao percurso de pesquisa-ação, gostaria de recordar aqui algumas características do ambiente de aprendizagem: entendido como espaço de ação, seja físico, seja virtual, construído e modelado de tempos em tempos de acordo com as necessidades formativas específicas, mas também de acordo com as necessidades sociais, emocionais, afetivas dos alunos e, ao mesmo tempo, pensado para favorecer a pluralidade do processo de aprendizagem, que é complexo, interligado, dificilmente redutível à fragmentação disciplinar.

A tudo isso devemos acrescentar a contribuição dos recursos tecnológicos e de multimídia, que nos últimos meses se firmaram como ferramentas de ensino e também, significativamente, como verdadeiros ambientes, auxiliares e por vezes alternativos aos ambientes físicos. “O meio é a mensagem”, diz o ditado no qual McLuhan costuma retornar nos discursos sobre comunicação e sociedade: e é inevitável questionar qual comunicação se estabelece, uma vez que o meio mudou, inclusive na prática didática, que não se pode de forma alguma transportar as próprias modalidades – e idiosincrasias, em certos casos – do ambiente real para o virtual sem um profundo repensar e um adequado processo de tradução.

A tabela periódica

Tentar desarticular as separações tradicionais, portanto; e tornar significativa a contribuição dos recursos multimídia para o ensino, numa perspectiva de aprendizagem colaborativa e laboratorial.

³ Para as indispensáveis referências normativas e o documento *Indicazioni nazionali e nuovi scenari*, cf. www.miur.gov.it. Entre a rica bibliografia crítica sobre documentos ministeriais, assinalo a interessante reflexão de Carlo Petracca, *Ripensare la scuola con le indicazioni*, disponível no site www.cnos-scuola.it.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Estas são as hipóteses de trabalho, a partir das questões expressas acima e avaliadas longamente pela equipe de professores que realizou o projeto: Italiano, Ciência, Tecnologia, Arte que, nos primeiros meses do ano, concentraram-se na figura de Primo Levi e na sua coletânea de contos *A tabela periódica*, também graças a algumas iniciativas promovidas pelo Centro Internazionale di Studi Primo Levi e pela Centrale dell'Acqua di Milano [empresa responsável pelo tratamento e distribuição de água na cidade lombarda] entre 2019, o centenário do nascimento do escritor, e o início de 2021. Em particular, a participação na conferência de estudos *A tabela periódica: “o volume mais primoleviano de todos”*, em novembro de 2020, e a exposição virtual “Primo Levi: figuras”, permitiram que aprofundássemos a reflexão preliminar e focássemos melhor alguns aspectos do planejamento didático.

A ideia de base era a de propor às duas classes de terceiro ano o conhecimento da figura de Primo Levi como cientista e como escritor, para além dos aspectos testemunhais ligados à experiência da *Shoah*, o que muitas vezes reduz as possibilidades de estudo do autor, ainda mais na escola secundária de primeiro grau.

Livro profundamente autobiográfico, *A tabela periódica* é, nas palavras do próprio Levi, a história de um ofício, “de suas derrotas, vitórias e misérias, tal como cada um de nós deseja contar quando sente prestes a se encerrar o arco da própria carreira” (LEVI, 2001, p. 225); autobiografia marcada pelos elementos químicos – com os quais o escritor teve que lidar ao longo de sua própria carreira de cientista – e pelos personagens – reais ou inventados – que têm várias relações com esses mesmos elementos químicos, baseadas na semelhança (como nos contos “Argônio” e “Fósforo”), ou no contraste ou na antítese (como em “Arsênio” e em “Zinco”), ou na referência metonímica (como em “Ferro”)...

Portanto, a matéria e o caráter humano definem-se, nesse livro, de modo recíproco, “penetram-se e espelham-se um no outro” (BECCARIA, 2019, p. 54), criando uma correspondência evidente entre os dois planos e os dois níveis de sentido ao longo dos quais se desenrola a escrita de Primo Levi: o mundo da química, dos processos naturais, da ordem, e o da história, das histórias, dos erros, dos seres humanos. “A química é a arte de separar, pesar e distinguir: são três exercícios úteis também a quem se prepara para descrever fatos ou dar corpo à própria fantasia” (LEVI, 2016, p. 12), explica Levi; e novamente: “escrevo justamente porque sou químico: meu velho ofício em grande medida se transformou no novo” (LEVI, 2016, p. 13). Esta síntese, esta consonância, esta nova lógica que move a narração e as palavras é o que procuramos fazer com que as alunas e os alunos, a quem o projeto foi dedicado, compreendessem, evitando simplificações, utilizando uma abordagem puramente indutiva, partindo da leitura e compreensão de alguns textos.

O projeto

Foram necessárias algumas semanas de preparação para criar o ambiente de aprendizagem adequado ao projeto, um “espaço” de trabalho no qual os grupos pudessem escolher livremente a forma mais eficaz de proceder à realização da tarefa e, ao mesmo tempo, sentirem-se constantemente acompanhados e orientados: várias reuniões de projeto nos serviram para escolher os contos com os quais trabalhar (“Hidrogênio”, “Zinco”, “Ferro”, “Potássio”, “Níquel”, “Fósforo”, “Enxofre”, “Titânio”, “Arsênio”, “Nitrogênio”, “Urânio”, “Prata”; além de “Cério”, apresentado pelos professores na aula introdutória, e “Carbono”, apresentado na conclusão do projeto); para formar grupos mistos, quer por serem compostos por meninas e meninos das duas classes, quer pelo equilíbrio das competências, entre “cientistas” e “literatos” cuja contribuição integrada teria sido indispensável; para atribuir os contos, segundo critérios que consideraram a complexidade do texto e o “caráter” dos diversos grupos; para preparar os textos com um rico conjunto de notas que podem ser usadas de forma independente pelos alunos e com algumas questões essenciais para orientar a compreensão. Foi então criado um Padlet⁴, um quadro virtual no qual os grupos fariam o *upload* do produto de seu trabalho em várias etapas.⁵

Começamos no EaD, exatamente para aproveitar as possibilidades de trabalhar em grupos mistos entre as duas classes, graças à plataforma virtual que permite criar *breakout rooms*⁶ de trabalho simultâneo.

A primeira aula, introdutória, foi dedicada à leitura e à análise do conto central da coletânea, “Cério”, o único ambientado dentro do *Lager* e, portanto, momento fundamental para toda a narrativa: em *A tabela periódica* há um período que precede a deportação para Auschwitz e um outro posterior ao evento, e era importante que os alunos compreendessem desde o início que, por mais essencial e determinante, aquele momento insere-se no interno de uma vida rica e diversa. Era importante, além disso, que experimentassem, com a orientação do professor, alguns elementos que depois teriam que procurar nos vários contos: a precisão da língua, a abundância de figuras retóricas, a tessitura de referências internas numerosas e muito sólidas, a reconstituição plena e vívida de personagens e relações humanas.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Depois iniciaram-se os trabalhos de grupo, com a atribuição dos contos e de um folheto de trabalho detalhado, com pedidos relativos aos aspectos literários (identificar as descrições presentes no texto; citações ou referências a determinados gêneros literários – o thriller, o conto de fadas, o conto de formação ... –, elementos autobiográficos referentes à vida de Primo Levi, metáforas que aproximam o caráter de determinados personagens com o do elemento químico tratado na história), a aspectos relacionados à química (encontrar informações sobre a origem do nome do elemento, sobre as principais reações em que ele está envolvido, sobre a sua disponibilidade na natureza...), aos aspectos lexicais (também na polissemia de palavras comuns que podem assumir declinações especializadas e das quais a linguagem de Primo Levi é conscientemente rica).⁷

A última solicitação, que no decorrer dos trabalhos foi então rebatizada como “a famigerada atividade 5”, pedia para refletir sobre a relação entre o elemento químico que dá nome ao conto e o próprio conto, procurando explicar as formas pelas quais o elemento é significativo para a narração e, portanto, tentando apreender o nível de significado mais profundo, o mais oculto.

Nessa fase, os grupos foram acompanhados de forma constante, mas discreta, pelos dois professores de referência, e vivenciaram de forma profunda e completa as dinâmicas de aprendizagem entre pares e da solução de problemas, como se vê, mesmo bastante complexas: a subdivisão de papéis dentro dos grupos, a negociação dos conteúdos e a construção de uma investigação coerente foram todos passos realizados na autogestão interna de cada grupo.

Os trabalhos foram então carregados no Padlet, em formato Word, e posteriormente utilizados como base de informação para a apresentação oral, a ser realizada na íntegra. Como última apresentação, tínhamos previsto uma aula transversal, conduzida pelos professores de Letras e Ciências, e dedicada ao “Carbono”, origem e fim de *A tabela periódica*, conto-sinédoque, um fechamento necessário de um caminho tão rico e complexo.

Enquanto se desenvolvia essa fase do trabalho, voltamos à escola presencialmente: o que por um lado implicou a necessidade de completar a análise por semi-grupos, em contato da sala A à sala B por meio de *chats* ou utilizando, com a obrigatoriedade do distanciamento, o espaço aberto do parque em frente às salas de aula; por outro lado, possibilitou iniciar a principal parte criativa ligada ao projeto e confiada aos professores de Tecnologia e Arte. Tratava-se de criar, dessa vez individualmente, esculturas em arame, à semelhança daquelas as que o próprio Primo Levi se dedicou ao longo dos anos, e que têm sido objeto de exposições recentes⁸: o tema atribuído aos alunos foi o das árvores, feitas e depois fotografadas em imagens

de natureza morta.

Por fim, a fila criativa foi estendida a uma atividade de escrita autobiográfica, na qual os alunos, ainda individualmente, criaram um pequeno folheto com o “seu” elemento: inventando um elemento químico com seu nome, com peculiaridades semelhantes às do caráter de cada um, com a capacidade de estabelecer vínculos com base nas relações reais entre eles, procurando manter o rigor científico tanto no conteúdo quanto no estilo. Os cinquenta folhetos, com resultados muito divertidos, foram então classificados com base no número atômico e carregadas no Padlet da “Tabela a-Periódica de Elementos”.⁹

Avaliação, autoavaliação, metacognição

Se a avaliação conclusiva de todo o projeto se baseou numa grade estruturada que levou em conta as observações em classe, os êxitos dos vários trabalhos, as competências exercidas e os objetivos alcançados, o aspecto que parece merecer particular atenção é o relativo à metacognição, detectado no questionário final de autoavaliação.

Em geral, os meninos demonstraram apreciar o desafio representado por um trabalho tão complexo, realizado de forma quase totalmente independente, com a necessária concordância de todo o grupo, às vezes difícil de encontrar. Muitos, nas reflexões finais, focaram na figura de Primo Levi, alguns na beleza dos contos, outros na importância da química como elemento narrativo e presente em nossa vida. Todos, parecia-nos, perceberam ou pelo menos intuíram o valor da leitura profunda, a satisfação de descobrir os segredos escondidos no texto.

Entre as belas respostas à “famigerada atividade 5”, relato apenas esta, para “Zinco”, sobre a metáfora que rege o conto, o elogio da impureza (“Sou a impureza que faz reagir o zinco, sou o grão de sal e mostarda”, escreve Primo Levi):

A ligação entre o elemento químico zinco e o conto é muito forte e evidente. De fato, a partir das características desse elemento, Primo Levi conduz uma belíssima análise sobre o gênero humano, em um dramático momento histórico. O zinco, “tão terno, delicado e dócil diante dos ácidos, que o corroem imediatamente, comporta-se porém de modo muito diferente quando é muito puro: então resiste obstinadamente ao ataque”. Primo Levi se detém sobre as características do zinco, em particular sobre a pureza e sobre a impureza desse metal. Segundo ele,

9 <https://padlet.com/profrai/noielementi>

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

a impureza é importante, tem um valor absolutamente positivo porque abre-se a mudanças, à vida, às novidades, às descobertas e à inovação. O zinco, então, metal tedioso, incolor e inodoro, mas fundamental na natureza, é o pretexto para falar da diversidade, do valor de ser judeu e, portanto, considerado diferente pelo regime político. Levi, enquanto judeu, e portanto diferente e impuro aos olhos da sociedade fascista dominante, graças à metáfora com as características do zinco reivindica com orgulho a sua impureza, que se torna a impureza de qualquer um. O elemento químico é então essencial para introduzir o leitor na condição de ser judeu, impuro aos olhos do regime fascista, mas orgulhoso de sua diversidade.

(De Lavinia Croce, Arianna Lalli, Sara Miglietta, Federico Montefiori).

Por fim, gostamos de pensar nas semanas dedicadas a *A tabela periódica*, de Primo Levi, como uma pequena, luminosa reação desencadeada pelas impurezas, pelos muitos grãos de sal e mostarda que interagiram entre si em um processo multifacetado e pelos efeitos que desejamos que sejam permanentes e fecundos.

Referências bibliográficas

BECCARIA, G. L. I due mestieri. *Accademia delle Scienze di Torino, Quaderni*, 32, 2019, p. 39-65.

LEVI, P. *A tabela periódica*. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio De Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LEVI, P. *Dialogo*. Torino: Einaudi, 2005.

LEVI, P. *O ofício alheio*. Trad. Silvia Massimini Felix. São Paulo: Unesp, 2016.

CINCO VERBETES DA WIKIPEDIA PARA APROFUNDAR AS OBRAS DE PRIMO LEVI*

* Tradução de Aislan Camargo Maciera.

No ano letivo 2017-2018 o Centro Internazionale di Studi Primo Levi aderiu ao projeto “A academia da história pública: Ler Wikipedia. Escrever Wikipedia”, promovido pelo Istituto piemontese per la Storia della Resistenza e della società contemporanea ‘Giorgio Agosti’ (Istoreto), em colaboração com o Ufficio Scolastico Regionale del Piemonte, Wikimedia Italia, as entidades parceiras do Polo del ‘900 e a rede dos institutos piemonteses de história da Resistência no território regional.

A iniciativa previa um curso de formação para os professores das escolas médias superiores e inferiores, equivalentes ao Ensino Médio e ao segundo ciclo do Ensino Fundamental brasileiros, respectivamente. A ideia foi a da realização de um laboratório de história guiado pelos próprios professores e direcionado às classes para as quais lecionavam.

O objetivo principal era a composição de um ou mais verbetes de história contemporânea que entrassem na categoria de biografias, lugares ou eventos; o Centro de Estudos Primo Levi propôs cinco verbetes biográficos de pessoas reais, históricas, que aparecem como personagens nas obras de Primo Levi.

Os personagens “ambíguos”, ou melhor, os “históricos” segundo Primo Levi

“Antes é preciso que eu lhe fale dos ambíguos. Observe que a nossa categoria não é bem definida: há muitos casos em que o sujeito é simultaneamente pessoa e personagem. Nós os chamamos de ambíguos, e há uma comissão que decide se devem ou não ser admitidos no Parque. Veja por exemplo o caso de Orlando, sim, aquele de Roncisvalle: sua existência real é historicamente comprovada, mas a personagem supera a tal ponto a pessoa que foi aceita no Parque sem discussões. O mesmo ocorreu com Robinson Crusóe e Fédon. No caso de São Pedro e de Ricardo III houve controvérsias; entretanto, e para a sorte de todos, Napoleão, Hitler e Stálin foram recusados.”
Do conto “Trabalho criativo”, em *71 contos de Primo Levi* (LEVI, 2005, p. 255).

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

No conto fantástico “Trabalho criativo” Levi cunha a palavra “ambíguos” para definir os personagens literários que foram (ou são) também pessoas de carne e osso, enquanto no conto “No parque”, que forma um díptico com o primeiro, imagina um lugar distante onde os protagonistas da literatura de todos os tempos vivem entrelaçando relações inesperadas uns com os outros, até que ninguém no mundo lê mais as suas aventuras, condenando-os ao esquecimento. Conforme afirma o próprio escritor, em seus livros, nos quais a dimensão memorial tem um peso considerável, os personagens propriamente ficcionais não são muitos:

Os meus personagens são poucos, personagens inventados. Nos meus dois primeiros livros não há personagens, ou melhor dizendo, são pessoas, são pessoas que reproduzi com uma impressão subjetiva de fotografá-las. É claro que isso não acontece nunca: os dois extremos do personagem fotografado, isto é, reproduzido como é, e o extremo oposto, o personagem totalmente inventado, são ficções.¹

Os “ambíguos” são o resultado de uma operação de seleção, combinação e enriquecimento que parte de uma pessoa real e a recria subjetivamente, transformando-a em figura literária. Na passagem da identidade humana àquela literária, algumas características se tornam indistintas, alguns traços de caráter são modificados ou enfatizados, outros são silenciados:

O relativismo nas coisas humanas é um ingrediente indispensável, e por isso é o retrato que fiz de Sandro Delmastro ou de César, em *A trégua*, ou de qualquer um de meus outros personagens, deve ser tomado pelo que é, ou seja, uma elaboração subjetivamente fiel, talvez objetivamente infiel, e a cisão entre pessoa e personagem é inerente à operação de escrever, descrever, e é inevitável. Essa aventura de reconhecer um desencontro entre pessoa e personagem é recorrente. (LEVI, 2018, p. 768).

A literatura transforma e recria, mas ao mesmo tempo garante uma forma de imortalidade: os estudantes de hoje podem conhecer algumas dessas figuras – que também em muitos casos viveram eventos históricos emblemáticos do século XX, como a deportação ou a Resistência – só porque Primo Levi reservou para elas um lugar no interior de seus universos literários.

Os professores e as escolas, ao reconstruírem a biografia das personagens, percorreram o processo criativo realizado pelo escritor e tentaram trazer à luz, por meio da recuperação e validação das fontes históricas, a pessoa histórica, escondida no

¹ Primo Levi, entrevista a Marinella Venegoni e Claudio Gorlier para a transmissão *Vip*, Very Important Piemontesi, 1981.

invólucro literário. Os verbetes foram redigidos de acordo com uma abordagem científica e metodologicamente correta, e podem ser usados como ferramentas didáticas por professores e alunos que se dedicam a estudar a obra do escritor.

Cinco personagens, cinco verbetes biográficos realizados no ano letivo 2017-2018

- A classe IV H do Liceu Artístico Aldo Passoni de Turim, sob a orientação da professora Vilma Biciego, criou o verbete relativo à Jean Samuel, que aparece com o nome de Pikolo e Jean em *É isto um homem?*.
(https://it.wikipedia.org/wiki/Jean_Samuel)
- A estudante Marta Verrienti do Liceu Artístico Aldo Passoni de Turim, organizou o verbete de Leonardo De Benedetti, ou melhor, Leonardo, o amigo de Primo Levi na viagem de volta para casa narrada em *A trégua*.
(https://it.wikipedia.org/wiki/Leonardo_De_Benedetti)
- A classe 3 E do Liceu Linguístico esabac, do Instituto de Instrução Superior Santorre di Santarosa, de Turim, sob a orientação da professora M. R. Mariella Navone, ocupou-se do verbete “Alberto Dalla Volta”, o companheiro fraterno de Primo Levi no *Lager*, que aparece como personagem em *É isto um homem?*, no conto “Cério”, de *A tabela periódica*, em *Os afogados e os sobreviventes* e no conto “Pipeta de guerra”, presente na coletânea *O último Natal de guerra*.
(https://it.wikipedia.org/wiki/Alberto_Dalla_Volta)
- A classe I B do Liceu Clássico Massimo D’Azeglio, de Turim, com a orientação do professor Giorgio Brandone, redigiu o verbete biográfico de Alessandro Delmastro, protagonista do conto “Ferro” de *A tabela periódica*; nele foi inspirado também o personagem Carlo, no conto “A carne do urso” (sem tradução para o português, presente na seção “Páginas esparsas” da edição das obras completas do autor).
(https://it.wikipedia.org/wiki/Alessandro_Delmastro)
- O Centro de Estudos Primo Levi escreveu o verbete relativo a Lello Perugia. Sobre ele Levi modelou a figura de César, em *A trégua*. César é também o protagonista do conto “O retorno de César”, presente na edição dos *71 contos de Primo Levi*, na parte correspondente a *Lilith*.
(https://it.wikipedia.org/wiki/Lello_Perugia)

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

- Aqui assinalamos também o verbete “Primo Levi”, que foi “adotado” pelos alunos da classe II B do Liceu Massimo D’Azeglio, de Turim, junto ao professor Giorgio Brandone, dentro do projeto “Wikipedia, a academia da história pública: adote um verbete”, promovido pelo Istoreto no ano letivo 2018-2019. Os erros e imprecisões do verbete foram corrigidos, propondo-se uma reconstrução historicamente correta da vida do escritor.

Referências bibliográficas

LEVI, P. “Il gusto dei contemporanei”, de Luciana Costantini e Orietta Togni, entrevista com os estudantes das escolas superiores de Pesaro. *Opere complete*. A cura di Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 2018, p. 768.

DICIONÁRIO LEVIANO ILUSTRADO DA PANDEMIA*

Roberta De Luca

* Tradução de Aislan Camargo Maciera.

Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que “cada estrangeiro é um inimigo”. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente.
Primo Levi, “Prefácio” a *É isto um homem?*

Este trabalho foi realizado na modalidade à distância, durante a quarentena imposta pela emergência sanitária da Covid-19, pelos estudantes da quarta série A científico do Liceu Leonardo da Vinci de Terracina, com tutoria de Roberta De Luca, no ano letivo 2019/2020.

As referências às obras de Primo Levi remetem à edição das obras completas do autor (*Opere complete*)¹, organizada por Marco Belpoliti e publicada em três volumes pela editora Einaudi, entre 2016 e 2018.

Os desenhos foram realizados por: Natalia Nowicka, Sara Isotton, Gaia Lauretti, Andrea Parasmio, Alessandro Recchia, Matteo Sepe, Ilaria Palombi, Giulia Marfisa, Gianmarco Lupinetti, Gianmarco Scalingi, Simone Massarella, Elena Desiderio, Lucrezia Feula.

Agradecemos ao Centro Internazionale di Studi Primo Levi e à Dra. Roberta Mori pelo apoio e pela ajuda.

As palavras da pandemia

Os verbetes **contágio**, **contagioso** estão presentes na obra de Primo Levi com as diversas denotações já inerentes à etimologia do termo. O verbo *contingere*, do qual deriva *contagium*, significa, entre outras coisas, estar em contato, envolver, contaminar; o vocábulo *contágio* contém, portanto, diferentes nuances que encontramos no interno da literatura leviana, com conotações às vezes surpreendentes. O escritor o escolhe quando fala de sentimentos que se propagam entre pessoas que estão

¹ Para esta tradução, as referências às obras de Primo Levi remetem às edições publicadas no Brasil, com exceção daquelas cujos textos ainda não têm tradução para o público brasileiro. Nesse caso, utilizaram-se as referências dadas pela autora. (N. do T.).

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

próximas e que compartilham experiências, como o terror que no *Lager* domina o estado de ânimo dos prisioneiros, ou a felicidade que Sandro, o protagonista do conto “Ferro”, de *A tabela periódica*, experimenta na montanha, ou ainda a esperança que é contagiosa como a cólera e deve ser controlada para não se iludir; ou utiliza no sentido de contaminação, ao qual ele atribui tanto um valor científico literal, no caso de epidemias reais, quanto um valor metafórico, que lhe permite expressar o conceito de mal com uma potência que fica para sempre gravada na mente do leitor. Verdadeiramente incrível é a casualidade que se verificou na vida do autor no que diz respeito ao significado de **dar sorte**: em “Pipeta de guerra”², Levi conta ter sobrevivido a Auschwitz graças ao contágio pela sopa infectada, que o obrigou a permanecer na enfermaria, evitando assim ser arrastado na evacuação do campo, pouco antes da libertação pelo Exército Vermelho.

Em um ensaio de 1985, “O homem que voa”, um visionário Levi escreve: “o nosso pobre corpo, tão indefeso diante de espadas, de fuzis e de vírus, é à prova de espaço”³. Os vírus são postos, portanto, ao lado das armas como elementos dos quais nosso corpo deve se defender, antecipando um cenário no qual vivemos e que nos pegou totalmente despreparados (ao contrário, as estratégias militares foram certamente planejadas para qualquer eventualidade). É a conclusão de um discurso que parte de um artigo científico sobre exercícios preparatórios para uma viagem ao espaço, e que se volta sobre a capacidade misteriosa do homem de se mover na ausência de gravidade, graças à ausência de peso. O homem tem muitos limites, mas sempre acalentou o sonho de voar, consciente e inconscientemente. Um sonho realizado por Isabella, a protagonista de “A grande mutação”⁴, o primeiro caso na Itália do contágio – vários surtos já haviam sido registrados no Canadá, na Suécia e no Japão – por um vírus estanho, não nocivo, que transforma os seres humanos em pássaros. Afeta todos, crianças e adultos, mesmo que apenas os jovens pareçam tirar dele uma verdadeira utilidade. O vírus, embora evocando etimologicamente um poder venenoso, torna-se uma vantagem ligada à capacidade do homem de voar, ou melhor, ao engenho e à técnica para se relacionar com a natureza, ao compartilhamento de experiências, ao valor da inteligência que pode desafiar as dificuldades. Em suma, às possibilidades que a humanidade tem, em particular os jovens, para derrotar o mal em todas as suas formas.

Roberta De Luca

2 Conto de Primo Levi presente no volume *O último Natal de guerra*. (N. do T.)

3 *Racconti e saggi*, vol. II, p. 1129, tradução nossa.

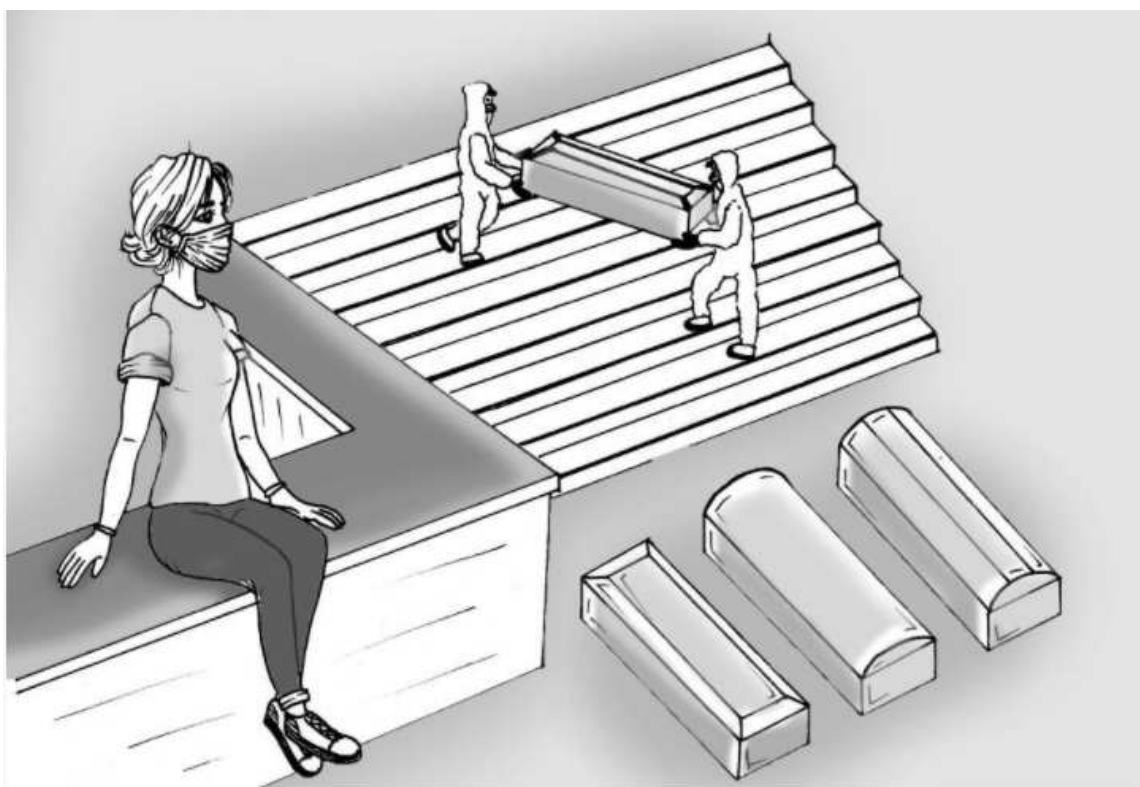
4 Conto também presente no volume *O último Natal de guerra* (N. do T.)

I. “ninguém pôde mais do que nós acolher a natureza insanável da ofensa, que se espalha como um contágio.”

A trégua

Primo Levi narra a chegada das tropas soviéticas no campo de concentração de Auschwitz e a libertação dos poucos prisioneiros sobreviventes, e como os alemães receberam a missão de transportar os prisioneiros saudáveis de Auschwitz a Buchenwald e Mauthausen, deixando os doentes para morrer, quando fugiram por causa do rápido avanço do Exército Vermelho. Ficaram oitocentos prisioneiros, mas aproximadamente quinhentos morreram antes da chegada de socorro, e outros duzentos nos dias sucessivos. Em 27 de janeiro de 1945, foram o próprio Levi e Charles a avisar a patrulha russa, enquanto carregavam o corpo de um companheiro de quarto, Somogyi, que não foi sepultado na vala comum porque não havia espaço. Quando os quatro soldados a cavalo chegaram à cerca, pararam e ficaram observando, não sorriam, nem saudavam, pareciam oprimidos pela mesma vergonha dos prisioneiros, talvez porque compreendessem a sua dor e a sua dificuldade.

Anastasia Bonato



Uma mulher no Equador espera, no meio da rua, o sepultamento de um corpo. As autoridades não conseguindo gerir o número de mortos, adotaram caixões de papelão para acelerar os enterros de cadáveres muitas vezes abandonados na rua.

Primo Levi e a educação

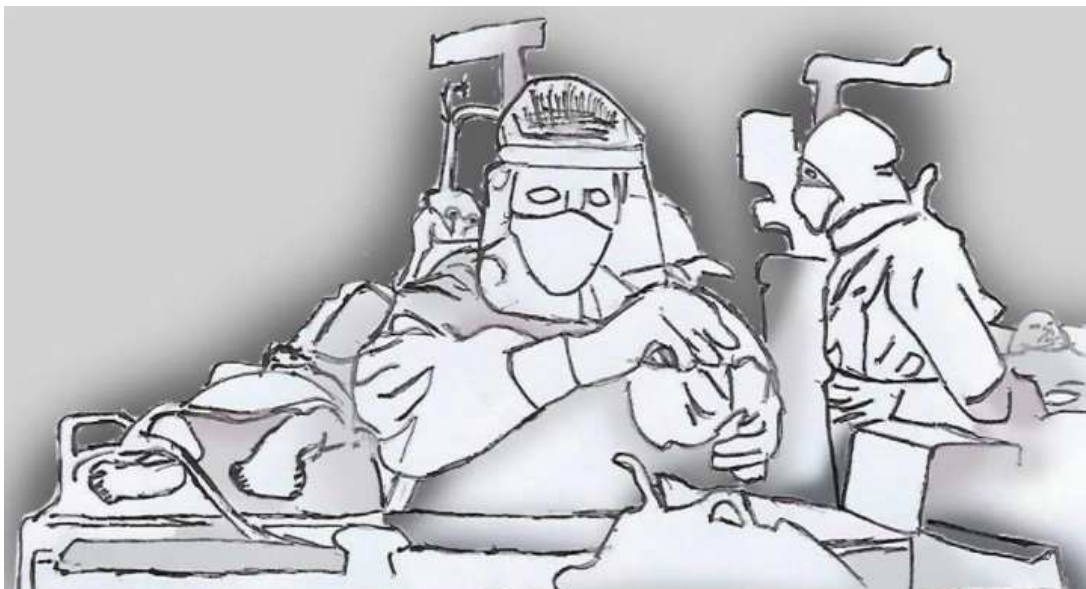
Experiências e reflexões didáticas

II. “Porque, e este é o tremendo privilégio de nossa geração e do meu povo, ninguém pôde mais do que nós acolher a natureza insanável da ofensa, que se espalha como um contágio”.

A trégua

Primo Levi, depois de um ano de prisão em Auschwitz, conta como saiu do campo e como ele, e poucos outros sobreviventes conseguiram encontrar a liberdade. Nos primeiros dias de janeiro de 1945, com o avanço do Exército Vermelho, os alemães decidiram separar e levar os prisioneiros saudáveis para outros campos, Buchenwald e Mauthausen, abandonando os doentes no fim da vida. Apesar da ordem de não deixar nenhum vivo, um violento ataque noturno dos russos forçou os alemães a mudar sua decisão e evacuar o campo o mais rápido possível. Dos oitocentos companheiros de Levi na enfermaria de Buna-Monowitz, cerca de quinhentos morreram doentes, de frio ou de fome, poucos dias antes da chegada dos russos. Outros duzentos seguiram o mesmo destino nos dias imediatamente sucessivos; permaneceram vivos cerca de cem. Quando a esperança parecia perdida, porém, em 27 de janeiro de 1945, foram exatamente Levi e Charles a avistar fora do campo uma primeira patrulha russa, enquanto transportavam o corpo sem vida de Somogyi às valas comuns. Os russos eram quatro soldados a cavalo com as metralhadoras embaçadas, e que andavam impassíveis ao longo do perímetro do campo. Não sorriam, nem saudavam, parecendo oprimidos e afetados pela mesma vergonha que os prisioneiros sentiam quando presenciavam atrocidades; a mesma vergonha que os alemães nunca sentiram.

Andrea Parasma



Os médicos e os enfermeiros são os únicos que podem nos salvar e nos libertar desse vírus, assim como os russos libertaram os campos de extermínio em 1945. Eles ficam petrificados diante das

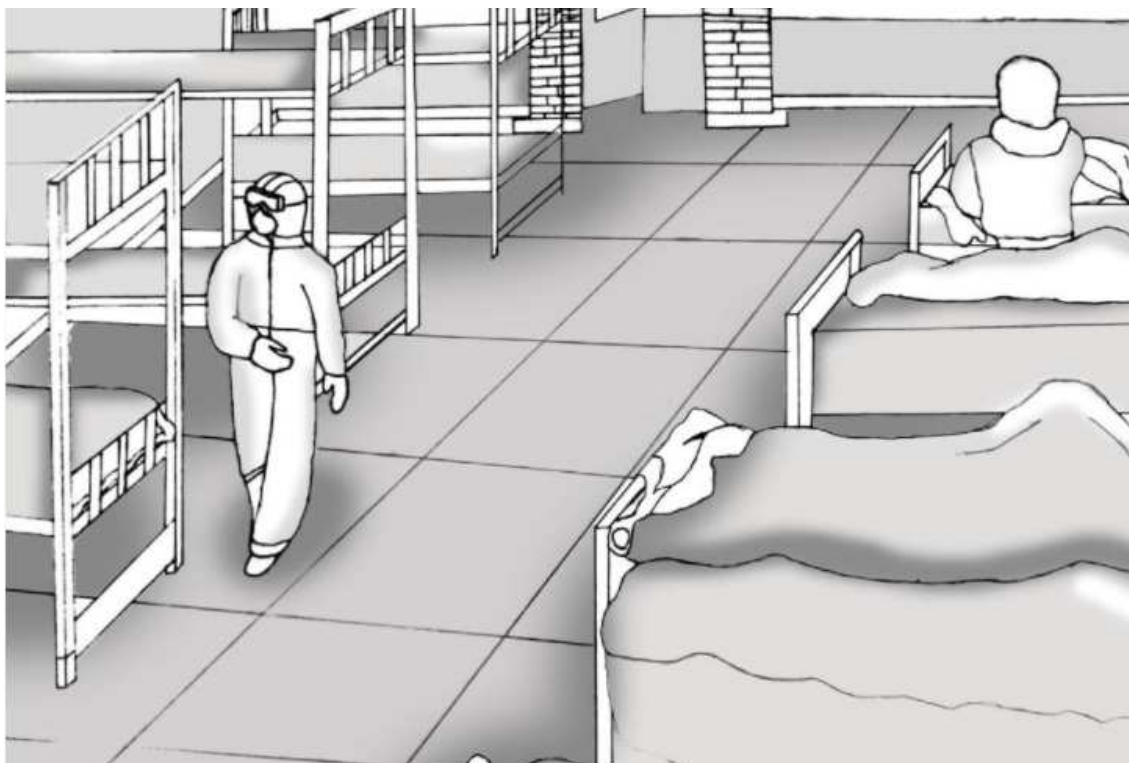
atrocidades vividas pelos pacientes, e são os únicos em condição de compreender a natureza irremediável da ofensa, testemunhas da destruição e do caos que um mal semelhante está levando ao mundo.

III. “Quem poderia ter comido meia tigela de sopa naquele reino da fome? Quase com certeza um doente grave, e, pelo lugar, também contagioso”.

“Pipeta de guerra”, em *O último Natal de guerra*

O termo “contagioso” é aqui usado em referência às péssimas condições do *Lager*, transformado em um campo da morte sob qualquer aspecto. Levi se pergunta sobre quem poderia deixar meia porção de sopa, trocada com pipetas de laboratório, chegando a identificar o sujeito como um provável doente em estado grave. De qualquer forma, sem pensar muito, ele e seu amigo Alberto comem a porção na mesma noite. Se para Alberto a sorte parecia ter sido cortês, para Levi, que diferente do amigo ainda não tinha pegado escarlatina, acontece o oposto. Vê-se na manhã seguinte lidando com a imprudência cometida, sem saber que essa seria a pequena causa que lhe salvaria a vida. Alberto, por outro lado, estando saudável, iria embora na evacuação do campo. O conto conclui-se com a última saudação que Alberto faz a Levi – obrigado, afortunadamente, a ficar com os outros doentes – antes de partir para aquela marcha da qual nunca mais voltaria.

Simone Massarella



Os hospitais continuam a salvar vidas, impedindo a marcha do coronavírus para a morte.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

IV. “Nem me passou pela cabeça que poderia mudar-me para outro quarto, para outra barraca, com menores probabilidades de contágio”.

É isto um homem?

Apesar de viver em um contato próximo com os doentes, nos últimos dez dias de *Lager* Primo Levi não pensou jamais em mudar de quarto para reduzir o perigo de adoentar-se. Talvez o motivo fosse não ter medo da morte por doença naquele momento, mas também porque começava a ver em si um pequeno brilho de humanidade. Pouco antes um de seus companheiros de quarto, Towarowski, tinha proposto aos outros doentes que oferecessem uma fatia de pão aos três homens, entre eles Levi, que tinham trabalhado para consertar a estufa. Isto pode querer dizer que nas situações difíceis emerge um senso de solidariedade.

Ilaria Palombi



Uma das tantas distribuições de comida dos voluntários da Caritas durante a pandemia: milhares de voluntários não pararam nunca de ajudar quem se encontra em dificuldades, das maiores organizações às iniciativas individuais daqueles que decidiram ajudar o próprio vizinho. Se podemos aprender qualquer coisa neste momento, é exatamente procurar fazer alguma coisa pelo próximo e não ficar indiferente aos pedidos de ajuda, muitas vezes silenciosos, que nos chegam diariamente. Aprendemos que para sobreviver à doença devemos nos isolar uns dos outros e, paradoxalmente, isso nos faz perceber o quanto viver com os outros é essencial para a nossa vida.

V. Nem me passou pela cabeça que poderia mudar-me para outro quarto, para outra barraca, com menores probabilidades de contágio.

É isto um homem?

Primo Levi, por ter contraído escarlatina, foi internado no Ka-Be [a enfermaria do campo de concentração], e como todos os outros doentes, que não podiam caminhar ou se mover, foi deixado para trás na marcha da morte. Assim iniciada uma convivência com outros homens, assim como ele doentes, e com um destino comum. Conseguiram melhorar, na medida do possível, as próprias condições de vida no *Lager*, fazendo funcionar a estufa, consertando uma janela quebrada e comendo batatas cozidas. Apesar de viver em contato próximo com os doentes, Levi não pensou em mudar de quarto para reduzir o perigo de ficar doente. Talvez porque o pensamento de morrer devido a doenças não lhe dava mais medo, ou talvez porque a morte por doença no *Lager* não era a pior que se podia imaginar.

Ludovica Biancamano

VI. “Não se tratava de raciocínio; eu também, se não me sentisse tão fraco, provavelmente seguiria o instinto do rebanho. O terror é especialmente contagioso e o ser apavorado procura, antes de tudo, a fuga”.

É isto um homem?

“História de dez dias” é o último capítulo de *É isto um homem?*. Nele, são narrados pelo escritor os últimos dias vividos no campo de Buna-Monowitz, antes da chegada do Exército Vermelho, em 27 de janeiro de 1945. Nos primeiros dias daquele mesmo mês de janeiro, os alemães, conscientes da iminente chegada dos soviéticos, decidiram evacuar o campo, levando junto os prisioneiros saudáveis, e destruir o máximo possível das provas sobre a existência do *Lager*. Levi, que tinha contraído escarlatina poucos dias antes, estava internado no Ka-Be. Quando os outros prisioneiros partiram, ele foi obrigado a ficar em Buna-Monowitz junto aos outros enfermos. Aqueles que abandonaram o campo, marcharam ao encontro da morte, enquanto os que ficaram na enfermaria até a chegada dos soviéticos conseguiram sobreviver. A citação tirada do capítulo citado no início refere-se ao terror que se espalhou no Ka-Be quando os prisioneiros descobriram a evacuação. Apesar de suas precárias condições de saúde, decidiram seguir o instinto do rebanho e deixar o campo com os alemães, não sabendo que a fuga determinada pelo medo teria, na realidade, conduzido-os exatamente à morte.

Agnello Elisabetta

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

VII. “Não se tratava de raciocínio; eu também, se não me sentisse tão fraco, provavelmente seguiria o instinto do rebanho. O terror é especialmente contagioso e o ser apavorado procura, antes de tudo, a fuga”.

É isto um homem?

Levi, doente de escarlatina e internado no Ka-Be junto a outros homens, foi visitado pelo médico grego, que confirmou a prevista evacuação do campo, da qual Levi havia informado seus companheiros no dia anterior. Estava equipado para a marcha; aqueles em condição de andar receberiam sapatos e roupas e partiriam no dia seguinte. Quando o médico saiu do quarto, dois dos meninos doentes começaram a discutir, ansiosos para sair, apesar de sua condição. Era normal, nesse caso, o indivíduo aterrorizado procurar a fuga em primeiro lugar. Vislumbravam a segurança e, da mesma forma Levi, se não estivesse tão fraco, teria desejado seguir o rebanho por causa daquele terror fortemente contagioso.

Natalia Nowicka



Em pânico devido ao crescente número de infectados por coronavírus na Lombardia, tentaram “fugir”, buscando o refúgio dos parentes no sul da Itália. Sem saber que, pouco depois, toda a península sofreria o mesmo destino do norte e que haveria uma Itália “zona vermelha”.

VIII. Procuravam-no, finalmente, os muitos oprimidos que sofreram o contágio dos opressores e inconscientemente tendiam a se identificar com eles.

Os afogados e os sobreviventes

Levi afirma que não é possível simplesmente classificar os homens como puramente bons ou puramente maus, porque, na vida de todos os dias, as situações são sempre complexas e articuladas. No *Lager* não se tinham pontos de referência, os inimigos não eram somente os nazistas, mas também aqueles que até há pouco tempo estiveram do mesmo lado; estava-se sozinho contra todos, como mônada. Entre os prisioneiros, havia a categoria dos privilegiados, aqueles que procuravam melhorar a sua condição de vida passando para o lado dos nazistas. Os mais cruéis eram os *Kapos*, os chefes das esquadras de trabalho, que tinham funções de comando sobre os outros deportados. De um lado, eram aqueles cuja oportunidade fora oferecida pelo comandante do *Lager*; por outro lado, os que aspiravam ao poder espontaneamente, contagiados pela brutalidade e pela violência dos opressores, entre os quais os sádicos, os frustrados e os oprimidos.

Riccardo D'Antrassi

IX. Procuravam-no, finalmente, os muitos oprimidos que sofreram o contágio dos opressores e inconscientemente tendiam a se identificar com eles.

Os afogados e os sobreviventes

Levi expressa a ineficácia de uma visão maniqueísta do homem opressor e oprimido: embora seja muito simples contar com uma leitura humana desse tipo, ela não levaria a resultados que coincidam com a realidade. Nos campos, podiam tornar-se *Kapos* aqueles a quem os comandantes ofereciam a possibilidade, e muitos aspiravam a tal poder espontaneamente: entre esses, sádicos, frustrados, mas também os próprios oprimidos, que, infectados pela doença dos opressores, tendiam a identificar-se com eles.

Gianmarco Scalingi

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

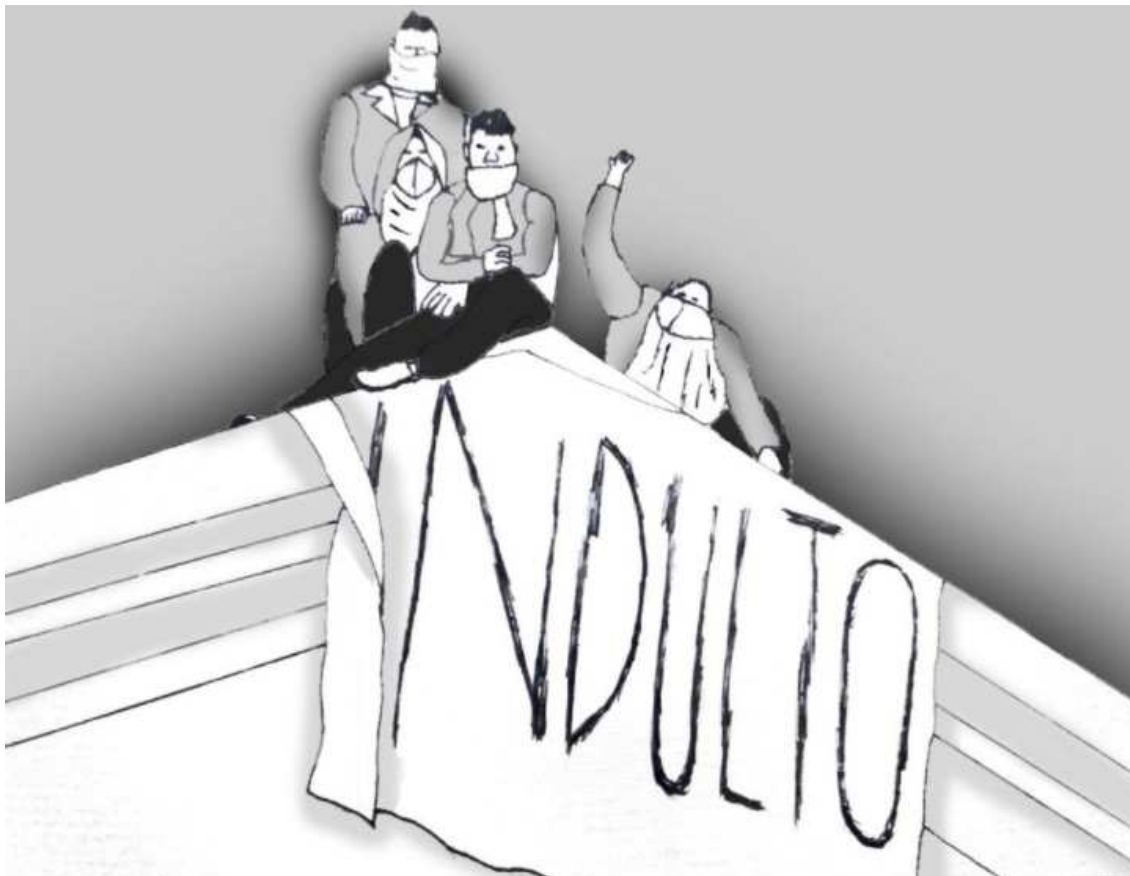


Imagem de uma revolta ocorrida na cadeia de San Vittore [prisão no centro de Milão, construída em 1872]: as condições desumanas denunciadas pelos presos deram vida a uma verdadeira rebelião, que levou alguns detentos a subir no teto da prisão em sinal de protesto contra as restrições adicionais impostas pela emergência pandêmica.

X. “As asas se formariam pouco a pouco, sem danos para o organismo, e depois outros casos aconteceriam na vizinhança, talvez entre os colegas de escola da menina, porque a coisa era contagiosa”.

“A grande mutação”, em *O último Natal de guerra*

Dessa ‘coisa contagiosa’ se fala no conto “A Grande Mutação”, datado de 21 de agosto de 1983:   causada por um vírus, nada nocivo, o qual faz crescer asas nos contaminados sem causar nenhum dano ao organismo. Surtos já haviam sido registrados em outros países, mas a paciente zero na Itália   a protagonista do conto, uma menina chamada Isabella, que, após sentir uma coceira inc moda nas costas, recebe a visita de seu médico e   informada que, em breve, poderia aprender a voar. O vírus se espalha pela vizinhança, infectando adultos e crianças, mesmo que apenas os jovens pareçam se beneficiar realmente dele. Nesse caso estranho e único, a palavra vírus não assume uma conotação negativa, pois não traz doença ou desequilíbrio, mas apenas vantagens relacionadas   capacidade de voar, símbolo de liberdade, aventura

e crescimento pessoal. O seu contágio representa uma oportunidade, dirigida em particular aos jovens, para reforçar e consolidar as relações humanas através da partilha de experiências e de um propósito comum, o de superar as adversidades derrotando todos os aspectos negativos da existência.

Sara Isotton



Dispara uma rede de solidariedade durante a pandemia: municípios, entidades, associações e voluntários de toda a Itália tomam medidas para providenciar a entrega gratuita de compras e medicamentos em casa, para as pessoas de maior risco, sobretudo os idosos mais frágeis e vulneráveis, contribuindo para conter a propagação do contágio pelo coronavírus.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

XI. “Mas se é contagiosa, é uma doença!”

“A grande mutação”, em *O último Natal de guerra*

Embora o que estivesse acontecendo com ela fosse uma verdadeira sorte, Isabella não estava muito contente com isso. Durante alguns dias a menina, protagonista do conto, andava inquieta: comia pouco, tinha um pouco febre e queixava-se de uma comichão nas costas. Ela havia sido infectada com um vírus desconhecido, do qual havia pouquíssimos casos em todo o mundo. Foi a primeira vez que na Itália acontecia uma situação do gênero; vários surtos já haviam sido observados no Canadá, Suíça e Japão. A menina estava muito preocupada, não conseguia mais dormir: suas asas logo cresceriam.

Gaia Lauretti



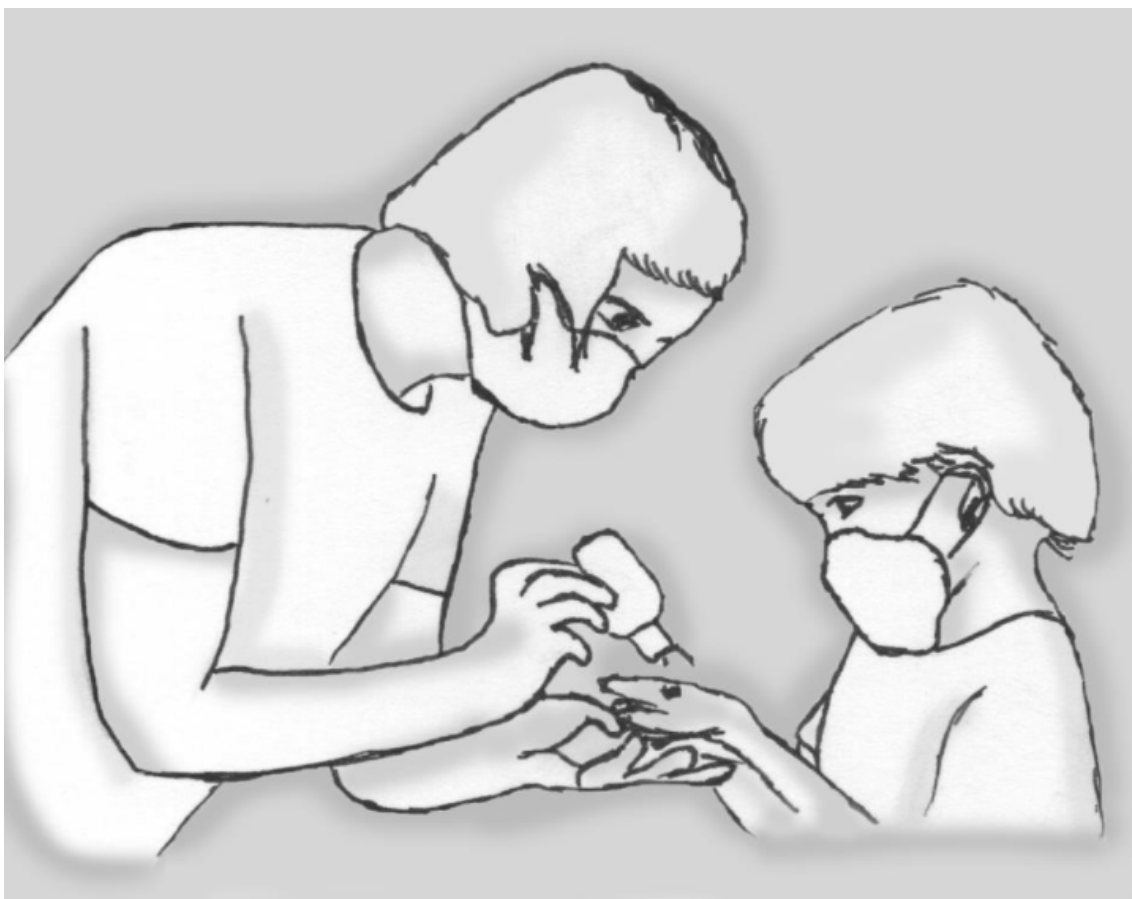
O número inferior de casos de crianças é um mistério. O vírus poderia atacar as crianças com a mesma probabilidade com a qual ataca um adulto, mas o faz de modo mais leve e quase nunca letal.

XII. “É contagiosa, parece que é um vírus, mas não é doença. Por que todas as infecções virais devem ser nocivas?”

“A grande mutação”, em *O último Natal de guerra*

Isabella, a menina protagonista do conto leviano foi infectada por um vírus que não se apresentava como uma doença, mas quase como um elemento prazeroso. O vírus já tinha sido avistado em outras partes do mundo, como no Japão e no Canadá, mas o seu era o primeiro caso registrado em toda a Itália. Tal vírus não traz uma doença mortal, mas revela-se através do crescimento de asas nas costas, tanto que é visto pela criança tanto como uma vantagem que lhe permitiria voar livremente e seguir sua fantasia, quanto como uma preocupação, ditada pela falta de conhecimento do vírus em questão, que a havia pegado totalmente despreparada.

Gianmarco Lupinetti



As crianças, pelo que demonstram os dados analíticos, parecem ser aqueles nos quais o contágio se manifesta com menor pressão e agressividade.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

XIII. “Ela gostaria de ter aprendido com o doutorzinho da previdência social: ou quem sabe as asas nascessem nele também, não tinha dito que eram contagiosas?”

“A grande mutação”, em *O último Natal de guerra*

O conto gira em torno de uma “doença”, contraída pela primeira vez na Itália por Isabella, filha de dois proprietários de uma loja. A doença é considerada muito contagiosa pelo médico e seus sintomas são um tanto bizarros: febre, coceira, pele áspera e aparecimento de cabelos duros e esbranquiçados. Apesar desses sintomas iniciais, no final a protagonista da história tem o privilégio de ter duas belas asas e de poder voar. Ter asas não é uma coisa ruim, na verdade as pessoas que contraem a doença não buscam combatê-la. Normalmente, tendemos a pensar que tudo que é contagioso é doença, como diz o pai da criança, mas o médico logo desfaz o “mito” explicando que nem tudo que é contagioso é nocivo.

Giulia Marfisa



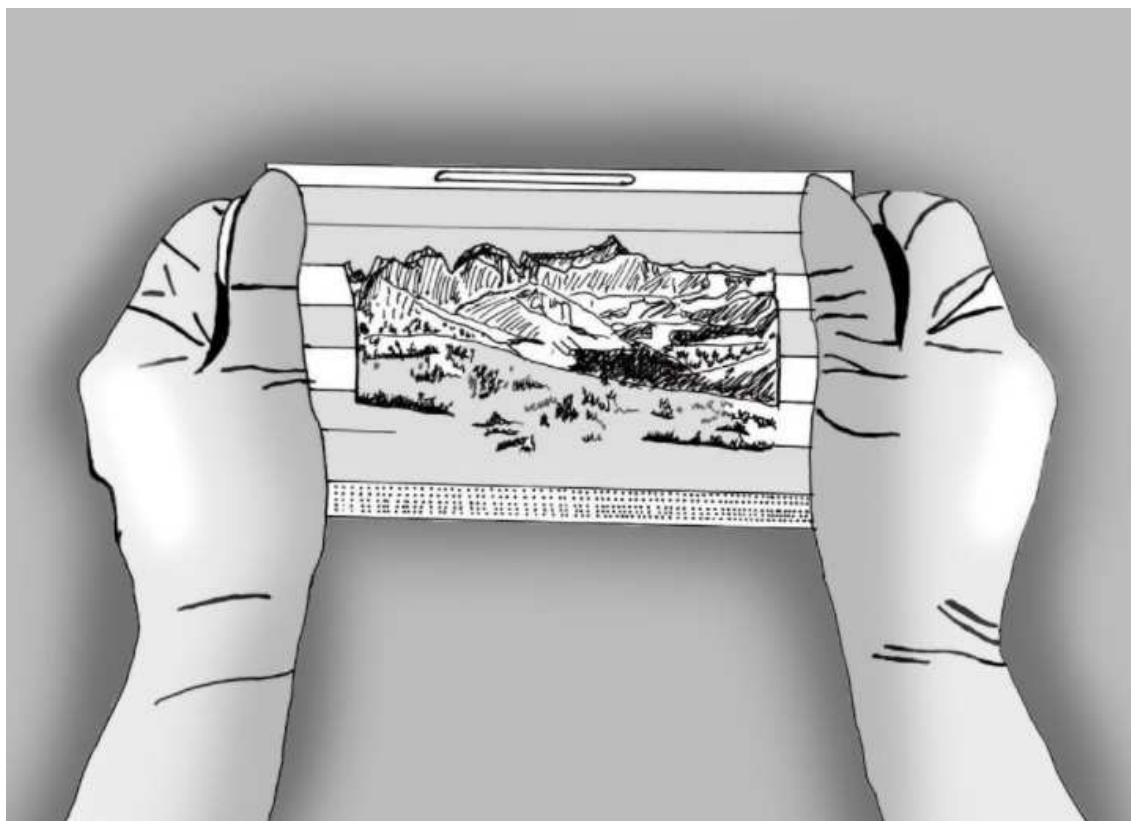
A Terra está tirando uma vantagem do vírus: a poluição parece ter estagnado em todo o planeta por causa do lockdown.

XIV. “Era seu lugar, aquele para o qual fora feito, como as marmotas cuja expressão e silvo imitava: na montanha tornava-se feliz, de uma felicidade silenciosa e contagiosa como uma luz que se acende.”

“Ferro”, em *A tabela periódica*

No capítulo “Ferro”, de onde foi retirada a citação, Levi relata sua amizade com o estudante Sandro Delmastro. Era um menino muito inteligente, de origem humilde e com uma paixão desenfreada pelas montanhas, que também consegue passar para Levi. Nesse contexto, o termo contagioso é usado, não em referência a uma doença (causada por um vírus ou bactéria), mas à felicidade, conferindo ao termo em si um significado completamente positivo, em forte contraste com os significados comuns.

Alessandro Recchia



O contagioso coronavírus distancia o homem da fonte de suas paixões, de seu centro de gravidade: a Natureza. Com o avanço do vírus o domínio destrutivo do homem se afrouxa, e a natureza, com sua imponente força criadora, retoma ruas e praças, os animais pastam livremente no espaço à sua disposição, e as Montanhas, que sempre foram fonte de espanto e do indefinido, recomeçam a respirar, momentaneamente livres da destruição humana.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

XV. “Era seu lugar, aquele para o qual fora feito, como as marmotas cuja expressão e silvo imitava: na montanha tornava-se feliz, de uma felicidade silenciosa e contagiosa como uma luz que se acende.”

“Ferro”, em *A tabela periódica*

A citação é retirada do capítulo Ferro, que conta a história de amizade entre Levi e Sandro Delmastro. Os dois estavam ligados por uma sólida e belíssima amizade, compartilhavam paixões diferentes. Levi conta como despertou o interesse pela química e pela especulação em Sandro, e como este o fez conhecer as montanhas e o prazer das coisas práticas. Levi se deixou convencer por Sandro a acompanhá-lo em tudo o que fizesse, porque tudo isso os fazia felizes: Sandro ficava feliz com a montanha, e Levi com a visão da felicidade de Sandro tão imensa, tão silenciosa e contagiante. Compartilhar é a essência da amizade e da humanidade.

Kira Bar

XVI. “[...] porque a esperança é contagiosa como a coléra”.

Se não agora, quando?

O disperso partigiano Mendel está cansado de viver como lobo há um ano, e quer se juntar ao bando de Venjamin e lutar com ele no que considera uma guerra justa. Venjamin relata duas notícias importantes anunciadas no rádio: Mussolini havia caído, mas não foi dito que a guerra terminaria tão cedo. Se eles tivessem gritado um com o outro na noite anterior, cada um convenceria o outro e estaria pronto para ser convencido, porque a esperança, a única coisa que os teria levado adiante, é contagiosa como a cólera.

Elena Desidério



“Um sorriso tranquilizador faz uma grande diferença para um paciente assustado”. Assim o médico Robertino Rodriguez explica sua decisão de imprimir uma foto sua, sorridente, para colar no traje de proteção, que muitas vezes assusta os pacientes. Assim ele deu origem ao chamado Movimento “Share Your Simle”, seguido por muitos médicos, para aliviar a angústia e dar esperança aos pacientes afetados pela COVID-19.

XVII. “Tornou-se taciturno, e como todos sabiam o quanto eram contagiosos a tristeza e o desânimo, poucos lhe dirigiam a palavra”.

Se não agora, quando?

O acampamento acolhia qualquer um, e as pessoas chegavam de longe para procurar segurança. O chefe se chamava Dov, um homem de meia idade, baixo de estatura, mas de ossos robustos e costas largas. Tinha as costas curvas e a cabeça inclinada, como se estivesse segurando uma carga, e assim acabava olhando os seus interlocutores de baixo para cima. Seus cabelos, que já tinham sido loiros, eram agora quase brancos, mas ainda grossos, cuidadosamente penteados e retamente repartidos. Dov era um corajoso, nascido em um remoto vilarejo na Sibéria Central. Já em

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

1941 prisioneiro dos alemães, conseguiu escapar e juntar-se aos partigianos. Mas em tempos de guerra envelhece-se cedo, e no campo de Turov, que era formado exclusivamente por jovens, Dov percebeu que era um fardo e, apesar de tentar ser útil na cozinha, na limpeza, nos pequenos trabalhos de manutenção, ele se sentia supérfluo. Tornou-se taciturno, e como todos sabiam o quanto eram contagiosos a tristeza e o desânimo, poucos lhe dirigiam a palavra. Porque os estados de ânimo negativos, como as doenças, tendem a se espalhar; e, como acontece com as doenças, as pessoas fazem o que podem para evitar o contágio.

Lucrezia Feula



Londres, um sem-teto com dois cartazes que diziam: “Auto-isolamento? Desculpe, mas se você não percebeu, eu sou um sem-teto... E nós, Boris [Johnson], onde vamos nos isolar? Ajuda!!!” Se antes as pessoas viravam o olhar ou apressavam o passo para evitar que aqueles em extrema angústia atrapalhassem suas vidas de sorte, agora a pandemia cuidará de limpá-los completamente de suas mentes.

XVIII. O que fazer para evitar o contágio? Ou talvez o tifo fosse transmitido somente pelos piolhos? Ninguém sabia.

Se não agora, quando?

Nessa passagem, Levi fala sobre a chegada de um grupo disperso do Exército Vermelho na cidade de Novoselki, acompanhados de um médico. O médico, que teria sido muito importante para a cidade, estava com tifo, e morreria no dia seguinte.

Após a morte, ele foi enterrado, tentando evitar o contato e, para prevenir o contágio, todos os objetos que haviam sido tocados pelo doente foram queimados, inclusive o cobertor em que ele estava envolvido.

Denis Fava

XIX. “[...] porque a esperança é contagiosa como a cólera”.

Se não agora, quando?

Quando Venjamin perguntou a Mendel por que ele queria ir com eles, o partigiano respondeu que estava cansado de viver sozinho como um lobo e tinha uma guerra justa para fazer. Então Venjamin lhe trouxe duas notícias: o Duce, Mussolini, havia caído e isso foi anunciado três vezes por todas as rádios; a outra era que a guerra não terminaria logo. Todos repetiram várias vezes em seus ouvidos para se convencerem e se fortalecerem; as coisas estavam se acertando e a esperança animava rapidamente seus corações, pois ela é tão contagiosa quanto a cólera. Assim, esses partigianos russos e poloneses não se permitiram ser subjugados e continuaram a lutar por sua liberdade.

Matteo Sepe



Um abraço entre um enfermeiro e um assistente sanitário em Wuhan; testemunha o fim parcial de um pesadelo e leva uma mensagem universal de esperança.

Primo Levi em nosso ensino à distância

Desde 5 de março [de 2020] as escolas estão fechadas devido à pandemia do coronavírus, e nós estamos fechados em casa para tentar conter o contágio. Os primeiros dias foram de espera, a desorientação tomou conta dos dias seguintes e finalmente o desânimo. Mas depois entendemos que teríamos que nos reorganizar, alunos e professores, de uma forma completamente nova e inexplorada que exigia suportes telemáticos para ensinar, para continuar ensinando, enquanto o vírus se espalhava pelo mundo ao redor, devastando vidas e atividades. E então respondemos mentalmente as práticas pendentes deixadas em nossas gavetas na escola, e voltamos ao trabalho, retomando alguns fios que ficaram suspensos, que talvez pudessem tecer outra trama.

Esses fios diziam respeito a Primo Levi, em um projeto já concebido e recém-iniciado, que na nova realidade não tinha sido mais possível levar adiante. Em um momento tão difícil de nossas vidas, aquelas palavras lidas e relidas em sala de aula voltaram com a mesma força com que as vimos, ouvimos, questionamos: o estudo da alma humana realizado por um homem que viveu uma experiência indizível, um escritor-químico, de quem lemos tantos textos em nossos anos de escola, poderia sugerir-nos uma leitura inédita da realidade que ainda estamos vivendo, por meio da chave escondida em suas palavras. Enviamos os textos por e-mail e juntos começamos uma busca por palavras levianas que pudessem nos fazer refletir e nos ajudar a encontrar um novo significado, ou explicar melhor um antigo, ou simplesmente nos fornecer um ponto de vista que não tínhamos considerado.

O vocábulo **contágio**, utilizado pelo autor em seus múltiplos significados, tornou-se a senha para entrar na epidemia em curso e apreender seus diversos aspectos, que extrapolam a dimensão científica e sanitária. Os alunos espontaneamente se atribuíram um lugar na obra leviana onde a palavra aparecia, e cada um a analisava, contextualizava, ligava-a ao presente, que se expressava por meio das inúmeras imagens que circulavam na web. A professora corrigiu e reuniu todos os textos e fotos que vinham dos jovens e, na ausência dos corpos, dos rostos, dos olhares de que tanto sente falta, parecia revê-los todos, ouvir suas vozes e sentir vivo seu entusiasmo.

Foi criado assim, quase do nada, no vazio pneumático da rede, o *Dicionário leviano ilustrado*, um trabalho didático que nos ajudou a permanecer assim ligados, mesmo que distantes, e o fez a partir de uma palavra terrível e assustadora não somente nessa fase, que assume nos textos de Levi uma medida compreensível e que, ativando uma visão lúcida e pacata, nos torna menos inseguros e angustiados.

Levi confirmou-se como uma fonte de aprendizagem linguística, científica, psi-

cológica, humana, verdadeiramente providencial nessa conjuntura duríssima. Como muitas vezes acontece, a literatura nos faz entender melhor a vida e reconhecer os valores e os recursos da humanidade.

Essa é uma experiência que se abre com a imagem de uma sala de aula vazia, e se fecha com um Primo Levi sorridente, na foto que recorda um dia de primavera, cercado por estudantes felizes depois de um encontro memorável.⁵

Roberta De Luca e os estudantes do 4º ano científico do Liceu Leonardo da Vinci de Terracina

⁵ A foto está disponível em < <http://www.novecento.org/notiziario/un-giorno-con-primo-levi-un-video-505/>>.

PRIMO LEVI É UM AUTOR NECESSÁRIO

Roberta De Luca*

* Tradução de Aislan Camargo Maciera

Em 30 de outubro passado, no prédio da Cavallerizza Reale de Turim, onde foi apresentado o volume único das *Lezioni Primo Levi*¹, essa frase foi falada mais de uma vez: “Primo Levi é um autor necessário”. Acredito que seja uma premissa indispensável para entender melhor a importância de um autor como Primo Levi no ensino e na aprendizagem. Quanto a mim, escolhi-o como ‘professor e autor’ por motivos individuais e gerais. A escolha foi feita casualmente, mas então, como muitas vezes acontece, o acaso tornou-se uma necessidade: Levi interceptou em mim aqueles temas e sentimentos que ali já estavam em potencial e os transformou em ação, permitindo-me tratar, por meio de sua grandeza, de temas que sinto também meus, e que considero centrais no exercício da minha profissão.

No plano geral, considero Primo Levi, pela experiência vivida em Auschwitz, pelo valor de seu testemunho – pacato, discreto, lúcido, sempre crível –, pela “poliedricidade” e a dimensão centauresca de químico e escritor, mas também pela alma sem divisões, o autor italiano mais representativo do século XX: digo sempre aos meus alunos que Levi está e estará para o século XX assim como Dante está para a própria época. Ele consolidou na civilização do homem dois valores imprescindíveis para toda a humanidade: a razão e a piedade. Sob essa ótica, Primo Levi não é, portanto, somente um grande autor a ser estudado, um clássico que deveria finalmente ser libertado dos estreitos módulos temáticos em que é relegado nas antologias, ou da amarra de ser um autor a ser lido em determinadas ocasiões (como, por exemplo, no Dia da Memória do Holocausto) mas, além disso, constitui uma chave de acesso à realidade, como também uma chave de leitura de tantos outros autores. Oferece ao professor uma flexibilidade didática que poucos outros escritores possuem: até mesmo nos processos didáticos configura-se como um poliedro.

1 As *Lezioni Primo Levi* [Aulas Primo Levi] é uma iniciativa do Centro Internazionale di Studi Primo Levi que, anualmente, promove o encontro de um estudioso da obra do autor com estudantes da escola secundária superior (equivalente ao Ensino Médio brasileiro). Nos encontros, o estudioso apresenta, em forma de palestra, um tema presente na obra de Levi e, no dia seguinte, reúne-se com os jovens para um debate acerca das questões levantadas. Ao todo, o Centro de Estudos já realizou dez edições do evento (de 2009 a 2018). Todos os textos apresentados nas palestras pelos estudiosos foram publicados em volumes bilíngues (italiano – inglês) pela editora Einaudi. Em 2019, ano de centenário do nascimento de Levi, a editora Mondadori publicou uma coletânea, um volume único com todas as dez *Lezioni*.

Algumas indicações operativas

Leciono no Liceu Leonardo da Vinci em Terracina, na província de Latina, e este ano tenho um terceiro clássico, um quarto e um quinto científico². Os trabalhos que apresento aqui, e que podem ser vistos na seção “Bachecca per la scuola” do site do Centro Internazionale di Studi Primo Levi (<https://www.primolevi.it/it/didattica/bachecca>), foram realizados pelo quarto e quinto científico, nos últimos quatro anos letivos. Levi, portanto, faz parte plenamente do meu quinquênio didático. Do primeiro ao quarto ano, na distribuição semanal das quatro horas das aulas de italiano, deixo uma hora de leitura: ler as obras na íntegra é essencial para se conhecer e fazer amar os textos; essa hora é flexível, e também se torna uma oficina de redação.

Digo imediatamente que a leitura dos textos “capitais” *É isto um homem?*, *A trégua* e *Os afogados e os sobreviventes* – nessa ordem – foi enfrentada pelos meus alunos na primeira, na segunda e na quarta/quinta séries, respectivamente. Na classe do primeiro ano, começo com os contos. Dos contos retirados de *Histórias naturais* e *Vício de forma* (a narrativa de “ficção-científica” de Levi), naqueles sobre animais podem ser estudados os vários aspectos de análises do texto, relativos à narratologia, às características do gênero e do subgênero, e então realizar a escrita criativa. E assim nasceram o jornalzinho *Storie naturali* [Histórias naturais] e a reportagem ecológica *Vizio di forma, reportage sul collasso ecologico planetario* [Vício de forma, reportagem sobre o colapso ecológico planetário]. O primeiro é uma reescrita do material dos contos do volume homônimo, através das diferentes tipologias (entrevista, reportagem, resenha, relatório de laboratório, artigo científico), em que são trazidos os temas que remetem a diversas questões da realidade, inclusive a referência à experiência do *Lager*, que está sempre presente, mesmo quando não é declarada; a segunda é uma reportagem resultante da observação do poluído canal cheio de ratos que corre ao lado da nossa escola. Trata-se também aqui de uma reescrita dos contos levianos, calibrada no ambiente conhecido pelos jovens, e úteis para compreender e verificar a atualidade do autor sobre o tema ecológico.

Primo Levi e a educação

Experiências e reflexões didáticas

Há dois anos inauguramos uma pequena série cujo nome, “Sezione Aurea” [Seção Áurea], remete ao logotipo de nossa escola, o Homem Vitruviano, na qual publicamos nossos trabalhos sobre Leonardo Sciascia e Primo Levi: chegamos agora ao sétimo volume. O primeiro dedicado a Levi foi o *L'Animalario fantastico leviano* [O bestiário fantástico leviano], uma espécie de bestiário moderno criado por alunos do segundo ano: em conjunto com o estudo da literatura medieval, em particular dos temas do enciclopedismo e dos bestiários, lemos as histórias do Levi etólogo, disseminadas em diversas coletâneas, que determinaram então outras conexões, como a exposição “Pensare con le mani” [Pensar com as mãos] (expressão usada por Levi em *A chave estrela*): seguindo o exemplo de Levi *homo faber*, os jovens criaram os animais do *Animalario* em papel-machê, fio de ferro e mosaicos. Também aprofundamos a atenção leviana aos animais com a leitura de uma conferência sobre intolerância racial em 1979 (na qual o autor analisa o fenômeno no mundo animal), a comparação com os animais fantásticos de Harry Potter, personagem muito amado pelos alunos, e o depoimento do motorista da editora Einaudi sobre animais em fios de cobre, feitos por Levi.

No terceiro ano, o estudo da figura de Marco Polo para a literatura italiana, e de Lucrécio para a literatura latina, foi realizado a partir dos comentários que Levi expressa nos trechos da antologia pessoal, *La ricerca delle radici* [A busca das raízes]. São textos curtos, densos e potentes, que permitem não só ter uma ideia concisa e clara dos autores escolhidos, mas também encontrar o próprio Levi em cada expressão, e relembrar os textos lidos em anos anteriores. A comparação com *As cidades invisíveis* de Italo Calvino também foi muito interessante para se estudar Marco Polo.

O segredo do átomo de carbono nasceu da leitura de *A tabela periódica* no quarto ano: os alunos imaginam que o protagonista da história que inventaram encontra, em uma gaveta de seu escritório na Siva (a empresa de tintas em Settimo Torinese onde Levi trabalhava), um texto datilografado contendo uma peça inédita (a versão de “Carbono” presente em *A tabela periódica*, 1975) da qual ele possui a versão publicada em uma revista de 1972. A partir da comparação entre os dois textos, passando pela análise das variantes, emerge a presença de um discurso oculto que revela outro nível do texto, de grande impacto cognitivo e emocional. Devo dizer que este caminho foi o mais sentido pelos estudantes e permitiu-lhes tocar num tema inusitado que é o da esfera do sagrado em Levi.

Sobre os autores

Aislan Camargo Maciera é doutor em Letras, na área de Língua, Literatura e Cultura Italianas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador de Pós-Doutorado, bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado da Capes junto ao Departamento de Letras Modernas da mesma universidade, é membro do grupo de pesquisa “Literatura Italiana Traduzida” e trabalha com a recepção e tradução da literatura italiana no Brasil, e com a recepção da literatura brasileira na Itália. Sobre Primo Levi, publicou diversos artigos e um livro, *Primo Levi: da química à literatura, do testemunho à ficção* (Editora Appris). É organizador, com Luciana Massi, da coletânea de ensaios *Caleidoscópio Primo Levi* (Editora da Unicamp).

E-mail para contato: aislan@usp.br

Carlos Sérgio Leonardo Júnior é mestrando e bolsista Capes no Programa Educação para a Ciência, na Faculdade de Ciências de Bauru (UNESP). É licenciado em Química pelo Instituto de Química de Araraquara (UNESP). Em 2019, participou da produção e da organização da exposição museográfica “Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi”. Possui experiência na área de Educação Química, com ênfase na linguagem e na Pedagogia Histórico-Crítica, com interesse na articulação entre a ciência e a literatura, no subgênero ficção científica distópica e na vida e obra de Primo Levi.

E-mail para contato: carlos.leonardo@unesp.br

Elliston Mazela da Cruz é licenciado em Química pelo Instituto de Química de Araraquara (UNESP).

Giovanna Lombardo é professora de Letras no educandário estatal “Emanuela Setti Carraro dalla Chiesa”, em Milão.

Luciana Massi é mestre, doutora e pós-doutora em Ensino de Ciências pela Universidade de São Paulo, licenciada em Química pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e professora na Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da UNESP. Pesquisa sobre Primo Levi há alguns anos, tendo coordenado a montagem da exposição museográfica “Um quimiscritor no museu: ciência, literatura e direitos humanos com Primo Levi” e orientado pesquisas de mestrado sobre o autor, cujas reflexões e resultados parciais estão materializados nos textos:

Primo Levi e a educação

Experiências e re leções didáticas

“Indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão por meio de uma exposição museográfica sobre Primo Levi” publicado na *Revista Conexão UEPG*; “A literatura de Primo Levi para a formação omnilateral no estágio de licenciandos em Química”, publicado na revista *Educação Química em Ponto de Vista*; e “Primo Levi e a divulgação da Ciência em materiais multimídia de uma exposição museográfica” publicado na revista *Química Nova na Escola*.

E-mail para contato: luciana.massi@unesp.br

Luciane Jatobá Palmieri é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Paraná. Mestra em Educação em Ciências e Matemática pela mesma instituição e licenciada em Pedagogia pela Universidade de Franca. Participa do Grupo de Pesquisa em Educação em Ciências da UFPR, e tem experiência na área de Ensino de Química.

E-mail para contato: lujpal@gmail.com

Rafaela Valero da Silva é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da UNESP, campus de Bauru, e mestre pela mesma instituição. Licenciada em Química pelo Instituto de Química da UNESP, campus de Araraquara. No mestrado, investigou a relação entre ciência e literatura para a área de Educação em Ciências, tendo como referenciais teórico-metodológicos o materialismo histórico-dialético e a Pedagogia Histórico-Crítica. Foi voluntária do Centro de Ciências de Araraquara, atuando como monitora em Química. Participa do Grupo de Estudos Marxistas em Educação da UNESP de Araraquara.

E-mail para contato: rafaela.valero@unesp.br

Roberta De Luca é professora do Liceu “Leonardo da Vinci”, em Terracina, região do Lazio.

Roberta Mori é diretora de atividades educacionais do Centro Internazionale di Studi Primo Levi, em Turim. É doutora em Literatura Italiana pela Università di Verona. É autora de um estudo sobre a representação do espaço no romance italiano, “The Representation of the Elsewhere in Twentieth-Century Italian Novels”, 2008. Contribuiu com artigos para revistas acadêmicas sobre alguns autores, como Carmelo Samonà, Dino Buzzati, Ennio Flaiano e Luigi Pirandello. Atualmente trabalha na recepção crítica da ficção científica de Primo Levi.

E-mail para contato: scuola@primolevi.it

Primo Levi, químico e escritor, deportado e sobrevivente, testemunha dos horrores dos campos de concentração nazistas, é um autor para sempre e para todos. É a partir dessa afirmação que pensamos no papel que o autor assume com a sua literatura fundada no testemunho, e que caminha por tantas outras e múltiplas direções. A obra de Levi, caracterizada pela riqueza de gêneros e temas, é fonte de reflexões e, como se vê nesta coletânea, é instrumento eficaz no contexto escolar que, cada vez mais, expõe a necessidade de uma interdisciplinaridade.

Por isso, os textos aqui reunidos apresentam experiências e reflexões didáticas suscitadas na leitura e análise dos escritos de Primo Levi, e têm a intenção de instigar o surgimento de novas ideias, reflexões e experiências no âmbito das escolas e universidades.